



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE – CCBS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM E BIOCÊNCIAS
PPGENFBIO**

Fernanda Teles Morais do Nascimento

A construção do conceito “cuidado de enfermagem” (1860- 1922)

Rio de Janeiro
2015

Fernanda Teles Morais do Nascimento

A construção do conceito “cuidado de enfermagem” (1860- 1922)

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Biociências. Área de Concentração: ENFERMAGEM, BIOCIÊNCIAS, SAÚDE, AMBIENTE E CUIDADO.

Orientador: Prof. Dr. Wellington Mendonça de Amorim

Rio de Janeiro
2015

N244 Nascimento, Fernanda Teles Morais do.
A construção do conceito “cuidado de enfermagem” (1860-1922) /
Fernanda Teles Morais do Nascimento, 2015.
150 f. ; 30 cm

Orientador: Wellington Mendonça de Amorim.
Tese (Doutorado em Enfermagem e Biociências) – Universidade
Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

1. Enfermagem. 2. Cuidados de Enfermagem. 3. História da
Enfermagem. I. Amorim, Wellington Mendonça de. II. Universidade
Federal do Estado do Rio de Janeiro. Centro de Ciências Biológicas e de
Saúde. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Biociências.
III. Título.

CDD – 610.73

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese em primeiro lugar a Deus, que esteve à minha frente e me amparou ao longo desses três anos. Ao meu filho, Enzo, gerado e nascido durante esse período, que com seu sorriso e carinho, revigora minhas forças e me dá ânimo para enfrentar as lutas diárias. Ao marido, amigo e companheiro Daniel, aos maravilhosos pais, Ligia e Carlos, e minha avó Ivone, por todo o apoio e dedicação a mim e por todas as palavras e gestos de carinho, amor e incentivo. E ao meu mestre, orientador, incentivador e grande amigo Dr. Wellington Mendonça de Amorim.

AGRADECIMENTOS

A Deus por todas as bênçãos concedidas, por estar à minha frente e guiar meus passos, por me capacitar e cumprir em minha vida todas as suas promessas e por ser meu refúgio e fortaleza nos momentos de fraqueza.

Ao meu filho Enzo, que me acompanhou no doutorado desde o ventre, e apresentou o que julgo ter sido o meu maior desafio até o momento que é ser Mãe, me provou que maternidade não é e nunca será um empecilho. E por fim, me ensinou o mais puro e lindo dos sentimentos, o incondicional amor de Mãe.

Aos meus pais que me deram a vida e transmitiram ensinamentos que me fizeram a pessoa e profissional que sou hoje. Pelo apoio, incentivo e por partilharem alegrias e tristezas.

Ao meu amado esposo, Daniel, que esteve ao meu lado durante toda minha trajetória acadêmica, compartilhando alegrias, tristeza, medos ansiedades e, sobretudo, estresse. Obrigado por fazer parte da minha história.

À minha avó Ivone, aos meus irmãos Rafael e Kadu, aos meus sogros, Eliana e Alcemar, às minhas cunhadas Aline, Mary e Leandra, ao meu cunhado Francisco e minha sobrinha Maria Eduarda por todo apoio e carinho.

Ao meu querido professor e amigo Wellington, por ter acreditado em mim, enquanto ainda estudante de graduação e me acompanhado no mestrado e doutorado. Por todos os ensinamentos, por ter partilhado seu conhecimento e experiência que contribuíram para minha formação profissional.

Aos meus amigos do Curso de Enfermagem e Obstetrícia da UFRJ/Macaé, ao qual tenho orgulho de fazer parte, Gizele, Leila, Michella, Flávia, Ítalo, Bia e em especial, Inês, pela parceria, amizade e apoio.

Aos professores da EEAP/ UNIRIO, especialmente, Dr. Osnir, Dr. Fernando e Dr. Pellon, por terem contribuído com seus conhecimentos para elaboração da tese.

Aos membros da banca, titulares e suplentes, que generosamente aceitaram nosso convite, pelas contribuições enriquecedoras.

A todos meu carinho e muito obrigada!”

RESUMO

NASCIMENTO, Fernanda. A construção do conceito “cuidado de enfermagem” (1860- 1922). 2015. 180 f. Tese (Doutorado em Enfermagem e Biociências) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Biociências, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

O estudo tem como objeto os efeitos/processo da construção do conceito de cuidado de enfermagem a partir das bases teóricas de Florence Nightingale para demarcar uma das dimensões científicas da disciplina Enfermagem (1860-1922). Foram definidos, como objetivos: compreender o contexto ao qual se articula uso do conceito de cuidado de enfermagem, a partir de um conjunto de textos comparáveis/ relacionados aos termos enfermeiro/enfermagem (Nurse/Nursing); analisar as mudanças e permanências no conjunto de significados do conceito cuidado de enfermagem, a partir das bases teóricas de Florence Nightingale e suas repercussões; e, discutir a experiência de Florence Nightingale para a construção do conceito de cuidado de enfermagem para o desenvolvimento da enfermagem como profissão de prática científica. Utilizou-se como proposta metodológica, a História dos conceitos proposta por Reinhart Koselleck, que tem por objetivo restituir a complexa trama de acontecimentos que torna possível o uso linguístico contemporâneo de um conceito utilizado em outra época cronológica. Para a composição do espaço de experiência utilizamos, o livro “Notes on nursing: What it is, and what is not” de autoria de Florence Nightingale, publicado em 1860; edições no período de 1841 até 1934 do dicionário de língua inglesa “An American Dictionary of the English Language”; edições de 1841 até 1922 da “The Encyclopaedia Britannica” e as edições de 1884 e 1902 do dicionário médico “Quain’s Dictionary of Medicine”. A reconstrução histórica do conceito de cuidado de enfermagem, mediante análise dos documentos selecionados, nos proporcionou um entendimento preciso dos seus variados significados, conteúdos, importância, das transformações sofridas e da disputa envolvida. Evidenciando a existência de diversas camadas temporais, mostrando que o conceito tem uma estrutura temporal complexa. Na qual as propriedades do cuidado atribuído à palavra enfermeiro(a) se alteram de acordo com o momento de sua utilização, deixando claro o seu caráter dinâmico. Constatamos que alguns dos significados e atributos, que posteriormente dariam origem conceito de cuidado de enfermagem, tem suas bases alicerçadas nos escritos de Florence Nightingale. Porém, o “cuidado de enfermagem” como objeto da enfermagem, bem como a forma com que o termo vem sendo utilizado e reproduzido na atualidade, data de um período posterior à essa experiência.

Palavras-chave: História da Enfermagem. Cuidados de Enfermagem. Enfermagem

ABSTRACT

The study has as object the construction effects/process of nursing care concept from the theoretical bases of Florence Nightingale to demarcate one of the scientific dimensions of the nursing discipline (1860 – 1922). Were defined as objectives: understand the context to which articulates the use of the concept of nursing care, from a set of comparable texts related to nurse/nursing terms; analyze the changes and continuities in the meanings of the term nursing care, from the theoretical bases of Florence Nightingale and its impact; and, discuss the experience of Florence Nightingale to the construction of the concept of nursing care for the development of nursing as a profession of scientific practice. It was used as a methodological approach, the history of the concepts proposed by Reinhart Koselleck, which aims to restore the complex Web of events that makes it possible to use contemporary language of a concept used in other chronological era. For the composition of space of experience we use, the book “Notes on nursing: What it is, and what is not” by Florence Nightingale, published in 1860; editions in the period 1841 until 1934 of the dictionary “An American Dictionary of the English Language”; editions of 1841 until 1922 of “The Encyclopaedia Britannica”, and the editions of 1884 and 1902 of “Quain’s Dictionary of Medicine”. The historical reconstruction of the concept of nursing care through analysis of selected documents, favored the exact understanding of their varied meanings, content, importance, of transformations suffered by him and of the dispute involved. Demonstrating the existence of several temporal layers, showing that the concept has a complex temporal structure. In which the care properties assigned to the word nurse change according to the time of its use, stating its dynamic character. We note that some of the meanings and attributes, that later would give origin to concept of nursing care, have your bases structured in the writings of Florence Nightingale. However, the nursing care as an object of nursing, as well as the way that the term has been used and reproduced today, dates back to a period subsequent of your experience.

Keywords: History of Nursing. Nursing Care. Nursing

Fernanda Teles Morais do Nascimento

A construção do conceito “cuidado de enfermagem” (1860- 1922)

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Biociências, Área de Concentração: ENFERMAGEM, BIOCÊNCIAS, SAÚDE, AMBIENTE E CUIDADO

Aprovada em 16 de dezembro de 2015.

Banca examinadora:

Dr. Wellington Mendonça de Amorim – UNIRIO
Presidente

Dr. Pedro Spinola Pereira Caldas – UNIRIO
1º Examinador

Dr. Franklin Alves Dassié – UFF
2º Examinador

Dra. Dra. Leila Rangel da Silva – UNIRIO
3º Examinador

Dr. Fernando Rocha Porto – UNIRIO
4º Examinador

Rio de Janeiro
2015

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Capa, prefácio e fragmento retirado do prefácio do “The Imperial Lexicon of the English Language”, 1852..	56
Imagem 2 - Capa, prefácio e fragmento retirado do prefácio do “The Imperial Dictionary”, 1861.....	57
Imagem 3 - Termo nurse no “The Imperial Lexicon of the English Language”, 1853.....	59
Imagem 4 - Termo nurse no “An American Dictionary of de English Language”, 1852.....	59
Imagem 5 - Termo nurse no “The Imperial Dictionary”, 1861.....	59
Imagem 6 - Termo nurse no “An American Dictionary of the English Language”, 1861.....	59
Imagem 7 - Capa, página do termo nurse e fragmento com ampliação do termo nurse no “An American Dictionary of the English Language”, 1841.....	61
Imagem 8 - Ampliação do fragmento do Termo nurse no “An American Dictionary of the English Language”, de 1841, 1842 e 1846, respectivamente.....	63
Imagem 9 - Capa, página com o termo “nurse” e ampliação do fragmento do termo nurse no “An American Dictionary of the English Language”, 1848.....	64
Imagem 10 - Ampliação do fragmento do Termo nurse no “An American Dictionary of the English Language”, de 1848, 1852 e 1854, respectivamente..	65
Imagem 11 - Capa, página com o termo “nurse” e ampliação do fragmento do termo nurse no “An American Dictionary of the English Language”, de 1861.....	66
Imagem 12 - Capa, página com o termo “nurse” e ampliação do fragmento do termo nurse no “An American Dictionary of the English Language”, de 1865.....	67

Imagem 13 - Capa, página com o termo “nurse” e ampliação do fragmento do termo nurse no “An American Dictionary of the English Language”, de 1879.....	69
Imagem 14 - Capa, página com o termo “nurse” e ampliação do fragmento do termo nurse no ““Webster International Dictionary the English Language””, de 1895.....	70
Imagem 15 - Capa, página com o termo “nurse” e ampliação do fragmento do termo nurse no “Webster’s New International Dictionary of the English Language”, de 1958.....	71
Imagem 16 - Novo Diccionario Critico e Etymológico de Lingua Portugueza (1863, p. 466); Novo Diccionário da Língua Portuguesa de Candido de Figueiredo (1911, p. 636)...	72
Imagem 17 - Capa do Livro “Notes on nursing: What it is, and what is not”, 1860.....	74
Imagem 18 - Prefácio do Livro “Notes on nursing: What it is, and what is not”, 1860, p.3 - 4.....	76
Imagem 19 - Livro Notes on nursing: What it is, and what is not, 1860, p.139.....	77
Imagem 20 - Fragmentos retirados do Livro “Notes on nursing: What it is, and what is not”, 1860, p. 17, 20, 83, 14 e 20 respectivamente.....	78
Imagem 21 - Fragmento retirado do livro “Notes on nursing: What it is, and what is not”, 1860, p. 8.....	79
Imagem 22 - Fragmento do livro “Notes on nursing: What it is, and what is not”, 1860, p. 8.	79
Imagem 23 - Fragmento do livro “Notes on nursing: What it is, and what is not”, 1860, p. 8.	80
Imagem 24 - Fragmento do livro “Notes on nursing: What it is, and what is not”, 1860, p. 9.	81
Imagem 25 - Livro “Notes on nursing: What it is, and what is not”, 1860, p. 127-128.	82

Imagem 26 - Fragmento do livro “Notes on nursing: What it is, and what is not”, 1860, p. 9.....	83
Imagem 27 - Fragmento do livro “Notes on nursing: What it is, and what is not”, 1860, p. 9-10.	84
Imagem 28 - Fragmentos do livro “Notes on nursing: What it is, and what is not”, 1860, p. 12 e 16.	84
Imagem 29 - Fragmento do livro “Notes on nursing: What it is, and what is not”, 1860, p. 34.	85
Imagem 30 - Fragmento do Livro “Notes on nursing: What it is, and what is not”, 1860, p. 42.	86
Imagem 31 - Fragmento do livro “Notes on nursing: What it is, and what is not”, 1860, p. 47.....	86
Imagem 32 - Fragmento do livro “Notes on nursing: What it is, and what is not”, 1860, p. 75.....	87
Imagem 33 - Fragmento do livro “Notes on nursing: What it is, and what is not”, 1860, p. 105.....	89
Imagem 34 - Fragmento do livro “Notes on nursing: What it is, and what is not”, 1860, p. 113.	89
Imagem 35 - Fragmentos do livro “Notes on nursing: What it is, and what is not”, 1860, p. 125-126.	90
Imagem 36 - Capa do “A Dictionary of Medicine”, 1884 e “Quain’s Dictionary of Medicine”, 1902.	91
Imagem 37 - Fragmento retirado do verbete training of nurses no “A Dictionary of Medicine”, 1884, p. 1038.....	93
Imagem 38 - Fragmento retirado do verbete training of nurses do “A Dictionary of Medicine”, 1884, p. 1038.....	94
Imagem 39 - Fragmento retirado do verbete training of nurses do “A Dictionary of Medicine”, 1884, p. 1039.....	94
Imagem 40 - Fragmento retirado do verbete training of nurses do “A Dictionary of Medicine”, 1884, p. 1039.	95
Imagem 41 - Fragmento retirado do verbete training of nurses do “A Dictionary of Medicine”, 1884, p.1042.....	97

Imagem 42 - Fragmento retirado do verbete training of nurses do “A Dictionary of Medicine”, 1884, p. 1043.	98
Imagem 43 - Fragmento retirado do verbete training of nurses do “A Dictionary of Medicine”, 1884, p.1043.	99
Imagem 44 - Fragmento retirado do verbete training of nurses do “A Dictionary of Medicine”, 1884, p. 1043.	98
Imagem 45 - Fragmento retirado do verbete nursing the sick do “A Dictionary of Medicine”, 1884, p. 1043.	99
Imagem 46 - Fragmento retirado do verbete nursing the sick do “A Dictionary of Medicine”, 1884, p.1043.	100
Imagem 47 - Fragmento retirado do verbete nursing the sick do “A Dictionary of Medicine”, 1884, p. 1044.	102
Imagem 48 - Fragmento retirado do verbete nursing the sick do “A Dictionary of Medicine”, 1884, p. 1044.	103
Imagem 49 - Fragmento retirado do verbete nursing the sick do “A Dictionary of Medicine”, 1884, p. 1046.....	104
Imagem 50 - Fragmento retirado do verbete nursing the sick do “Quain’s Dictionary of Medicine”, 1902, p. 1100.....	104
Imagem 51 - Fragmento retirado do verbete nursing the sick do “Quain’s Dictionary of Medicine”, 1902, p. 1100.....	105
Imagem 52 - Fragmento retirado do verbete nursing the sick do “Quain’s Dictionary of Medicine”, 1902, p.1100.	105
Imagem 53 - Fragmento retirado do “Quain’s Dictionary of Medicine”, 1902, p. 1100.....	106
Imagem 54 - Fragmento retirado do verbete nursing the sick do “Quain’s Dictionary of Medicine”, 1902, p.1101.....	108
Imagem 55 - Fragmento retirado do verbete nursing the sick do “Quain’s Dictionary of Medicine”, 1902, p, 1102.....	110
Imagem 56 - Capa da “The Encyclopaedia Britannica”, vol XVI, 1842.....	113
Imagem 57 - Fragmento retirado da “The Encyclopaedia Britannica”, 1842, p.311.....	114
Imagem 58 - Capa da nona e décima edição e página onde consta	

	a descrição do termo “nursing” e o fragmento ampliado na “The Encyclopaedia Britannica”, 1902.....	115
Imagem 59 -	Fragmento retirado da “The Encyclopaedia Britannica”, 1881, Vol. XII, p. 305.....	116
Imagem 60 -	Fragmento retirado da “The Encyclopaedia Britannica”, 1881, Vol. XII, p. 305.....	117
Imagem 61 -	Fragmento retirado da “The Encyclopaedia Britannica”, 1881, Vol. XII, p. 305.....	117
Imagem 62 -	Fragmento retirado da “The Encyclopaedia Britannica”, 1881, Vol. XII, p. 305.....	117
Imagem 63 -	Capa e página com descrição dos verbetes “Nurse” e “Nursing” na “The Encyclopaedia Britannica”, vol XVI, 1911.....	118
Imagem 64 -	Definição do verbete “nurse” na décima primeira edição da “The Encyclopaedia Britannica” vol. XIX, 1911, p. 914.	118
Imagem 65 -	Verbete “nursing” na “The Encyclopaedia Britannica” 11ªed. Vol. XIX, 1911, p. 914.....	119
Imagem 66 -	Verbete “nursing” na “The Encyclopaedia Britannica” 11ªed. Vol. XIX, 1911, p. 914.....	119
Imagem 67 -	Verbete “nursing” na “The Encyclopaedia Britannica” 11ªed. Vol. XIX, 1911, p. 914.....	120
Imagem 68 -	Verbete “nursing” na “The Encyclopaedia Britannica” 11ªed. Vol. XIX, 1911, p. 914.....	120
Imagem 69 -	Verbete “nursing” na “The Encyclopaedia Britannica” 11ªed. Vol. XIX, 1911, p. 914.....	121
Imagem 70 -	Verbete “nursing” na “The Encyclopaedia Britannica” 11ªed. Vol. XIX, 1911, p. 915.....	121
Imagem 71 -	Verbete “nursing” na “The Encyclopaedia Britannica” 11ªed. Vol. XIX, 1911, p. 915.....	122
Imagem 72 -	Verbete “nursing” na “The Encyclopaedia Britannica” 11ªed. Vol. XIX, 1911, p. 915.....	122

Imagem 73 -	Verbetes “nursing” na “The Encyclopaedia Britannica” 11ªed. Vol. XIX, 1911, p. 917.....	125
Imagem 74 -	Verbetes “nursing” na “The Encyclopaedia Britannica” 11ªed. Vol. XIX, 1911, p. 917.....	126
Imagem 75 -	Verbetes “nursing” na “The Encyclopaedia Britannica” 11ªed. Vol. XIX, 1911, p. 917.....	126
Imagem 76 -	Capa do volume XXXI da “The Encyclopaedia Britannica”, 1922, p. 1163.....	127
Imagem 77 -	Fragmento ampliado do verbete nursing da “The Encyclopaedia Britannica”, 1922, p. 1163.....	128
Imagem 78 -	Fragmento ampliado do verbete “nursing” da “The Encyclopaedia Britannica”, Vol XXXI, 1922, p.1164.....	130
Imagem 79 -	Fragmento ampliado do verbete “nursing” da “The Encyclopaedia Britannica”, Vol XXXI, 1922, p.1164.....	131
Imagem 80 -	Fragmento ampliado do verbete “nursing” na “The Encyclopaedia Britannica”, Vol XXXI, 1922, p.1164.....	132

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Características da formação da enfermeira na Inglaterra.....	96
Quadro 2 - Principais atividades realizadas pelas enfermeiras nos hospitais.....	101
Quadro 3 - Atividades relacionadas à aplicação de remédios desempenhadas por enfermeiras.....	107
Quadro 4 - Outros deveres da enfermagem.....	109
Quadro 5 - Características do sistema de ensino de enfermagem na Grã-Bretanha.....	124
Quadro 6 - Qualificação para ser uma Queen Nurse.....	124
Quadro 7 - Características das principais escolas de formação de enfermeiras.....	128
Quadro 8 - Áreas especializadas de atuação da enfermagem e suas características na Inglaterra, 1922.....	129
Quadro 9 - Três grandes áreas de atuação da enfermagem nos EUA.....	132

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	15
1	ESTADO DO CONHECIMENTO	23
2	OPERAÇÃO METODOLÓGICA NA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA DOS CONCEITOS	32
2.1	Aspecto conceitual da História dos Conceitos.....	32
2.2	Procedimentos Operativos	41
3	CONTEXTO POLÍTICO E ECONÔMICO DA INGLATERRA VITORIANA	46
4	A BUSCA DO CUIDADO A PARTIR DA DINÂMICA DO CONCEITO POR TRÁS DA PALAVRA “NURSE” EM UM DICIONÁRIO DE LÍNGUA INGLESA	54
4.1	As camadas temporais do termo “nurse” no Dicionário Americano de Língua Inglesa (1841-1934).....	60
5	O CUIDADO DE ENFERMAGEM NO LIVRO NOTAS DE ENFERMAGEM DE FLORENCE NIGHTINGALE – 1860	73
6	NOTAS SOBRE O TREINAMENTO DAS ENFERMEIRAS E A ENFERMAGEM AOS DOENTES DESCRITOS POR FLORENCE NIGHTINGALE NO “A DICTIONARY OF MEDICINE”	91
6.1	Notas sobre o treinamento de enfermeiras.....	92
6.2	Notas sobre a Enfermagem aos doentes descritas no “A Dictionary of Medicine”.....	99
7	A POPULARIZAÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE A ENFERMAGEM E SEU CUIDADO NA “THE ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA”	112
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	134
	REFERÊNCIAS	139
	ANEXO A	148
	ANEXO B	150

INTRODUÇÃO

Durante minha formação acadêmica na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, ouvi inúmeras vezes a afirmativa que a enfermagem é uma “ciência em vias de se fazer” e que seu objeto de estudo é o “cuidado de enfermagem”. Outorgando a Florence Nightingale o crédito de reformular essa prática e profissionalizá-la nos moldes da ciência moderna, na qual toma o cuidado como próprio da profissão e principal função do enfermeiro.

Ao longo dos anos, com o amadurecer profissional vindo da prática e com a evolução das discussões a respeito da história dos conceitos realizadas no âmbito do Laboratório de Abordagens Científicas na História da Enfermagem (LACENF), surgiu o interesse em saber como se deu o processo de construção histórica do conceito de cuidado de enfermagem, que na atualidade está constantemente presente na fala de profissionais e pesquisadores da área e entendido como próprio da enfermagem, a partir da publicação do livro de Florence Nightingale “Notes on Nursing: What it is, and what it is not” publicado em 1860. E assim, confirmar ou refutar a hipótese deste estudo, de que o conceito de cuidado de enfermagem como entendemos na atualidade tem suas bases alicerçadas nos escritos de Florence Nightingale.

A ciência moderna foi diretamente influenciada pelo Renascimento e Iluminismo, tendo como um dos pontos relevantes a subversão da crença religiosa, onde há a quebra da subordinação da Ciência à Religião, predominando no meio científico, uma mentalidade laica e positiva, da razão sobre a fé, onde a razão e a ciência eram as bases para a compreensão do mundo e o indivíduo como o centro do conhecimento universal. Assim, o conhecimento científico seria resultante de um processo investigativo e metodológico que objetivava conhecer e compreender fenômenos pela acumulação de novos conhecimentos adquiridos, pelo avanço teórico e experimental e pelo desenvolvimento do pensamento científico.

Na efervescência das ideias provenientes desses movimentos, em meados do século XIX, Florence Nightingale, mulher de grande capital intelectual e com uma visão a frente de seu tempo, após se aprofundar nos estudos sobre a prática de enfermagem passando por escolas como a das diaconisas na Alemanha, pôs em prática durante a guerra da Crimeia seus conhecimentos de higiene, gerência e

organização de ambiente nos hospitais. Colhendo os frutos do seu trabalho e reconhecimento, cria a escola de enfermeiras do Hospital de St. Tomas, para a formação dessas profissionais em 1860. A partir de então, surge a chamada enfermagem moderna.

Para Carvalho¹ (2009), a disciplina *enfermagem*, concebida no modelo² nightingaleano a partir dos fundamentos ou princípios básicos, se constitui como uma ruptura entre os estados do pré-saber e saber científico, ou como um “corte epistemológico” entre o que era feito antes e o que se passou a ser feito depois. Essa assertiva descarta as experiências anteriores, bem como outros modelos existentes à época como o francês e alemão.

Assim, no entendimento de alguns autores da enfermagem, no ângulo filosófico, as afirmativas primeiras do saber e conhecimento da enfermagem são conferidas pelos princípios básicos da enfermagem moderna. Podendo ser definido, então, o cuidado de enfermagem como objeto de estudo ou objeto de trabalho da profissão.

Com base nos estudos realizados para a construção da tese intitulada: “Estudo do Saber de Enfermagem e sua Dimensão Prática” (1984) de autoria de Maria Cecília Puntel de Almeida e Rocha, o desenvolvimento científico-tecnológico na área da Saúde e, na Enfermagem, impôs à profissão adequar sua prática à base de conhecimentos da área médica em lugar de práticas baseadas na “intuição e na experiência” (ROCHA, 1986). Assim, para os autores, a procura da fundamentação científica nos induziria também atentar para a necessidade de melhor definir a prática da enfermagem e o seu objeto – cuidado de enfermagem.

Nessa mesma linha de pensamento, Silva e colaboradores (2009) realizaram uma reflexão sobre os aspectos epistemológicos do cuidado e do conforto como

¹Cabe aqui fazer uma apresentação da Professora Vilma de Carvalho que é Professora Emérita UFRJ. Professora Titular de Enfermagem de Saúde Pública EEAN/UFRJ (Aposentada). Licenciada em Filosofia UERJ. Atuando principalmente com os seguintes temas: Enfermagem, Documentos Históricos, Políticas de Saúde, Fontes Primárias e História da Enfermagem (<http://lattes.cnpq.br/6151633305138472>).

² Modelo segundo definição do Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano (2007) é uma das espécies fundamentais de conceitos científicos, que consiste na disposição caracterizada pela ordem dos elementos de que se compõe, e não pela natureza desses elementos. E, para ser útil ele deve ter as seguintes características: 1) simplicidade, para que seja possível sua definição exata; 2) possibilidade de ser expresso por meio de parâmetros suscetíveis de tratamento matemático; 3) semelhança ou analogia com a realidade que se destina a explicar.

objetos de conhecimento em Enfermagem³, afirmam que a Enfermagem como disciplina/conhecimento, ainda tem seus saltos intimamente ligados ao seu *fazer*, carecendo de um *espírito* mais questionador que possa, por meio da produção de conhecimento, buscar evidências de que o cuidado é um objeto real de investigações capazes de contribuir para construção de uma Enfermagem ciência.

Nessa perspectiva de Silva e colaboradores (2009), seria necessário evitar entender o cuidado de enfermagem como objeto menos importante ao ponto de perdê-lo no processo de diferenciação e classificação das ciências. Mas, pensar esse objeto de conhecimento como também, de prática, sendo ele o objeto positivo que pode completar os paradigmas do modelo biomédico que ignoram as relações ecológicas e a complexidade do ser humano.

A fala insistente de diversos autores da enfermagem apontando a importância em focar o cuidado como um objeto epistemológico da enfermagem, se explica pela necessidade em atender os critérios científicos para a definição de uma profissão, dentre eles a definição de seu objeto de estudo, ou epistemológico.

Para Carvalho (2009) no plano epistemológico a Enfermagem como disciplina de ensino e de prática profissional emergiu da concepção de Florence Nightingale e se consagrou pela Escola Nightingaleana. Evidenciando-se assim como o saber e o que fazer das enfermeiras, explicando-se por conceitos distintos entre a simples ordem imediata do estado pré-científico no modo de assistir aos enfermos e o estado de prática científica firmado em sua proposta de enfermagem moderna. Delimitando com a visão dominante na enfermagem ocidental a qual influenciou a criação das entidades internacionais entre elas o International Council of Nurses⁴, fundado em 1899 e que atualmente conta com afiliação de associações nacionais de enfermeiros de mais de 130 países.

Nesta crença de Carvalho (2004) um dos conceitos mais relevantes dessa disciplina é o de "*cuidado de enfermagem*", objeto da moderna concepção de enfermagem, e tido como um dos elementos do sistema Nightingaleano que serviram à justificação da enfermagem como profissão de prática científica.

³ Os autores utilizam como referência para o estudo da história das ciências Bachelard, Canguilhem, Foucault e Kuhn.

⁴ O Conselho Internacional de Enfermeiros é uma federação de mais de 130 associações nacionais de enfermeiros, que representa mais de 16 milhões de enfermeiros em todo o mundo. Fundado em 1899, o Conselho Internacional de Enfermeiros é a primeira e mais ampla organização internacional do mundo para profissionais de saúde (Disponível em: <http://www.icn.ch/who-we-are>).

Na perspectiva defendida pelos autores até aqui citados, onde o cuidado é aplicado como sendo próprio da enfermagem, chega-se até mesmo a considerar que o termo “cuidado”, nos dias atuais, está em meio a uma “desordem terminológica”, como afirma Vilma de Carvalho

O termo “cuidado” explodiu em uma tremenda desordem terminológica, espécie de caos epistemológico, tantas são as variações do uso da palavra “cuidado” no âmbito das várias profissões que se identificam agora com a enfermagem (2009, p. 409).

Entretanto, na ótica da história conceitual, tomando como base os estudos sobre a história dos conceitos do historiador alemão Reinhart Koselleck, os conceitos são influenciados pela realidade. De maneira que, o contexto da época na qual são utilizados podem tencioná-los ao ponto até mesmo de modificá-los e assim, ao longo dos anos novos atributos e definições podem ser agregados ou excluídos aos conceitos.

De acordo com dicionários de filologia, a palavra cuidado, que vem do latim, possui duas derivações. Para uns, ela tem sua origem primitiva no termo *coera*, que significa cura, e expressa atitude de cuidado, de desvelo, de preocupação e de inquietação pelo objeto ou pela pessoa amada. Em outros, a palavra “cuidado” deriva termo latim *cogitare-cogitatus*, que tem o mesmo sentido de cura: cogitar e pensar no outro, colocar a atenção nele, mostrar interesse por ele e revelar uma atitude de desvelo, até de preocupação pelo outro.

Na perspectiva de Boff⁵ (2005), que é teólogo, o cuidado significa, desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato. Dessa forma, o cuidado surge somente quando a existência de alguém tem importância para o outro, sugerindo um modo-de-ser mediante o qual a pessoa sai de si e se centra no outro com desvelo e solicitude.

Cuidar implica colocar-se no lugar do outro, em situações diversas, quer na dimensão pessoal, quer na social. É um modo de estar com o outro, em todas as etapas da vida, do nascimento até sua morte. Para compreender o valor do cuidado de enfermagem requer a valorizar a própria vida para respeitar a do outro em sua

⁵ Leonardo Boff, filósofo e teólogo, que traz entre a sua vasta produção literária, trabalhos que estudam o termo cuidado em português, entre eles: “Saber cuidar: Ética do Humano-Compaixão pela Terra” (1999). Boff, doutorou-se em teologia pela Universidade de Munique. Foi professor de teologia sistemática e ecumênica com os Franciscanos em Petrópolis e depois professor de ética, filosofia da religião e de ecologia filosófica na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Conta-se entre um dos iniciadores da teologia da libertação (<https://leonardoboff.wordpress.com/sobre-o-autor/>).

complexidade, suas escolhas, inclusive a escolha da enfermagem como uma profissão (SOUZA et al., 2005).

Watson⁶ (2009), teórica da enfermagem, afirma que o cuidar está presente na sociedade há milênios e na enfermagem a noção de “cuidar” faz parte toda a sua história. Nas últimas décadas, o cuidar humano profissional vem sendo reconhecido de maneira crescente como a essência e o núcleo da enfermagem profissional. Ele é evidenciado na prática da enfermagem, nas teorias da enfermagem, nos currículos da enfermagem e na perspectiva filosófica e ética da enfermagem como relação à humanidade e aos relacionamentos de cuidado com os pacientes.

Para a também teórica da enfermagem, Madeleine Leininger⁷ (1984), o cuidado ao longo dos anos tem sido apontado por pesquisadores e teóricos da enfermagem como o ponto fundamental para a prática da profissão. Surgindo como um conceito de interesse para a enfermagem durante a década de 1950. Cabe ressaltar que esses estudos não foram realizados na ótica da história conceitual, deixando de lado o ajuste entre o conceito e a realidade/contexto histórico.

O estímulo para o aumento de pesquisas que abordassem o conceito de cuidado de enfermagem veio da realização da Primeira Conferência Nacional de Pesquisa sobre Cuidado⁸ em 1978 e da publicação de do livro “ Teoria da ciência do cuidado humano” de Jean Watson em 1989 (BRILOWSKI E WENDLER, 2005).

Na perspectiva de Heidegger (2001), que era um filósofo e é citado em diversos trabalhos na área da enfermagem como Oliveira & Carraro (2011); Monteiro et al. (2006), o cuidado é o caráter existencial mais próprio do ser humano. Nesse entendimento aliado ao fato de ser visto na atualidade como função precípua do enfermeiro, se faz necessário a correta conceituação do termo e, por conseguinte a compreensão adequada por parte desses profissionais. Isso será possível mediante

⁶ Jean Watson teórica da enfermagem e professora conhecida por sua Teoria do Cuidado Humano e autora de inúmeros textos sobre o cuidado na enfermagem. Fundadora do Centro de Cuidado Humano e do Watson instituto da Ciência e Cuidado.

⁷ Madeleine Leininger, enfermeira e teórica da enfermagem que desenvolveu a Teoria do Cuidado Transcultural em 1978.

⁸ Em 1978, a National Caring Research Conference foi concebida e iniciada por Madeleine Leininger. A conferência, que é anual, foi projetada para reunir estudiosos para juntos compartilharem ideias, pesquisas e teorias sobre o cuidado. Thistlethwaite (2011) em sua tese de doutorado que analisa a capacidade do aluno em estabelecer uma relação de cuidado antes e depois da entrada para o programa de enfermagem, para determinar se essas percepções mudam que o aluno progride através do currículo de enfermagem, aponta que em 1989, a National Caring Research Conference tornou-se conhecida como International Association for Human Caring. A filosofia do núcleo desta associação é a crença de que "cuidar é a essência da enfermagem e o cuidado é o foco único e unificador da profissão"

a realização de pesquisas e estudos, com o intuito de dar sentido ao ser/fazer da enfermagem.

A enfermagem como disciplina tem seu corpo teórico ainda em construção através de um processo dinâmico, que se reproduz através de pesquisas, especialmente através da análise dos conceitos. Na atualidade, os pesquisadores da área destacam a importância de pensar o cuidado de enfermagem como objeto real, estruturados cientificamente seja como objetos empíricos, positivos ou realistas, mas pensados a partir de conceitos e que sejam explicados teoricamente e aplicados na prática de cuidar. Por outro lado, devemos estar atentos a um possível problema histórico, onde pode haver uma confusão entre o “mito fundador” de Florence Nightingale e o processo de ajuste gerado pela tensão entre conceito e realidade.

Os conceitos são dinâmicos, variáveis e dependentes da estrutura teórica da qual fazem parte. Assim, os conceitos variam de acordo com seu uso e o contexto em que estão inseridos. O conhecimento está em desenvolvimento contínuo, sendo necessário a constante investigação e refinamento dos conceitos, pois eles também evoluem (BOUSSO et al., 2014).

Não é raro que os conceitos sejam definidos e empregados de forma inadequada. E a falta de clareza, por parte de alguns pesquisadores, na interpretação de conceitos e bem como no entendimento da sua dinâmica ao longo dos anos, prejudica a busca da consolidação da enfermagem enquanto ciência.

Os conceitos são importantes para o desenvolvimento das teorias e considerados o alicerce delas. O esclarecimento de determinados conceitos, bem como sua reformulação contínua e refinamento favorece a construção do conhecimento em enfermagem fazendo com que ela se fundamente em bases sólidas (BRILOWSKI; WENDER, 2005).

Frente a importância do conceito de “cuidado de enfermagem” como objeto epistemológico em uso pela profissão e um objeto para história, aliada a compreensão de que ele vem se desenvolvendo ao longo dos anos, redefinindo seu sentido e significados de acordo com o contexto em que se insere, e, por acreditar que esse conceito ainda não foi estudado ao ponto de compreendermos sua dimensão. Escolhemos para a sua análise a modalidade historiográfica proposta por Reinhart Koselleck.

A história conceitual é uma abordagem que traz a possibilidade de contrapor à transferência descuidada de expressões modernas para o passado e ao tratamento

das ideias como constantes, articuladas em figuras históricas diferentes, mas fundamentalmente imutáveis, por parte da história das ideias (KOSELLECK, 2006). Essa modalidade acabou se proliferando como um modo particular da história reflexiva da filosofia e do pensamento político e social, se desenvolvendo a partir das tradições da filologia⁹, da hermenêutica¹⁰ e história da filosofia (JASMIN, 2005).

Nessa abordagem, as palavras e os conceitos não indicam somente o fenômeno particular a que descrevem e a que estão imediatamente ligados. Seu uso pode se estender a outros momentos históricos, indicando permanências estruturais. E que, ao investigar as mudanças e permanências dos significados desse conceito, pode ser indicado permanências estruturais na realidade social e contribuir para a elaboração e crítica de conceitos científicos atuais utilizados (PEREIRA, 2004).

Diante das possibilidades da utilização dessa abordagem é que decidimos investigar a história do conceito de cuidado de enfermagem e entender através das memórias e vestígios do passado como se deu o processo de construção (mudanças e/ou permanências no conjunto de significados) do conceito, em uma cronologia inicial demarcada por uma das principais obras de referência para área, no contexto da modernidade. Assim, para a presente investigação tomamos como ponto de partida o livro “Notes on Nursing: What it is, and what is not” de autoria de Florence Nightingale publicado em 1860.

Pretendemos com o estudo, entender o processo de construção do conceito de “*cuidado de enfermagem*”, bem com suas continuidades e mudanças a fim de buscar indícios que confirmem ou não, que o conceito de cuidado de enfermagem como entendemos na atualidade tem realmente suas bases alicerçadas nos escritos de Florence Nightingale e fornecer elementos que possam servir para a orientação da crítica do pensamento e da atuação profissional do enfermeiro.

Cabe desatacar que por não ter sido encontrado nas fontes o termo cuidado de enfermagem (nursing care), o conceito em questão foi analisado a partir de expressões verbais relacionadas ao fazer da enfermeira contidas obra “Notes on nursing: What it is, and what is not” de autoria de Florence Nightingale, nas definições dos termos e verbetes relacionados à enfermagem em diferentes edições

⁹ Filologia – na idade moderna passou a designar a ciência da palavra, ou melhor, o estudo histórico da língua; ainda no conceito moderno, Filologia é a ciência que tem por objetivo a reconstituição histórica da vida do passado através da língua, portanto dos seus documentos literários – Verbetes (ABBAGNANO, 2007, p. 514).

¹⁰ Hermenêutica é um ramo da filosofia que estuda a teoria da interpretação.

de dois dicionários, um deles linguístico e o outro médico, e em edições da “Encyclopaedia Britannica”, respeitando os balizamentos temporais do estudo.

No caminho da construção da tese, devido a força filosófica da palavra “cuidado”, que no termo estudado adjetiva a “Enfermagem”, palavra que nomeia uma disciplina científica, pode gerar confusão sobre o real objeto de estudo que é o “cuidado de enfermagem” e não, separadamente, o cuidado ou enfermagem/enfermeira.

Considero como objeto de investigação os efeitos/processo da construção do conceito de cuidado de enfermagem a partir das bases teóricas de Florence Nightingale para demarcar uma das dimensões científicas da disciplina Enfermagem (1860-1922).

Para a sua operacionalização foram definidos como **objetivos:**

Compreender o contexto ao qual se articula uso do conceito de cuidado de enfermagem, a partir de um conjunto de textos comparáveis/ relacionados aos termos enfermeiro/enfermagem (Nurse/Nursing);

Analisar as mudanças e permanências no conjunto de significados do conceito cuidado de enfermagem, a partir das bases teóricas de Florence Nightingale e suas repercussões;

Discutir a experiência de Florence Nightingale para a construção do conceito de cuidado de enfermagem para o desenvolvimento da enfermagem como profissão de prática científica.

1 ESTADO DO CONHECIMENTO

Os conceitos são construídos ao longo da história e trazem contribuições significativas à construção do conhecimento. Eles são considerados símbolos do que acontece no mundo dos fenômenos reais e também instrumentos de trabalho [tanto para pesquisadores quanto para profissionais. Seu devido esclarecimento e definição, na perspectiva de serem utilizados com mais coerência e do correto entendimento do seu sentido, contribuem para a melhoria da qualidade da assistência de enfermagem (LOPES et al. 2010).

Os conceitos equivalem aos tijolos de uma parede e emprestam sua estrutura à ciência. Desta forma, a investigação científica trata de explorar ou testar possíveis articulações entre esses tijolos, com a finalidade de produzir evidências que confirmem, neguem ou modifiquem as teorias (BOUSSO et al.,2014).

Muitos conceitos pertinentes à saúde têm alto grau de abstração, são complexos, têm várias dimensões e, para complicar, não são estáticos, estão continuamente incorporando novos conhecimentos, experiências, percepções e dados. Para alguns pesquisadores da enfermagem, a análise dos conceitos tem por finalidade delinear atributos ou características do fenômeno estudado, além de manter ele atualizado. Realizar uma análise de conceito implica em examiná-lo profundamente e também diferenciar os atributos definidores do conceito de outros atributos irrelevantes.

De acordo com Freitas e Mendes (2007), o interesse na definição de conceitos em estudos da enfermagem tem por objetivo alcançar a exatidão em seus termos, para facilitar e ampliar a compreensão entre seus agentes e favorecer o entendimento do sentido das palavras e a ligação com sua história ou origem. Isso porque, representam símbolos e significados estabelecidos pelo uso, costume ou associações.

Aplicando Koselleck, Araújo (2008) afirma que os conceitos são sintomas de transformações sociais, e assim não podemos desconsiderar seus movimentos autônomos capazes de produzir novas e imprevistas configurações. Portanto, o conceito não pode ser entendido apenas como uma palavra, uma ideia ou até mesmo uma representação parte do imaginário coletivo. Os conceitos históricos são fenômenos reais, instrumentos cognitivos produzidos na existência concreta.

Semelhantemente, como em outras disciplinas, a enfermagem trata o conceito como um dos pontos importantes para alicerçar seu conhecimento. E nas últimas décadas, pesquisadores da área vem utilizando diversas estratégias e métodos para analisar conceitos considerados chaves para a enfermagem.

Entre os métodos mais utilizados no campo da enfermagem estão o Método de Análise dos Conceitos proposto por Walker e Avant (2004) e o Método Evolucionário de Análise dos Conceitos de Rodgers (1989). Essas abordagens possuem aproximações e distanciamentos em relação a história conceitual de Koselleck. Para melhor entendimento do tema realizaremos uma revisão de literatura sobre a noção de conceito no âmbito da enfermagem, da filosofia e para Koselleck.

Etimologicamente o termo conceito se origina do latim *conceptum* que significa pensamento, ideia, opinião, noção (CUNHA, 2010). Porém, não existe um consenso sobre o que vem a ser um conceito, gerando extensas discussões e diferentes perspectivas sobre esse assunto.

Alguns autores afirmam que os conceitos são, essencialmente, símbolos para elementos objetivos do mundo (WALKER; AVANT,1995). Outros afirmam que conceito é uma imagem mental, uma palavra que descreve ideias/imagens mentais de um fenômeno. Onde os conceitos são ideias derivadas das experiências perceptuais com eventos, objetos ou propriedades. Existindo ainda outra perspectiva na qual o conceito é discutido especificamente em referência à linguagem. Nela o conceito é simplesmente uma palavra à qual se vincula um significado através de uma definição formal ou através do seu uso comum (BRAGA; CRUZ, 2005).

Para Rodgers (2000) o conceito é considerado uma abstração que reflete os fenômenos. Eles são dinâmicos, emergem e se transformam através de estudos, experiências e reflexões sobre significados e interpretações, sendo dependentes do contexto ao invés de universais. São definidos pela identificação das características comuns de uma classe de objetos ou fenômenos e por alguns significados da expressão. Ao utilizar a linguagem para expressar conceitos, é atribuído a eles palavras para comunicar ideias.

Cabe destacar que as palavras usadas não são os conceitos, mas sim apenas instrumentos para comunicá-los. Segundo Rodgers (2000), os conceitos representam mais que uma palavra, pois quem desperta o interesse para a análise não é a palavra, mas sim a ideia que é expressa ao se utilizar a palavra.

Destarte Braga e Cruz¹¹ (2005) afirmam que para a comunicação um conceito utiliza-se da linguagem onde as palavras, termos ou expressões, representem a ideia envolvida. Assim, a palavra, os termos ou expressões não são o conceito em si, mas uma representação dele.

Um dos principais requisitos da palavra que designa o conceito é que ela seja capaz de expressar através de seu significado o que realmente ocorre na realidade empírica. Para Mendonça (2014), os conceitos são elementos-chave para relacionar os aspectos teóricos com as consequências empíricas e por isso são fundamentais para o desenvolvimento do conhecimento. As palavras utilizadas para designar um conceito devem significar ideias muito semelhantes para diferentes pessoas, refletindo o mesmo conceito para diferentes pessoas.

Para Paley (1996) as palavras são carregadas de teoria e o principal motivo da proliferação dos significados é a proliferação das teorias. A teoria determina o significado do conceito. Assim, uma palavra pode ter significados diferentes, mais ou menos sutil, dependendo do contexto da teoria.

Corroborando com Paley, Bousso et al. (2014), em seu estudo sobre os conceitos e teorias na enfermagem, consideram que as teorias são palavras estruturadas, de maneira que é a estrutura das palavras que dá sentido à teoria. Assim, o local de cada palavra dá sentido àquela teoria específica. Se mudarmos a estrutura das palavras ou adotarmos palavras diferentes, muda-se o significado da teoria.

Para Fawcett (1999) os conceitos podem ser abstratos (cuidado, respeito, colaboração) ou concretos (febre, dor, fadiga). São formulados por meio do significado das palavras, podendo ser constituído por mais de uma palavra, que possibilitam às pessoas comunicar o significado da realidade no mundo e conferem significado aos fenômenos que podem, direta ou indiretamente, ser experimentados.

Bousso et al.(2014) ao analisar diferentes estudos¹² sobre teorias e conceitos na enfermagem, afirmam que o estudo dos conceitos é considerado essencial por

¹¹ O Estudo de Braga e Cruz (2005) realiza uma análise teórica sobre as relações do diagnóstico de *sentimento de impotência* com outros conceitos

¹² . Chinn PL, Kramer MK. Theory and nursing: a systematic approach. St Louis: Mosby; 1991; Morse JM. Exploring the theoretical bases of nursing using advanced techniques of concept analysis. ANS Adv Nurs Sci. 1995;17(3):31-46; Henneman EA, Lee JL, Cohen JI. Collaboration: a concept analysis. J Adv Nurs. 1995;21(1):103-9; Poles K, Bousso RS. Dignified death: concept development involving nurses and doctors in pediatric intensive care units. Nurs Ethics. 2011;18(5):694-709; Clark J. Defining the concept of dignity and developing a model to promote its use in practice. Nurs Times. 2010;106(20):16-9.

três razões principais: 1) Eles são usados no desenvolvimento das teorias – as teorias são construídas a partir dos conceitos, assim, seu significado é vital para a construção das teorias; 2) Podem ser operacionalizados – a análise do conceito permite ao pesquisador especificar a definição do conceito para posterior aplicação prática; 3) Aprimoramento da prática – por meio da análise dos conceitos os profissionais podem ter uma compreensão mais clara do que certos termos correntes significam.

Para Paley (1996) a única forma de clarificar um conceito é explicitar a teoria na qual ele está inserido. No entanto, adotar uma teoria específica não colocará fim nos conflitos. Se o mesmo termo aparece em diferentes teorias, isso ainda poderá gerar conflito. Para resolver esse problema metodológico, é necessário verificar o conceito nas diferentes teorias em que ele aparece. A clarificação de um conceito não ocorrerá sem um compromisso teórico, por meio da revisão de diferentes teorias, na tentativa de definir o conceito nos diferentes contextos em que ele aparece.

Os conceitos facilitam as categorizações, contribuindo para a determinação e discussão de fenômenos, situações e eventos. A análise do conceito tem seu foco na clarificação do conceito e sua utilidade. Com o objetivo de definir um conceito de interesse, em termos da sua essência e de condições necessárias e suficientes para delinear seus domínios e limites. Além de identificar os atributos e servir como base para futuros desenvolvimentos (RODGER, 2000).

Chama atenção nas pesquisas de enfermagem o cuidado com a escolha de modelos adequados para a análise e o desenvolvimento de conceitos pouco explorados na literatura. Havendo uma aproximação com o método de Koselleck, no que diz respeito a existência camadas temporais.

Segundo Rodgers (2000), anteriormente acreditava-se que o significado de um conceito era imutável, ou seja, que ele não era passível de contestação. Atualmente, entende-se que os conceitos são dinâmicos, variáveis e dependentes da estrutura teórica da qual fazem parte. Isso implica que os conceitos variam de acordo com seu uso e o contexto em que estão inseridos.

Análise do conceito evolucionário de Rodgers é um método indutivo de análise. Para ele os conceitos desenvolvem ao longo do tempo e são influenciados pelo contexto em que são usados. Portanto os conceitos não devem ser vistos como estáticos, nem como entidades atemporais com limites que não mudam.

Pelo contrário, os conceitos estão constantemente passando por um dinâmico processo de desenvolvimento e definição. De maneira que, a análise do conceito não fornece uma conclusão definitiva, apenas indica uma direção para futuras pesquisas (TOFTHAGEN; FAGESTROM, 2010).

Para Lopes et al. (2010), este modelo de “visão evolucionária do conceito” proposto por Rodgers refere que conceitos são formados pela identificação de características comuns com a classe de objetos do fenômeno e com a abstração e agrupamento dessas características com significados de expressão.

Da mesma forma, Walker e Avant consideram que os conceitos são construções cognitivas que mudam ao longo do tempo. Sendo um dos objetivos da análise do conceito sua utilização no desenvolvimento de diagnósticos de enfermagem (TOFTHAGEN; FAGESTROM, 2010).

Como representações de uma dada realidade, os conceitos possuem atributos de caráter dinâmico, mutáveis na dimensão temporal e contextual, sendo sua evolução influenciada pelo uso e aplicação. Os conceitos “não são esculpidos em pedras, sua análise e entendimento mudam com o tempo, não devendo ser considerados como um produto finalizado” (WALKER & AVANT, 1995). Como o conhecimento está em desenvolvimento contínuo, é necessário que os conceitos sejam constantemente investigados e refinados, pois eles também evoluem (BOUSSO et al., 2014).

Walker e Avant (1995) defendem um conceito de análise passo a passo, onde o objetivo é obter uma definição operacional dos conceitos utilizados enfermagem. Walker e Avant utilizam um modelo simplificado do método de Wilson (1963), fazendo a análise do conceito em 8 (oito) etapas ao invés de 11 (onze) como proposto por Wilson.

No método de análise do conceito proposto por Walker & Avant, um dos mais usados na Enfermagem, possui oito etapas. A primeira delas é a **seleção do conceito**, que deve estar ligado área de experiência profissional; a segunda é a **Determinação dos objetivos da análise conceitual**, desenvolvimento de instrumentos de pesquisa ou de diagnósticos de enfermagem; esclarecimento ou refinamento de conceitos vagos ou imprecisos utilizados na prática profissional; a terceira é a **Identificação dos possíveis usos do conceito** – trata-se de uma busca na literatura para se ter uma ideia de como o conceito em questão está sendo enfocado ou aplicado; a quarta é a **Determinação dos atributos críticos ou**

essenciais – nessa etapa se identificam palavras ou expressões que aparecem repetidamente na literatura, que mostram a essência do conceito. A quinta é a **Construção de um caso modelo** – elaboração de um exemplo, baseado na vida real, do uso do conceito, que inclua seus atributos essenciais. A sexta é o **Desenvolvimento de outros casos**, limítrofes, relacionados, contrários inventados e ilegítimos¹³. Servem para auxiliar na decisão quanto aos atributos essenciais do conceito. A sétima é a **Identificação de antecedentes e consequências do conceito** – é o levantamento de incidentes ou eventos que acontecem a priori ao fenômeno (necessários para a sua ocorrência) e a posteriori (eventos ou situações que surgem ou resultam da presença do fenômeno). E por último a **Definição de referências empíricas para os atributos essenciais** – referentes empíricos são categorias ou classes de fenômenos observáveis que, quando presentes, demonstram a ocorrência do conceito, possibilitando, assim, sua definição operacional¹⁴ (FERNANDES et al, 2011).

Já no método proposto por Rodgers a análise conceitual é realizada em 6 (seis) etapas a saber: identificar o conceito de interesse e as expressões associadas; identificar e selecionar uma amostra apropriada para a coleta de dados; identificar os atributos¹⁵ do conceito e as bases contextuais do conceito, incluindo variações a interdisciplinares, socioculturais temporais (antecedentes¹⁶ e consequências); analisar as informações acerca das características do conceito; identificar, se necessário, um exemplo de conceito; e identificar as implicações e hipóteses para o desenvolvimento do conceitos (RODGERS, 2000).

Em linhas gerais o método de análise conceitual proposto por Rodgers (2000), não difere, na essência, do elaborado por Walker e Avant (1995). Tanto Rodgers e quanto Walker e Avant defendem a análise do conceito indutivo passo a passo e

¹³ Entre esses casos, chamamos atenção para dois deles que, no nosso entendimento, melhor cumprem a meta ora exposta: o caso contrário e o caso limítrofe. O caso contrário provê exemplo do “não conceito”. Já o caso limítrofe, constitui aquele evento ou instância que contém alguns dos atributos essenciais do conceito sob análise, mas não todos eles (FERNANDES et al, 2011).

¹⁴ Quando os conceitos são abstratos (autoestima, tristeza), seus indicadores empíricos não são diretamente observáveis, dependem de medidas indiretas (FERNANDES et al., 2011).

¹⁵ Atributos são definidos por Rodgers como um conjunto de características do conceito em questão. Segundo a autora, o conceito está atrelado a um conjunto particular de atributos, que constituem a definição do conceito.

¹⁶ Entende-se por antecedentes as situações, eventos ou fenômenos que precedem um conceito de interesse. Auxiliam a compreensão do contexto social, no qual o conceito é geralmente usado, como também favorecem o refinamento do mesmo (FREITAS;MENDES,2007).

utilizam o termo 'atributos' quando se referem as características de um conceito que constituem o núcleo de análise do conceito (TOFTHAGEN; FAGESTROM, 2010).

No ângulo filosófico o conceito é algo de fundamental importância na nossa existência. Pois, sem conceitos nunca poderíamos ultrapassar o âmbito da experiência sensível, a fim de elaborar uma metafísica. Deste modo, o conceito assume a forma de necessidade universal, pensamos que poderemos dizer que sem ele não poderíamos sequer existir e por isso mesmo estávamos impedidos de filosofar; o conceito é o principal alimento da reflexão filosófica (FARIA, 2009).

Em linhas gerais, conceito é todo processo que torna possível descrever, classificar e prever os objetos cognoscíveis, sejam estes quais forem – abstratos ou concretos, próximos ou distantes, universais ou individuais – incluindo qualquer espécie de sinal ou procedimento semântico (ABBAGNANO, 2007).

É no bojo da representação do conceito em sua função antecipadora que se obtém a noção dos constructos. Os constructos, ou construções lógico-históricas, dão conta de entidades que existem consignadas à verificação da validade das hipóteses ou dos sistemas linguísticos em que se inserem. Assim, um constructo “é uma variável – conjunto de termos, de conceitos e de variáveis –, isto é, uma definição operacional robusta que busca representar empiricamente um conceito dentro de um específico quadro teórico” (MARTINS, 2005).

Significa dizer que os conceitos, enquanto constructos, são elaborados a partir de marcos teóricos predefinidos expressando, conforme assinala Carvalho (2003), “ideias e termos categoriais, princípios condutores, opiniões influentes ou conceitos essenciais adotados, em uma teoria ou área de estudo”. Isso implica, ainda, atribuir aos constructos a capacidade de delimitar o âmbito de alcance da verdade ou do campo de compreensão epistemológica dos resultados da investigação.

Kant (1980) entende por analítica dos conceitos, não a análise dos mesmos ou o método, geralmente seguido nas indagações filosóficas, consistente em decompor os conceitos que se apresentam para dar clareza ao seu conteúdo, mas a decomposição para examinar a possibilidade dos conceitos “a priori” que buscamos somente no entendimento, como no seu lugar de origem, e considerar, em geral, a aplicação pura desta faculdade. Esse é o objeto da Filosofia transcendental, sendo o restante, o estudo lógico dos conceitos tal como se usa na Filosofia.

Para poder expor os conceitos em toda a sua pureza, é necessário seguir os conceitos puros até as suas raízes ou seus primeiros rudimentos, no entendimento

humano, onde existiam precedentemente, à espera da experiência para o seu desenvolvimento e que, livres por esse mesmo entendimento das condições empíricas que lhes são inerentes (KANT, 1980).

Conceito, em geral, é todo processo que torne possível a descrição, a classificação e a previsão dos objetos cognoscíveis. Diante do seu significado generalíssimo do termo, ele pode incluir qualquer espécie de sinal ou procedimento semântico, seja o objeto a que se refere, concreto ou abstrato, universal ou individual, podendo ter um conceito do homem como de Deus, da mesa como do número 3 (três), bem como da realidade individual ou coletiva (ABBAGNANO, 2007).

O conceito não é um elemento simples ou indivisível, mas pode ser constituído por um conjunto de técnicas simbólicas extremamente complexas como é o caso das Teorias científicas, também chamadas de conceitos. A função primeira e fundamental do conceito é a mesma da linguagem, ou seja, a comunicação (ABBAGNANO, 2007).

A noção de conceito dá origem a dois problemas, um a respeito da sua natureza e outro sobre a função do conceito. Quanto à natureza, ele é a *essência* das coisas, precisamente, *essência* necessária, pela qual não pode ser diferente daquilo que é. E segundo, é um *signo*. A concepção do conceito como essência vem do período clássico da filosofia grega, onde o conceito é tido como o que subtrai a diversidade e à mudança de pontos de vista ou opiniões, pois referem-se às características que não são alteradas por uma mudança de perspectiva, pois são constitutivas do próprio objeto (ABBAGNANO, 2007).

Kant (1980) classifica os conceitos entre *empíricos* e *puros ou categorias*¹⁷. Os conceitos empíricos se referem às coisas apenas mediante a uma sensação, já os conceitos puros ou categorias constituem as coisas enquanto percebidas, ou seja, aparentes na experiência. Eles constituem os próprios objetos fenomênicos, isto é, objetos de toda a experiência possível. Para o autor, o conceito não é toda a realidade e também não é criador da realidade, mas constitui a ordem necessária, pela qual a realidade se revela à indagação científica como submetida a leis mutáveis.

¹⁷ Um conceito que encerrar uma síntese deve ser considerado vazio e é como se não referindo a nenhum objetivo, se esta síntese não pertencer à experiência, quer extraída dela, e neste caso seu conceito se denomina conceito empírico, quer como condição "a priori" da experiência em geral (como sua forma), quando então é um conceito puro, o qual pertence à experiência, porque somente nesta pode ser encontrado o seu objetivo (KANT, 1980, p.107).

A fenomenologia de Husserl, integra a polêmica do logicismo moderno contra o psicologismo. Ao tratar sobre o conceito de número, o filósofo traz o conceito uma formação psíquica, afirmando que a representação de número que varia de momento a momento e de um indivíduo para outro. Mas, o conceito de número é sempre o mesmo e é uma série temporal (ABBAGNANO, 2007).

Já na segunda interpretação o conceito é um signo do objeto e se acha em relação de significação com ele. Para a maioria dos filósofos contemporâneos a noção de conceitos se confunde com a noção de significados. Identificando o conceito com o objeto, entendia-o como tudo aquilo que é possível formular proposições. Tendo como ponto crítico da transformação da noção de conceito, o entendimento de que o significado é aquilo que a essência se torna quando se distância do objeto de referência e se aproxima com a palavra.

Quanto à função do conceito ele pode ser final ou instrumental. Função final atribui ao conceito a interpretação como essência. Nessa interpretação o conceito tem a função de exprimir ou revelar a substância das coisas. Desse ponto de vista a função identifica-se com a própria natureza do conceito. Porém quando se admite a teoria simbólica do conceito, admite-se a sua instrumentalidade (ABBAGNANO, 2007).

As principais funções instrumentais atribuídas aos conceitos são: primeiro - descrever os objetos da experiência para permitir o seu reconhecimento; segundo - econômica, esta vincula-se ao caráter classificador do conceito; terceiro – organizar dados da experiência de modo que se estabeleçam entre eles conexões de natureza lógica¹⁸; a quarta – considerada a mais importante para a ciência, é a previsão¹⁹. Por ela, o conceito é um meio ou procedimento antecipatório ou projetante, um instrumento utilizado pela ciência para predizer a experiência futura a luz da experiência passada (ABBAGNANO, 2007).

¹⁸ É por esse aspecto que a formulação conceitual das teorias científicas tende à axiomatização, levando ao limite o caráter logicamente organizador do conceito.

¹⁹ As funções de organizar e prever são exercidas pelos tipos fundamentais de conceitos científicos, que não são nem descritivos nem classificatórios, ou seja, pelos modelos, pelos conceitos matemáticos e pelas construções.

2 Operação Metodológica na Perspectiva da História dos Conceitos

2.1 Aspecto conceitual da História dos Conceitos

O interesse pela utilização dessa metodologia na presente investigação surgiu a partir das discussões em grupo no âmbito do Laboratório de Abordagens Científicas na História da Enfermagem sobre a história conceitual desenvolvida por Koselleck. E na medida em que foi havendo uma maior aproximação com o tema foi observada a possibilidade em realizar uma investigação sobre a história do conceito de “cuidado de enfermagem” sob a perspectiva do historiador alemão Reinhart Koselleck, na qual o termo cuidado de enfermagem tem a primazia da experiência.

Nas últimas décadas a história dos conceitos, modalidade historiográfica impulsionada por Reinhart Koselleck e Quentin Skinner dentre outros, ganhou destaque entre historiadores. O que chamou atenção nessa modalidade foi o entendimento de que os conceitos possuem a sua história e se desenvolvem no tempo e no espaço de uma cultura histórica. Podendo redefinir seus sentidos de acordo com os contextos que o demandam.

Essa abordagem historiográfica situa-se em uma confluência de campos históricos, que implica em construir como um campo de tensões, a relação ente a *história das ideias* e a *história social* (CHIGNOLA, 2007). Apresentando como ponto principal de sua crítica, a baixa contextualização de ideias e conceitos utilizados no passado, no anacronismo proveniente deste e na insistência metafísica da essencialidade das ideias (JASMIN, 2005).

Essa modalidade historiográfica tem por objetivo “restituir a complexa trama de acontecimentos que torna possível o uso linguístico contemporâneo” de conceitos utilizados em outra época cronológica, através do estudo das discordâncias e divergências entre conceitos antigos e as atuais categorias de conhecimento (CHIGNOLA, 2007; BARROS, 2011).

O conceito relaciona-se sempre com aquilo que quer compreender, e a relação entre o conceito e o conteúdo é de tensão. Isso porque a língua não é a última instância da experiência histórica, de maneira que história não se reduz a um

fenômeno de linguagem e o trabalho do historiador não se restringe ao campo da hermenêutica (KOSELLECK, 1992).

Para uma análise dos conceitos é indispensável o conhecimento dos contextos linguísticos e extralinguísticos, incluindo aqueles fornecidos pelos discursos. Através do conhecimento do contexto é que se torna possível determinar quais são os variados significados de um conceito, seu conteúdo, importância e a extensão em que é disputado (KOSELLECK, 2006a).

Nela os acontecimentos do passado podem ser descobertos e interpretados através de um horizonte conceitual que lhes é contemporâneo e em termos de usos linguísticos, reciprocamente compartilhados e desempenhados por atores participantes desse conflito (KOSELLECK, 2006). O trabalho de explicação conceitual sugerido pelo historiador, pretende tornar as proposições passadas mais precisas, a partir da clarificação das “circunstâncias intencionais contemporâneas” em que foram formuladas.

Koselleck (2006a) nos aponta que é possível também que os conceitos tornem-se antiquados. Isso ocorre quando os contextos nos quais se constituíram não existem mais. Portanto embora os conceitos envelheçam, eles não possuem uma história autônoma.

Para a sustentação da possibilidade epistemológica da sua história dos conceitos Reinhart Koselleck mantém alguns pressupostos básicos. O primeiro deles é a distinção entre palavras e conceitos. Pois apesar de todo conceito está associado a uma palavra, nem toda palavra é um conceito, ou seja, não são todas as palavras existentes em nosso léxico que podem vir a se tornar em um conceito e assim ter uma história.

Cada palavra nos remete a um sentido, o qual indica um conteúdo. Porém, nem todos os sentidos atribuídos às palavras são considerados relevantes no ponto de vista da história dos conceitos (KOSELLECK, 1992). De forma que, um conceito ligado a uma palavra é sempre mais que esta palavra. Podendo ela se tornar um conceito quando a plenitude de um contexto de significado e experiência para qual é usada pode ser nela condensada. Por isso, os conceitos possuem uma pretensão substancial à generalidade e tem um concentrado de inúmeros significados (KOSELLECK, 1985).

Outro pressuposto de Koselleck, diz respeito à legitimidade da noção de mudança dos conceitos. Nessa abordagem, as continuidades e mudanças

conceituais são tidos como temas centrais, sendo necessário estar atento para possíveis mudanças e inovações nos significados e nas aplicações dos conceitos em diferentes tempos. Isso porque, boa parte do acontecimento histórico não recebe articulação na linguagem local, ou porque se tratar de um fenômeno até então desconhecido para os autores históricos daquele momento, ou porque a linguagem não consegue exprimir satisfatoriamente os eventos. Citando como exemplo o caso dos alemães em 1945, que naquele momento não conseguiram encontrar uma expressão verbal adequada ao extermínio em massa, fazendo que a memória estável do evento por intermédio da linguagem fosse bem posterior (JAMIN e FERES JUNIOR, 2006).

Pode ocorrer também uma mudança do ponto de vista das relações entre conceitos e realidades. Se colocarmos de um lado um estado de coisas e de outro um conceito deste estado de coisas, podemos identificar quatro situações: 1) o estado de coisa e o conceito deste estado permanecem ambos estáveis ao longo de um período de tempo; 2) o conceito e a realidade transformam-se simultaneamente; 3) os conceitos mudam sem que tenha uma mudança concomitante da realidade, ou seja, a mesma realidade é conceituada de modo diverso; 4) o estado de coisas muda, mas o conceito permanece o mesmo (JASMIN, 2005, p.33).

Os contextos originais dos conceitos mudam, e da mesma forma o fazem com os significados originais ou subseqüentes transportados pelos conceitos. A história dos conceitos pode ser reconstituída através do estudo da recepção ou pela tradução dos conceitos usados pela primeira vez no passado e em seguida por gerações posteriores. A singularidade histórica dos atos de fala cria a necessidade de se reciclar as conceituações passadas. De maneira que, história dos conceitos pode ser entendida como o registro da maneira como o uso de um determinado conceito foi subseqüentemente mantido, alterados ou transformados (KOSELLECK, 2006a).

A respeito da especificidade da construção histórica da história dos conceitos, outro elemento da complexidade da realidade histórica dos conceitos a ser destacado é a noção de “camadas” ou “faixas temporais”, que correspondem à ideia de que “cada conceito tem uma estrutura temporal complexa”, em outras palavras, os vários significados atribuídos a um conceito tem durações heterogêneas (JASMIN & FERES JUNIOR, 2006).

O entendimento de que de acordo com as estruturas temporais pode haver uma mudança conceitual, faz com que seja transcendida a concepção de que há singularidade no uso individual de um conceito. Afirmando Koselleck que,

Todo conceito, parece, portador, de muitas camadas temporais. Hoje, por exemplo, pode-se usar a expressão sociedade civil com alguns traços do seu significado aristotélico ainda presentes e ainda compreensíveis. Outros significados do termo tal como usado na Antiguidade, na Idade Média, e no início do mundo moderno, no entanto, terão desaparecido. O conceito, em outras palavras tem várias camadas temporais, e seus significados tem diferentes *durées* (2006, p.10).

De forma que, uma palavra pode permanecer a mesma (tradução de um conceito), no entanto o conteúdo designado por ela pode ser alterado substancialmente, surgindo posteriormente um novo conceito, portanto seu significado depende do momento em que o termo foi empregado. O que significa assumir sua variação temporal, por isso mesmo histórica, onde seu caráter único é articulado ao momento de sua utilização.

A história dos conceitos, por meio do trabalho com as fontes, nos ajuda a entender o processo de construção de um conceito. Isso porque a articulação do conceito com o momento de sua utilização pode indicar a partir de quando ele tornou-se fruto de uma teorização e quanto tempo levou para acontecer.

Dessa forma podemos entender que um conceito, independentemente de sua formulação original, acumula uma variedade de significados ao longo do tempo e que a história destas camadas temporais de significado pode ser escrita (JASMIN & FERES JUNIOR, 2006). Assim “a história dos conceitos mostra que novos conceitos, articulados a conteúdos, são produzidos/pensados ainda que as palavras empregadas possam ser as mesmas” (KOSELLECK, 1992).

A história conceitual mostra a diferença existente entre a conceitualidade antiga e a atual, seja porque traduz o uso da linguagem antiga e vinculada às fontes, elaborando-a em forma de definição para a investigação atual, ou por comprovar as definições modernas dos conceitos científicos respeitando a sua capacidade de resistência histórica (KOSELLECK, 2006).

Assim, a partir do conhecimento dos diferentes significados atribuídos a um conceito, que procedem dos diferentes tempos históricos, a história dos conceitos pode apontar para correspondência ou não de seu uso nas fontes de pesquisa com estruturas e realidades vigentes. E por sua capacidade de significar permanências

estruturais, indica à história social os conceitos que podem servir como categorias de conhecimento.

A história conceitual de Koselleck é uma concepção historiográfica que se fundamenta na historicidade humana constituinte do fenômeno linguístico. De forma que, o tempo histórico é constituído pelas concepções sociais sobre sua temporalidade, mais particularmente sobre o futuro. A temática historiográfica, não é propriamente o passado, mas o futuro; não o fato, mas as possibilidades e projetos passados, ou seja, o futuro passado (PEREIRA, 2004).

Porém se faz necessário estar atento aos perigos causados pela confusão especialmente, entre conceitos e realidade. Isso porque os conceitos têm dois aspectos. De um lado apontam para o contexto no qual são usados. E por outro, esta realidade é percebida em termos de categorias fornecidas pela linguagem. Dessa forma, os conceitos podem ser indicadores ou fatores na vida política e social (KOSELLECK, 2006a).

Nessa perspectiva sobre o tempo desenvolvido pelo historiador alemão se destaca o fato de que cada presente não apenas reconstrói o passado a partir de problematizações geradas na sua atualidade, mas também de que cada presente ressignifica tanto o passado, referido por Koselleck como “campo de experiência” quanto o futuro, referido conceitualmente como “horizonte de expectativa”. Mostrando que cada presente concebe também de uma nova maneira a relação entre Futuro e Passado, a assimetria entre estas duas instâncias da temporalidade (BARROS, 2011).

As sensações acerca do tempo são construções essencialmente humanas, coletivas e individuais, bem como concepções sobre o passado, o presente e o futuro. De forma que, elas mudam de acordo com as diferentes fases da vida humana, sendo essas sensações inferidas pela própria experiência de cada um ou pelas circunstâncias que afetam a vida em um dado período.

Semelhantemente, as relações temporais e as ressignificações do passado e do futuro constituem também construções coletivas, que se superpõem às experiências individuais. Assim podemos entender porque as civilizações, e as diversas sociedades em momentos distintos de sua história reconstróem as suas várias maneiras de perceber, apreender, compreender, sentir e ressignificar o tempo (BARROS, 2011).

Para entender a percepção de tempo proposta por Koselleck é fundamental a compreensão dos conceitos de “experiência” e “expectativa”. Eles são apresentados como categorias históricas que entrelaçam passado e futuro. Através das diferentes formas de relação entre essas categorias, cada uma das temporalidades (passado, presente e futuro) pode ser alterada, contraída ou expandida, o que ocorre em cada época ou sociedade, modificando-se neste caso também a maneira como são pensadas e sentidas as relações entre elas.

Nesse sentido o “espaço de experiência” representa o passado e o “horizonte de expectativa” representa o futuro. De forma que, a experiência pertence ao Passado que se concretiza no Presente das seguintes maneiras: através de memórias, dos vestígios e para os historiadores, das fontes históricas. Segundo Koselleck:

A experiência é o passado presente, aquele no qual os acontecimentos foram incorporados e podem ser recordados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, que não precisam estar mais presentes no conhecimento. Além disso, a experiência transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é preservada uma experiência alheia (2006, p. 309).

A expectativa por sua vez, visa o futuro, e corresponde a um universo de sensações e antecipações que se referem ao que ainda ocorrerá. Fazem parte desse “horizonte de expectativas” tudo o que aponta para o futuro, – nossos medos, ansiedades, desejos, certezas, inquietudes – todas as nossas expectativas. Enfim, expectativa é tudo aquilo que hoje ou em um determinado Presente visa o futuro, crivando-o das mais diversas sensações. Assim como a experiência se realiza no Presente, a expectativa se realiza no hoje, constituindo-se assim o que Koselleck chama de um *futuro presente* (BARROS, 2011).

A experiência e a expectativa são categorias que não se opõem uma a outra, mas que entrelaçam o Futuro e o Passado, ou seja, categorias complementares, que não existem separadamente, visto que, a experiência abre espaços para um “horizonte de expectativas”. Além disso, uma experiência ou o registro dela referente a um passado pode produzir, em uma outra época, expectativas relacionadas ao futuro (BARROS, 2011).

Não há experiência sem expectativas, conhecimento ou vivência do passado que não seja apoiada por uma visão do futuro ou vice-versa. A expectativa por sua vez não pode ser deduzida da “experiência”, mas também não podem ser

separadas, existindo de forma completamente independente. Essas duas categorias são adequadas para tematizar o tempo histórico, por entrecruzar passado e futuro, e descobrir o tempo histórico, pois o enriquecimento de seu conteúdo dirigem as unidades concretas de ação na execução do movimento social e político (KOSELLECK, 2006).

O tempo histórico seria então, fruto da tensão entre experiências e expectativas, tensão essa que pode ser analisada através da relação histórica entre passado e futuro. Para auxiliar em uma compreensão mais complexa das temporalidades Reinhart Koselleck criou as categorias formais - “espaço de experiências” e “horizonte de expectativas”.

O “espaço de experiência” ou o “passado presente”, considerado fundamental para vida e para o trabalho dos historiadores, é tido como um espaço que concentra um conjunto de coisas já conhecidas, ou seja, tudo o que um dia foi vivido e que se projeta hoje no presente de alguma maneira. Por meio dele é que podemos acessar o que um dia foi vivido e extrair as fontes históricas, porém esse espaço vai se transformando a cada segundo, a cada novo presente. O nosso presente logo se torna um passado a medida que cada instante passa, o mesmo ocorrendo com o futuro ainda não conhecido (BARROS, 2011).

Fora desse “espaço de experiência” está aquilo que não deixou memória ou que foi perdida ao longo dos anos, que não se tem vestígios nem fontes para os historiadores, aquilo que não está materializado no presente a partir das permanências, da língua, dos hábitos adquiridos e rituais ainda praticados. Porém a medida que novas fontes forem descobertas por historiadores elas passarão a fazer parte do espaço de experiência (BARROS, 2011).

O “horizonte de expectativas” ou “futuro presente”, futuro que ainda não ocorreu, mas que repercute no presente sob a forma de expectativa, corresponde àquilo que ainda não é conhecido. Sendo apenas uma expectativa sobre o futuro não podendo ser afirmado como será. Pois a medida que nos aproximamos do futuro e o horizonte recua, de maneira que, nunca deixará de persistir, e que assim que se converter em presente logo se tornará conhecido:

Horizonte que dizer aquela linha por trás da qual se abre no futuro um novo espaço de experiência, mas um espaço que ainda não pode ser contemplado; a possibilidade de se descobrir o futuro, embora os prognósticos sejam possíveis, se depara com um limite absoluto, pois ela não pode ser experimentada (KOSELLECK, 2006, p.311).

Nessa perspectiva a representação do passado é sempre afetada pelo tempo, de modo que cada presente articula de modo diferente o “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”. O passado é delimitado, selecionado e reconstruído de maneira crítica em cada presente, e este, sempre lança sobre o passado um novo olhar, ressignificando-o. De forma que, entendendo o passado podemos dar um sentido ao futuro.

Outro elemento a ser destacado a respeito do tempo histórico é a teoria de modernidade defendida por Koselleck, período que, para ele, inaugura possibilidades únicas e profícuas para o pensamento (DUARTE, 2012). Incidindo na passagem para a modernidade, uma nova forma de articulação entre o passado e futuro, entre a experiência e a expectativa, que envolve um distanciamento ente eles:

Na era moderna a diferença entre experiência e expectativa aumenta progressivamente, ou melhor, só se pode conceber a modernidade como um tempo novo a partir do momento em que as expectativas passam a distanciar-se cada vez mais das experiências feitas até então (KOSELLECK, 2006, p. 314).

Na modernidade²⁰, a aceleração na produção das mudanças faz com que se abreviem os campos da experiência, acabando com sua continuidade e colocando continuamente em cena um conteúdo desconhecido (KOSELLECK, 2006). Dessa maneira, as novas experiências fazem com que a experiência passada se torne cada vez menos pertinente, tornando o futuro cada vez mais imprevisível.

Desde o fim do século XVIII, uma gama de conceitos políticos e sociais tem orientado para um futuro novo e diferente, que não se baseia em uma experiência prévia, não permitindo ser testado por referência ao passado. Assim a temporalização dos conceitos modernos deve ser compreendida através do contexto (KOSELLECK, 2006a).

Uma das características do modernismo epistemológico na historiografia foi a crescente centralidade do sujeito na produção do conhecimento. E essa fixação do sujeito/objeto tinha como uma das consequências, a simplificação da linguagem como campo de estudos da historiografia (ARAUJO, 2008).

²⁰ Cabe destacar que ela difere da periodização da História que é um método cronológico usado para contar e separar o tempo histórico da humanidade. Dividindo a existência humana na face da terra em períodos (Pré-história, Idade Antiga, Média, Moderna, Contemporânea). Para Le Goff (1990), a modernidade é o resultado ideológico do modernismo. Mas ideologia do inacabado, da dúvida e da crítica – a modernidade é também impulso para a criação, ruptura declarada com todas as ideologias e teorias da imitação, cuja base é a referência ao antigo e a tendência para ao academismo.

A história dos conceitos traz como inovação o fato de considerar a linguagem como um fenômeno irreduzível às demais dimensões do real, de forma que ela é investida de uma autonomia relativa passiva de tratamento teórico-metodológico específico.

Não seria suficiente para a investigação historiográfica entender a linguagem como constituída e constituinte da realidade. Na linguagem, os conceitos fazem mediação entre a experiência e a expectativa, individual e social, o linguístico e o extralinguístico. Sendo ele o objeto de maior efetividade historiográfica. Nos conceitos, a linguagem consolida ou desfaz configurações do mundo da vida, operando como força histórica.

Para Koselleck, o conceito histórico não pode ser tratado como uma representação mental, pois ele resulta de uma precipitação de experimentação, sendo ele tão material quanto um processo produtivo e não como mera representação mental. Um conceito realiza-se por atos de fala, não como uma ideia na mente de um autor, mas um conjunto rastreável de performances discursivas capazes de deixar vestígios concretos para a pesquisa historiográfica (ARAUJO, 2007).

Ao entender que o conceito histórico não é uma criação livre da subjetividade do historiador, imputa ao pesquisador a responsabilidade de recuperar essas dimensões disponíveis nos vestígios do passado e na própria continuidade histórico-cultural. Para esse trabalho, é necessária uma reconstrução completa de seus contextos de enunciação, tanto em sua dimensão sincrônica, quanto diacrônica. O historiador deve trabalhar com uma concepção de real onde o linguístico e o extralinguístico estão em constante tensão (KOSELLECK, 2006).

Sem perder de vista que a história dos conceitos lida com o uso de linguagens específicas em situações específicas, e no interior delas os conceitos são utilizados e desenvolvidos por oradores específicos. Visto dessa maneira, todo ato de fala é único (KOSELLECK, 2006a).

Para a compreensão e reconstrução do contexto discursivo torna-se necessário lançar um novo olhar para os textos canônicos, obras por vezes negligenciadas ou esquecidas pelas visões hegemônicas. Trazendo jornais, panfletos, dicionários e outros documentos, como matéria-prima fundamental para essa reconstrução contextual (SEBASTIÁN, 2007).

Os textos passam oferecer informações privilegiadas sobre as formas pelas quais uma determinada sociedade experimentou, concebeu e prefigurou a realidade. Para Koselleck, os conceitos são sintomas de transformações sociais, e assim não podemos desconsiderar seus movimentos autônomos capazes de produzir novas e imprevistas configurações. Dessa forma, o conceito não pode ser entendido apenas como uma palavra, uma ideia ou até mesmo uma representação parte do imaginário coletivo. Os conceitos históricos são fenômenos reais, instrumentos cognitivos produzidos na existência concreta.

Um *corpus documental* significativo possibilita datar o momento em que um novo conceito nasce, ou em que novos significados são atribuídos a velhas palavras. Ainda que um conceito seja atribuído a um vocábulo, ele não se reduz a uma palavra. Ele é uma forma específica de lidar com campos da realidade ao mesmo tempo que os organiza. Assim a mudança conceitual a abertura de uma nova experiência do real (ARAUJO,2008).

2.2 Procedimentos Operativos

Sob o aspecto teórico-metodológico o presente estudo abarca como fonte principal para a composição do espaço de experiência o livro “Notes on nursing: What it is, and what is not” de autoria de Florence Nightingale publicado em 1860. Essa obra foi escolhida por ser considerada uma das principais bases teóricas para enfermagem moderna.

A análise dos conceitos pode ser feita a partir de um método que privilegia textos comparáveis ou expandindo a análise ao conjunto da língua. Apesar desses dois caminhos metodológicos distintos, o objeto se mantém o mesmo, alterando-se apenas a perspectiva em relação a ele (KOSELLECK, 1992).

Assim, realizamos a análise a partir do texto/contexto, este, na sua acepção mais reduzida. Ou seja, o parágrafo no conjunto de um texto maior. Para que isso seja possível realizamos a contextualização dos termos em unidades maiores, ou seja, em um conjunto de textos comparáveis, como por exemplo, livros, revistas, jornais etc.

Por sua vez, essas unidades maiores no qual o termo ou outra expressão verbal análoga à “cuidado de enfermagem” se insere, se articula a um contexto ainda mais ampliado para além do texto escrito. O que significa dizer que o conceito de “cuidado de enfermagem” está envolto por um emaranhado de perguntas e respostas, textos/contexto.

Os documentos foram selecionados de acordo com a necessidade de entendimento das unidades de contexto, e assim nos ajudaram a compreender o contexto ao qual o conceito de cuidado de enfermagem está articulado.

Almejamos por meio do trabalho de análise das fontes documentais identificar quais formas verbais, contidas na experiência histórica, foram utilizadas para designar e descrever o ato de cuidado do enfermeiro. E assim, compreender a partir de quando esse conceito foi resultado de um processo de teorização, pois através do entendimento da sua formulação em termos linguísticos, podemos pensar através dele a realidade histórica, nos permitindo atuar sobre a realidade de forma concreta.

Dessa forma a primeira etapa da análise foi composta pela seleção de textos concernentes ao universo da enfermagem (artigos de periódicos, revistas, livros, registro noticioso e dicionários médicos), que dizem respeito a profissão e que trazem em seu corpo elementos representativos que favoreçam a construção do conceito de cuidado de enfermagem.

Apreendemos que para a construção da história do conceito de “cuidado de enfermagem” seria necessário entender o cuidado a partir da enfermagem em si. Então, mergulharmos na análise de termos diretamente relacionados a ela, como o de Enfermeiro (a), de Enfermagem, bem como de suas derivações, buscando compreender os elementos que compõem um cuidado específico dessa ação. Isso porque acreditamos que na história do conceito de “cuidado de enfermagem”, esses termos têm papel de destaque e que sem o entendimento dos mesmos não alcançaríamos nosso objetivo.

Na intenção de constituir um *corpus documental* significativo que favorecesse a análise do conceito de cuidado de enfermagem, realizamos a busca de dicionários e enciclopédias de língua inglesa de períodos anteriores e posteriores à obra de Florence Nightingale, com a finalidade de realizar uma análise comparativa da definição dada aos termos enfermeiro e/ou enfermagem assim como suas derivações.

Segundo Gomes (2008) a utilização de dicionários e enciclopédias na constituição do corpus documental se explica pelo fato dessas fontes deterem várias camadas temporais e por se constituírem em um tipo de fonte, que se dispõe a fornecer a informação correta, permitem estabelecer a repetição da semântica através dos tempos, bem como determinar o ritmo da mudança conceitual.

A análise dos dicionários tem por objetivo identificar quando na língua inglesa o conceito moderno de enfermeiro/enfermagem como uma prática profissional supera a prática anterior e se traz junto com ele a ideia do cuidado como sendo próprio da profissão. E a fim de tornar o trabalho mais interessante buscaremos nas descrições normativas das enciclopédias as possíveis nuances e redefinições do conceito de cuidado de enfermagem a partir do termo enfermeiro e/ou enfermagem.

Pelo fato de muitas das vezes os propósitos dos dicionários serem confundidos com o das enciclopédias cabe aqui um esclarecimento. Segundo, Landau (2001) o dicionário é um veículo que descreve os significados das palavras, com ênfase na palavra de forma que toda a informação leva ao significado, pronuncia, classificação gramatical, uso e etimologia. Já as enciclopédias são obras de referência que buscam reunir o maior número de informações sobre diversos domínios de conhecimento, não de especialistas, mas para o público em geral. Nelas a descrição de um item vai além do que caberia em um dicionário.

Como critério de seleção dos dicionários de língua Inglesa e das enciclopédias, optamos em analisar as obras dessas categorias que tivessem publicações periódicas, que favorecesse a percepção das camadas temporais e assim nos permitisse realizar a análise de um período anterior e posterior a obra de Florence Nightingale, para identificar possíveis alterações no termo “enfermeiro” e/ou “enfermagem”.

Sendo assim, inicialmente, selecionamos o dicionário intitulado “An American Dictionary of the English Language”, onde foram encontradas e analisadas as seguintes edições: 1841, 1845, 1846, 1848, 1852, 1854, 1861, 1865, 1879, 1895, 1913, 1934. Cabe destacar que o dicionário de 1913 é uma versão disponível online, como parte do “The Project for American and French Research on the Treasury of the French Language” (ARTFL)²¹ da Universidade de Chicago.

²¹ Foi fundado em 1982 como resultado de uma colaboração entre o governo francês e da Universidade de Chicago, o Projeto ARTFL é um serviço baseado em consórcio que fornece a seus

Para a análise das enciclopédias selecionamos as seguintes edições da “The Encyclopaedia Britannica”: 7ª. Edição (1842), 8ª. Edição (1853), 9ª. Edição (1875-1890), 10ª Edição (1902), 11ª. Edição (1911) e 12ª. Edição (1922).

Foi analisado também o dicionário médico intitulado “Quain’s Dictionary of Medicine”, o qual foi utilizado como fonte para descrição do termo “nursing” na “The Encyclopaedia Britannica” de 1911 e 1922. Nele os verbetes “Nurses Training of.” e “Nursing the sick”, que descrevem como deve ser o treinamento das enfermeiras, bem como a assistência aos doentes, foram escritos por Florence Nightingale. Sendo selecionadas para análise a edições de 1884 e 1902.

O período superior a sessenta anos entre a publicação do livro “Notes on Nursing: What it is, and what it is not” e as demais fontes utilizadas no estudo permite a diacronia e assim entender as mudanças ou continuidades do conceito cuidado de enfermagem.

A busca dos documentos utilizados no presente trabalho foi realizada no acervo da Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, em bibliotecas internacionais (dos Estados Unidos e Inglaterra), em bibliotecas digitais e em acervos particulares de pesquisadores.

Foi realizada a pesquisa e busca de documentos nas bases eletrônicas de dados bibliotecas de instituições dos Estados Unidos e da Inglaterra que disponibilizam as obras, geralmente em Portable Document Format (PDF), para consulta e visualização. Outra fonte para busca de documentos foram as bibliotecas digitais Internet Archive e HathiTrust Digital Library onde foi possível encontrar a maior parte dos documentos utilizados na análise.

Cabe ressaltar a dificuldade em localizar os documentos utilizados no estudo. Pois a maior parte do material de análise é composta por documentos antigos publicados em outros países, que não foram encontrados na Biblioteca Nacional, esta que entrou em reforma no período da pesquisa tornando ainda mais trabalhosa a coleta do material.

Outro ponto a ser destacado diz respeito a extensão de documentos como as enciclopédias e os dicionários. Isso porque são divididos em volumes e, em raras exceções, um mesmo acervo possuía e disponibilizava para consulta todos os volumes. O que nos obrigou a realizar pesquisas em várias bases eletrônicas para

encontrar o volume desejado, tarefas essa que demandou paciência e intermináveis horas trabalho e busca.

Após a busca nas bases citadas acima, o material reunido foi salvo como arquivo digital no formato PDF ou Joint Photographics Experts Group (JPEG), de acordo com a disponibilidade de cada base. Na tentativa de evitar perdas na qualidade da imagem durante a ampliação dos fragmentos foi realizado um tratamento simples das mesmas em programas específicos, para ajuste de cor (todas em preto e branco) nitidez, contraste e brilho.

Na Biblioteca Nacional a obtenção do material foi feita através de fotografias retiradas com máquina fotográfica digital com resolução de 12 Megapixels com a supervisão do bibliotecário responsável e, após o tratamento das imagens em programas específicos para tal finalidade foram impressos para facilitar a leitura.

3 CONTEXTO POLÍTICO E ECONÔMICO DA INGLATERRA VITORIANA

O século XIX foi o século da supremacia da economia inglesa frente aos outros países da Europa, tanto quanto foi o século do concerto europeu, da formação da sociedade europeia. Os ideais de progresso e desenvolvimento fortaleceram a crença de que o mundo estava em rápida transformação e que a Europa do século XIX estava no ápice do processo civilizatório (SILVA, 2010).

O século XIX caracterizou-se também pelo rápido desenvolvimento das ciências impulsionado pelas descobertas da Física que levaram ao apogeu a imagem mecanicista (cartesiana) do universo; da Biologia, em seu transcurso evolutivo, através de Charles Darwin (1809-1882), com seu tratado sobre a origem das espécies colocando em crise a ideia de homem que vigorava há séculos e o nascimento da genética com Gregório Mendel (1822-1878), entre outros acontecimentos.

Foi durante o século XIX que iniciou o período designado como Vitoriano. Ele compreende o período de sessenta e quatro anos do reinado da Rainha Vitória (1837-1901) e foi marcado pela modernização e mudanças profundas em vários segmentos da sociedade. Entre as muitas mudanças está a consolidação de uma sociedade industrial e da classe trabalhadora, deslocando o estilo de vida inglês, até então baseado na agricultura, para uma economia urbana moderna baseada no comércio e na indústria.

Esse período compreende o auge da Revolução Industrial, a qual acabou influenciando toda a sociedade e a cultura inglesa. Sendo ele caracterizado por grandes contrastes. Por um lado, o crescimento e desenvolvimento acelerado da população inglesa, no âmbito político e econômico e, por outro, a euforia provocada por esse crescimento e pelos avanços tecnológicos. O trabalho na indústria têxtil era a principal atividade produtiva na era vitoriana, onde grande parte de toda a mão de obra do país era empregada nas indústrias de tecido de algodão na década de 1880 (CARVALHO, 2014).

Na economia, ao longo desse período, o padrão ouro estendeu a importância da libra esterlina para todos os continentes. No comércio de Londres, era possível comprar desde seda da China e especiarias da Índia até produtos como pau-brasil, algodão e trigo vindos das Américas. Londres era também o centro das finanças

mundiais, fornecendo fundos para ferrovias, mineração e outras atividades de produção e comércio desenvolvidas em várias regiões do mundo (CARR, 2001).

Na política, a esquadra inglesa e o parlamento eram sinônimos de ordem e poder, sendo respeitados e admirados mesmo por aqueles que não nutriam a menor simpatia pela Grã-Bretanha. Nas letras, obras de nomes como os de Charles Dickens, haviam se tornado universais sendo traduzidas e publicadas nos centros cultos do mundo. Nas artes, nas ciências e nas práticas econômicas e políticas as instituições britânicas eram copiadas ou estendidas a outras partes do mundo pelo sistema colonial, pela imprensa e pela intensificação das relações econômicas com os mais longínquos e exóticos países e culturas (CARR, 2001).

A sociedade era extremamente moralista e machista. O homem dominava o mercado de trabalho e a mulher via seu papel relegado ao de funcionária doméstica. Não havia espaço para posturas radicais quanto à estrutura padrão do lar. As convenções vitorianas relacionadas ao casamento eram rígidas e bastante desfavoráveis a figura feminina. Todas as propriedades herdadas pela mulher eram automaticamente repassadas ao marido após o casamento, que inclusive tinha o direito de “educar” sua esposa por meio de golpes de vara, desde que esta não fosse mais grossa do que seu polegar (CARVALHO,2014).

Para Morais (1999) as virtudes vitorianas eram especificamente vinculadas à postura moral, entendendo-se moral vitoriana como o conjunto de respostas, tanto emocionais como intelectuais, a um processo histórico permeado por crises, revoluções e avanços científicos. Eram consideradas virtudes, no século XIX inglês, a disciplina, a retidão, a limpeza, o trabalho árduo, a autoconfiança, o patriotismo, entre outros. As virtudes eram também entendidas em suas conotações sexuais de castidade e fidelidade conjugal, o que gerou a concepção popular do Vitorianismo como obsessivamente puritano em suas caracterizações.

A principal metrópole da época era Londres, atraindo imigrantes de várias partes do mundo em busca de melhores condições de vida. A cidade era dividida em duas camadas sociais: a classe média alta (que mantinha influência na Era Vitoriana) e a classe trabalhadora, que aumentava cada vez mais e vivia em condições precárias (PEREIRA, 2014).

A arte na época tinha um papel de condução formadora, que valoriza a conduta moral e os valores tradicionais. Dessa forma, cria-se um simulacro de viver, através de comportamentos socialmente aceitáveis presentes nos textos da época, por

exemplo. A literatura exerceu um papel social extremamente importante na sociedade inglesa vitoriana. Em um período no qual as bases da sociedade eram erigidas a partir do meio familiar, no cultivo das virtudes como a retidão, a seriedade e a castidade, tendo como pilares papéis sociais bem definidos para homens, mulheres e crianças. A leitura edificante, realizada por e aos familiares, era algo de suma importância (MORAIS,1999).

Uma característica da literatura vitoriana é seu objetivo altamente moral, aliado a uma técnica romântica: linguagem rica e bastante ornamental. (BURGESS, 1996). A busca por uma instrução moralizante através da literatura fez com que uma vastíssima literatura pedagógica, permeada por conselhos legais, teológicos, médicos e morais inundasse o século XIX inglês (MORAIS,1999).

Desde a metade do século XIX, os lares na cultura anglo-saxônica deveriam expressar a “personalidade” das mulheres e as condições materiais da sociedade moderna tornaram esta associação especialmente forte. Uma vez excluídas da vida pública, da urbe, de todas as formas de trabalho, as mulheres burguesas administravam e adornavam os lares (só as solteiras podiam trabalhar como enfermeiras ou governantas) (PINTO, 2014).

A era vitoriana além de se destacar pelo amplo desenvolvimento industrial foi marcada também pela rigidez nos princípios moralistas. Para Barsun (2002) suas origens remontam ao Metodismo e seu impulso de fazer o bem inspirou os evangélicos da Igreja Anglicana a agitarem causas como a abolição da escravatura. O moralismo tinha como propósito reprimir o que poderia perturbar o estado de coisas existentes, visando como meta a respeitabilidade.

Segundo Monteiro (1998) nesse período, o questionamento religioso aliado a um processo evolutivo indiferente aos anseios sociais suscitou a necessidade de se buscar uma base que refletisse solidez e estabilidade. Esta base era o lar, e como seu representante elegeu-se alguém com as qualidades de guardião da moral e da castidade. Assim, essa exigência de um anjo do lar fez nascer a mulher vitoriana. A família nunca foi tão reverenciada e sentimentalizada quanto nesse período.

O papel da educação dos lares era extremamente valorizado. As crianças eram educadas para se comportarem como adultos, exigindo-se assim, um comportamento adulto e, conseqüentemente, maduro. A pressão que os adultos sofriam da sociedade era repassada às crianças, ou seja, os conceitos de culpa e aprovação eram repassados ao universo infantil (MORAIS, 2004).

O lar transformou-se num templo de perfeição, regido por aquela que representava o ideal de fidelidade, maternidade, zelo pelo grupo familiar; era uma espécie de refúgio. Mas esse culto ao lar, essa divisão em esferas diferentes, implicou necessariamente na inferiorização da mulher, já que a ela era praticamente negado o acesso à vida pública, ao estudo, à participação nos assuntos da comunidade de modo geral (MORAIS,1999).

Havia muitos valores vitorianos envolvidos em torno da família e do lar. Segundo Speck (2013), “a casa se tornou o centro de um culto doméstico” presidido pelo chamado “chefe do lar” e lugar da mulher, onde a esposa, como uma criada doméstica superior, desempenhava o papel de “anjo da casa”.

No que tange a profissionalização das mulheres na maior parte do século XIX, Speck (2013) aponta que as pertencentes à classe média tinham que se tornar governantas ou preceptoras, enquanto as garotas de classes mais baixas, em sua grande maioria, exerciam trabalho ligado à atividades domésticas.

Como afirma Peter Gay (1989), as filhas de artesãos e pequenos comerciantes saíam de casa para trabalhar como datilógrafas, secretárias e contínuas. Já as jovens oriundas da aristocracia, empobrecidas e “inelegíveis” para um bom casamento, eram empregadas frequentemente como governantas. Mas a maior parte das mulheres, seja da classe operária ou da burguesia, tornavam-se professoras, sobretudo na escola primária.

Dar aula era uma escolha quase que predeterminada para mulher. Especialmente a partir da década de 1860, que com a expansão das escolas primárias e secundárias, aumentou a necessidade de professores. A professora não ofendia o estereótipo criado sobre a verdadeira natureza e missão da mulher (GAY, 1989).

Monteiro (1998) salienta que as condições de trabalho para as mulheres solteiras eram precárias e desvantajosas. Assim, as mulheres sem instrução, pertencentes às classes menos favorecidas, podiam se engajar em certos trabalhos braçais, tidos como inferiores.

As damas da alta classe já não podiam ou não queriam educar seus filhos, pois isso poderia comprometer o status de que gozavam. Segundo HUGHES (1993), aristocracia inglesa tinha, há muito, resolvido poupar a senhora-mãe das obrigações pedagógicas, contratando os serviços de uma professora residente. Dessa forma, algumas famílias mandavam suas crianças para os colégios e pensionatos, mas a

grande maioria preferia que suas filhas fossem educadas na segurança e no conforto de seu lar.

As moças jovens, de origem humilde, porém com um grau de instrução razoável, eram empregadas como preceptoras ou governantas nas casas de famílias inglesas das classes média e alta. As governantas cuidavam da educação das crianças até que estivessem com idade suficiente para ingressarem em um colégio ou até que pudessem ter um tutor. A vida delas era bastante solitária e causava inveja aos outros empregados, mas embora possuíssem educação e modos de uma “lady”²², eram tratadas como criadas. De qualquer forma, esta era praticamente a única opção para moças solteiras da classe baixa e média que precisavam ganhar seu próprio sustento (MORAIS, 1999).

Segundo Monteiro (1998) a função da preceptora era dar aos seus pupilos uma orientação moral e social. Por trabalhar em um ambiente refinado, próprio de uma lady, era necessário que a preceptora como substituta da mãe, fosse uma “gentlewoman”²³. Em geral ela era filha de pároco ou alguém da própria família, como uma prima ou sobrinha.

A separação das esferas de atuação (feminina e masculina) na vida vitoriana reforçava sempre o que era tido como o elevado e sublime papel das mulheres – o de serem mães exemplares e esposas fiéis. Estava associado à mulher a moralidade e ao homem o intelecto. Acreditando que o saber atrapalharia essa sua vocação natural, havia um certo temor de que, as mulheres ao adquirirem um maior grau de conhecimento, sobressaíssem de tal modo a superarem seus maridos (MORAIS, 1999).

O crescimento urbano acelerado o êxodo rural provocava inúmeras tensões na sociedade britânica das principais cidades do país. Dentre os problemas que se mostram mais evidentes, estão aqueles relacionados ao abastecimento e as condições de saneamento.

As cidades industriais inglesas, durante boa parte do século XIX, estavam tomadas de problemas de acúmulo de lixo, sujeira de todo o tipo, poluição da água, falta de esgoto e saneamento. As doenças se multiplicavam de forma exponencial. Enfim, surge um quadro não só de ameaça à classe trabalhadora, mas a toda a

²² 1 senhora, dama, fidalga. 2 esposa, dona da casa. 3 Lady título de nobreza. 4 amada, namorada, amante (<http://michaelis.uol.com.br/moderno/ingles/index>).

²³ 1- dama, senhora de boa família, fidalga. 2- senhora distinta e educada (<http://michaelis.uol.com.br/moderno/ingles/index>).

população. À medida que tal problemática crescia, a imundície das cidades deixou de ser assunto privado para se tornar público. A necessidade de pessoal conhecedor dessa situação para administrar e prevenir passou a se concretizar na formação de ações para limpeza de ruas, fornecimento de água, melhoria dos esgotos. Essas ações eram consideradas preventivas (DUCATTI, 2010).

Nos bairros pobres, o mau cheiro era tamanho que Londres foi tida como a cidade mais fétida da Europa. Havia detritos produzidos por pessoas aglutinadas em lugares insalubres, nos quais era impraticável viver, fazer comida ou lavar roupa. Os bairros operários se agigantavam, tornando quase cidades dentro da cidade principal, onde a degradação se misturava entre trabalhadores, bêbados e criminosos. Os trabalhadores pobres e famintos, eram vistos como bárbaros e por isso, deviam ser mantidos em seus guetos (SOARES, 2015).

Durante esse período, mais precisamente em 1853, eclodiu a Guerra da Crimeia que opôs França, Grã-Bretanha e o Império Otomano à Rússia czarista. O conflito que se desdobrou de 1853 a 1856, na península da Crimeia (no mar Negro, ao sul da atual Ucrânia), no sul da Rússia e nos Bálcãs. O conflito teve fim em 30 de março de 1856, com Tratado de Paris, consagrando a derrota da Rússia diante da Inglaterra e da França, aliados pela primeira vez depois de sete séculos.

A ocorrência desse conflito é um marco para a história da enfermagem, já que foi durante a Guerra da Crimeia que, pelo trabalho realizado, Florence Nightingale ganhou destaque. Isso porque Florence Nightingale, em 1854, prestou serviço às tropas inglesas na Guerra da Crimeia, juntamente com trinta e oito voluntárias. E tanto pelo trabalho realizado na administração dos hospitais de guerra, quanto pela humanização dos cuidados dispensados aos soldados ganhou destaque na Inglaterra. Mesmo com recursos escassos e poucos auxiliares, estabeleceu medidas sanitárias e tratamento aos soldados feridos, que segundo De Oliveira e colaboradores (2007), conseguiu reduzir de 47,2% para 2,2% a taxa de mortalidade entre os soldados, num período de apenas seis meses.

Maria Stella Bresciani (1989) ao falar sobre o espetáculo da pobreza em Londres e Paris do século XIX, aponta que a presença nas ruas de Londres da multidão no século XIX foi considerado pelos contemporâneos como um acontecimento inquietante, Londres na metade do século XIX contava com 2 (dois) milhões e meio de habitantes, trazendo junto com o crescimento populacional os vários perigos presentes na vida urbana.

Friederich Engels (1985), em seu estudo sobre a classe operária inglesa do século XIX publicado em 1845, aponta os custos sociais do crescimento econômico, descrevendo detalhadamente o cenário dos bairros pobres de Londres, que abrigavam parte da população operária. Neles haviam um amontoado de casas de três a quatro andares, construídas sem planejamento, com ruas estreitas, sinuosas e sujas. Entre os trabalhadores mal pagos haviam ladrões, escroques e vítimas da prostituição. As ruelas lotadas de casa abrigavam crianças doentias e mulheres andrajosas e semimortas de fome.

Assim nas décadas finais do século XIX a *teoria da degeneração urbana* ganha adeptos entre cientistas, empresários e administradores. Assim em 1890 sentencia o médico J. P. Freeman:

o filho do homem da cidade cresce muito magro, é quase uma paródia de si mesmo, precocemente excitável e doentio na infância, neurótico, melancólico, pálido e mirrado quando adulto, e isso se atingir esse estágio da vida (apud BRESCIANI, 1989).

Essa constatação ia encontro com a “ideia Sanitária” desenvolvida por Edwin Chadwick²⁴. Em seu relatório intitulado: “The Sanitary Conditions of the Labouring Population of Great Britain”, publicado em 1842, que divulgava a ideia de que a doença causava pobreza e que isso causava ônus à sociedade como um todo, que iam desde o medo de revoltas populares à necessidade de trabalhadores sadios e fortes para a indústria. O seu Relatório provou que as doenças transmissíveis estavam relacionadas às condições de sujeira no ambiente, devido à falta de drenagem, de abastecimento de água e de coleta de lixo (RIBEIRO, 2004).

O Relatório de Chadwick serviu como base a Reforma Sanitária na Inglaterra. Ele provocou uma reorientação dos problemas de saúde pública para a engenharia, além de despertar preocupações de cunho social e trazer a ideia de que a sociedade tem a obrigação de proteger e garantir a saúde de seus membros. Conquanto nesse momento ainda predominasse a teoria miasmática²⁵, a Reforma Sanitária obrigava uma série de intervenções, tais como o fornecimento de água pura e a disposição adequada de lixo e de esgotos.

²⁴ Formado em Direito, foi um reformador social Inglês, conhecido por seu trabalho de reformar as leis dos pobres (Poor Law) e melhorar as condições sanitárias e de saúde pública.

²⁵ A teoria dos miasmas explicava que a origem das doenças era proveniente dos odores e vapores infecciosos que emanavam da sujeira das cidades e defendia que o melhor método para a prevenção de doenças era limpar as ruas de lixo, esgotos e carcaças de animais.

Nos últimos 30-40 anos do século XIX, a bacteriologia, desempenhou função importante para a Saúde Pública. A capacidade de reconhecer e estudar os microorganismos levou à possibilidade de uma ação que pode ser mais efetiva sobre os agentes causadores de inúmeras doenças tornando assim, possível perceber o processo de transmissão e reprodução dos bacilos. O desenvolvimento da Bacteriologia apontou novos caminhos para o controle de doenças sob bases racionais, uma vez que possibilitava a eliminação de métodos coercitivos como o de quarentena, por exemplo (DUCATTI, 2010).

Outros estudos relacionados a saúde pública no século XIX também levaram a um melhor entendimento da relação saúde-ambiente como a teoria dos organismos microscópicos vivos, como causadores de doenças infecciosas, defendida por Henle em 1840. Em 1861, a teoria dos Germes²⁶ desenvolvida por Pasteur na França. A descoberta do bacilo da tuberculose por Koch, em 1882 e, em 1883, o vibrião do cólera.

Segundo Morais (1999), entre os pontos de convergência das preocupações do século XIX, está principalmente a Ciência e fé. Isso porque, o advento do experimentalismo científico, se analisado de maneira ampla, quebra a continuidade do discurso religioso e propõe novas formas de concepção do universo e do homem. De maneira que, a autoridade da igreja precisa abrir espaço para a autoridade científica que se impõe com força cada vez maior.

²⁶ levando ao processo de pasteurização (mostrou como prevenir a deterioração do vinho pelo seu aquecimento a uma certa temperatura).

4 A BUSCA DO CUIDADO A PARTIR DA DINÂMICA DO CONCEITO POR TRÁS DA PALAVRA “NURSE” EM UM DICIONÁRIO DE LÍNGUA INGLESA

Os dicionários de língua, são considerados como a mais prototípica das obras lexicográficas. Segundo KRIEGER et al. (2006), constitui-se na obra que reúne, de modo sistemático, o conjunto dos itens lexicais criados e utilizados por uma comunidade lingüística, permitindo que ela reconheça a si mesma em sua história e cultura. E, além de se constituir em espelho da memória social da língua, o dicionário desempenha o papel de legitimar o léxico. Assim, o dicionário converte-se no testemunho, por excelência, da constituição histórica do léxico de um idioma, bem como da identidade lingüístico-cultural das comunidades.

Segundo Farias (2007), os dicionários são parte integrante da evolução da língua. A palavra dicionário tem sua origem no latim medieval *dictionarius*, significando coleção de palavras. Apesar de ser de origem latina, a tradição de colecionar e organizar palavras em forma de listas remonta ao tempo dos Acádios, povo habitante da região central da Mesopotâmia, no século VII a.C.

Porém para Birdman (1984), não foram produzidas na antiguidade obras lexicográficas no sentido que hoje damos a esse termo. Nessa época os únicos trabalhos de cunho vagamente lexicográfico eram os glossários. E na verdade, esses precursores do moderno lexicógrafo eram filólogos ou gramáticos, preocupados com a compreensão de textos literários anteriores, ou com a correção de "erros" linguísticos.

Foi durante o período renascentista que os dicionários de uma única língua passaram a ser chamados de *thesaurus* (tesouro). Contudo Biderman (1984) aponta alguns pontos negativos. Segundo a autora, os dicionários seiscentistas possuíam muitas lacunas e os dicionaristas da época copiavam-se uns aos outros.

Ao longo do século XVII a lexicografia²⁷ monolingüe surge e se desenvolve, aperfeiçoando, aos poucos, as suas técnicas. Podemos citar desta época o *Tesoro de la Lengua Castellana*, o *Diccionario de Autoridades*, da Real Academia Espanhola e os dicionários franceses Richelet, Furetière e o *Dicionário da Academia Francesa*.

²⁷ é a técnica de redação e feitura de dicionários.

No século XIX, a difusão e a qualidade dos dicionários aumentam sensivelmente. Surgindo na França grandes dicionários como: Laveaux, Raymond, Landais, Littré, Larrousse entre outros (FARIAS 2007).

No século XVIII, cientistas começam a mostrar a necessidade de denominação de conceitos nas várias áreas de especialidade. Índícios dessa necessidade são revelados a partir de trabalhos como a *Encyclopédie*, de Diderot e D'Alembert, publicada na França, e em trabalhos editados na Inglaterra: *Cyclopaedia or universal dictionary of arts and science* (1728), de Chambers, e *Dictionary of the English language*, de Samuel Johnson (1755) (ALVES, 2000).

Após breve relato sobre a evolução dicionário, buscamos por meio da análise do verbete “Nurse” do dicionário de língua Inglesa de Noah Webster intitulado “An American Dictionary of de English Language” entender o movimento conceitual gerado pela tensão da realidade/contexto do período do estudo.

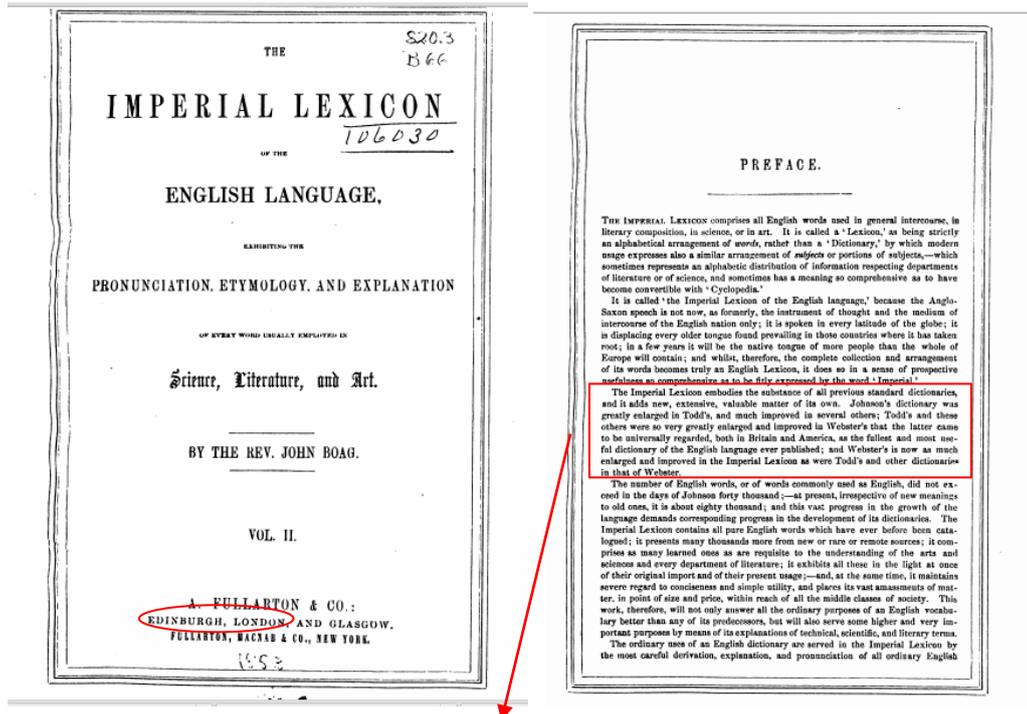
Apesar do dicionário elaborado por Noah Webster ser americano, não prejudicou a análise do presente trabalho, já que sua obra também era reconhecida e replicada em dicionários publicados na Inglaterra.

Para comprovar essa afirmativa realizamos uma análise comparativa, de acordo com o ano de publicação, do “An American Dictionary of de English Language” com dois diferentes dicionários publicados na Inglaterra, o “The Imperial Lexicon of the English Language” (1852-3)²⁸ e “The Imperial Dictionary” (1861).

Sobre a importância do dicionário de Noah Webster e sua utilização na Inglaterra, apesar de ser um dicionário americano, extraímos fragmentos nos prefácios dos dicionários ingleses selecionados onde os autores abordam esse assunto.

Abaixo mostramos a capa e o fragmento extraído “The Imperial Lexicon of the English Language”, cujo editor era o Rev. John Boag, publicado em 1852 em Edinburgh London.

²⁸ Dicionário em dois volumes. O volume I foi publicado em 1852 e o volume II em 1853.



The Imperial Lexicon embodies the substance of all previous standard dictionaries, and it adds new, extensive, valuable matter of its own. Johnson's dictionary was greatly enlarged in Todd's, and much improved in several others; Todd's and these others were so very greatly enlarged and improved in Webster's that the latter came to be universally regarded, both in Britain and America, as the fullest and most useful dictionary of the English language ever published; and Webster's is now as much enlarged and improved in the Imperial Lexicon as were Todd's and other dictionaries in that of Webster.

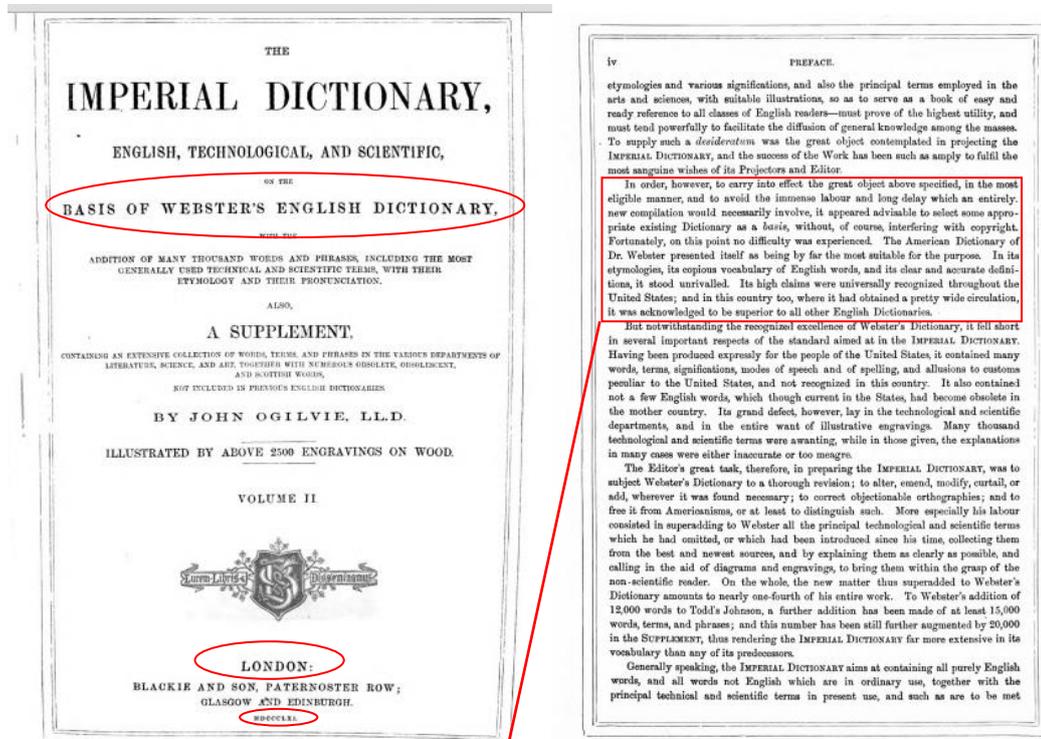
Imagem 1 - Capa, prefácio e fragmento retirado do prefácio do "The Imperial Lexicon of the English Language" (1852)²⁹

O "The Imperial Dictionary"³⁰ de John Ogilvie publicado em 1861, tem como base o "An American Dictionary of The English Language" de Noah Webster, como

²⁹ O léxico Imperial encarna a substância de todos os dicionários padrão anteriores, e acrescenta novos, extensa, valiosa matéria própria. O Dicionário de Johnson foi largamente ampliado em Todds, e melhorou muito em vários outros; Todds e esses outros foram então largamente ampliados e melhorados em **Webster's que ultimamente tem sido considerado universalmente, tanto na Grã-Bretanha e América, o mais completo e mais útil dicionário da língua inglesa já publicado**; e Webster's é agora mais ampliado e melhorado no The Imperial Lexicon, como foram Todds e outros dicionários no de Webster. (Tradução e grifos do autor)

³⁰ O dicionário tem como objetivo: 1. compreender todas as palavras contidas no dicionário de Johnson, com as adições de Todd e Webster, e palavras selecionadas a partir dos outros dicionários padrão e enciclopédias, juntamente com muitos milhares de palavras e termos de uso moderno, não incluídos em qualquer Dicionário Inglês. 2. Para exibir as etimologias de palavras inglesas, deduzidas a partir de uma análise e comparação das palavras de elementos correspondentes nas principais línguas da Europa e Ásia. 3. Facilitar a pronúncia de palavras 4. Para dar definições precisas e exigentes das palavras, ilustrados com exemplos de seu uso, selecionados entre os melhores autores, ou por frases familiares de autoridade inquestionável. 5. Para dar explicações de termos e frases bíblicas não só para ilustrar o sentido bíblico ou teológico, mas mesmo os ordinários significados das palavras. 6. Para dar definições precisas e explicações de termos técnicos e científicos, incluindo os de origem recente. distinguir as palavras que são obsoletas e incomum,

destacado em sua capa, e traz em seu prefácio outras considerações sobre a qualidade da obra de Webster e seu impacto na Inglaterra, como podemos ver abaixo.



In order, however, to carry into effect the great object above specified, in the most eligible manner, and to avoid the immense labour and long delay which an entirely new compilation would necessarily involve, it appeared advisable to select some appropriate existing Dictionary as a basis, without, of course, interfering with copyright. Fortunately, on this point no difficulty was experienced. The American Dictionary of Dr. Webster presented itself as being by far the most suitable for the purpose. In its etymologies, its copious vocabulary of English words, and its clear and accurate definitions, it stood unrivalled. Its high claims were universally recognized throughout the United States; and in this country too, where it had obtained a pretty wide circulation, it was acknowledged to be superior to all other English Dictionaries.

imagem 2 - Capa, prefácio e fragmento retirado do prefácio do "The Imperial Dictionary", 1861.³¹

tendo o cuidado de manter essas palavras que, embora agora obsoleto, ocorrem em nossos velhos autores ingleses. 8. introduzir essas palavras estrangeiras e termos que são frequentemente se encontraram com em autores ingleses, juntamente com algumas das palavras mais expressivos da língua escocesa. 9. Fornecer com a ajuda de diagramas e gravuras ideias mais claras de vários sujeitos e objetos, e do significado de diversos termos.

³¹ No fim, porém, para levar a efeito o grande objetivo acima especificado, da maneira mais conveniente e para evitar o imenso trabalho e longo atraso que uma nova compilação completa necessariamente envolveria, pareceu aconselhável selecionar um apropriado dicionário existente como base, sem, claro, interferir nos direitos de autor. Felizmente, nesse ponto não foi experimentado nenhuma dificuldade. **O dicionário americano de Dr. Webster apresentou-se como sendo de longe o mais adequado para o propósito.** Em suas etimologias, seu copioso vocabulário de palavras em inglês e suas definições claras e precisas, ficou sem rival. **Suas altas pretensões foram universalmente reconhecidas em todo os Estados Unidos; e neste país também, onde tinha obtido ampla circulação, reconheceu-se a ser superior a todos os outros dicionários ingleses.** (tradução e grifos do autor)

Ainda em seu Prefácio o editor afirma que “ The Imperial Dictionary” foi criado para fazer frente aos dicionários americanos que estavam sendo introduzidos na Inglaterra sem cuidado algum. Assim, para sua preparação foi realizada uma revisão completa do Dicionário de Webster para alterar, modificar, reduzir ou acrescentar, quando necessário e assim corrigir ortografias censuráveis; e livrá-lo de americanismos.

Outro ponto analisado nos dicionários selecionados foi a comparação do conteúdo do termo “nurse” no “The Imperial Lexicon of the English Language” (1853³²) e no “An American Dictionary of de English Language” (1852) e entre o “The Imperial Dictionary (1861) e “An American Dictionary of de English Language” publicado no mesmo ano.

A seguir há a exposição de fragmentos do termo “nurse” retirados dos referidos dicionários e em destaque as alterações encontradas após comparação.

³² A diferença entre a data conferida ao prefácio e da obra onde consta o termo nurse se dá pelo motivo do dicionário ser dividido em dois volumes. Sendo o primeiro volume, onde consta o dicionário, publicado em 1852 e o segundo volume, que traz o termo “nurse” ter sido publicado em 1853.

NURSE, nûrs, [Fr. *nourrice*.] *n.* A woman that has the care of infants, or a woman employed to tend the children of others. A woman who suckles infants. A woman that has the care of a sick person. A man who has the care of the sick. A person that breeds, educates or protects; hence, that which breeds, brings up or causes to grow. An old woman, in contempt. The state of being nurse. In composition, that which supplies food.—*v. t.* To tend, as infants. To suckle; to nourish at the breast. To attend and take care of in child bed. To tend the sick. To feed; to maintain; to bring up. *Is. lx.* 4. To cherish; to foster; to encourage; to promote growth in. To manage with care and economy, with a view to increase.

NURSED, nûrst, *p. p.* Tended in infancy or sickness; nourished from the breast; maintained; cherished.

NURSER, nûr'sûr, *n.* One that cherishes or encourages growth.

NURSERY, nûr'sûr-ê, *n.* The place or apartment in a house appropriated to the care of children. A plantation of young trees. The place where any thing is fostered and the growth promoted. That which forms or educates. That which is the object of a nurse's care. (The act of nursing. *Little used.*)

NURSING, nûr'sîng, *p. pr.* Tending; nourishing at the breast; educating, maintaining.

Imagem 3 – Termo nurse no “The Imperial Lexicon of the English Language”, 1853.

NURSE (nurs), *n.* [Fr. *nourrice*.] 1. A woman that has the care of infants, or a woman employed to tend the children of others. 2. A woman who suckles infants. 3. A woman who has the care of a sick person. 4. A man who has the care of the sick. 5. A person who breeds, educates, or protects; hence, that which breeds, brings up, or causes to grow. 6. An old woman, [in contempt.] 7. The state of being nursed.—8. In composition, that which supplies food.—9. In horticulture, a shrub or tree which protects a young plant.—*Gardner.*

NURSE (nurs), *v. t.* 1. To tend, as infants. 2. To suckle; to nourish at the breast. 3. To attend and take care of in child-bed. 4. To tend the sick. 5. To feed; to maintain; to bring up.—*Is. lx.* 6. To cherish; to foster; to encourage; to promote growth in. 7. To manage with care and economy, with a view to increase.

NURSED (nurst), *pp.* Tended in infancy or sickness; nourished from the breast; maintained; cherished.

NURSER, *n.* One who cherishes or encourages growth.

NURSERY, *n.* 1. The place or apartment in a house appropriated to the care of children. 2. A plantation of young trees. 3. The place where any thing is fostered and the growth promoted. 4. That which forms and educates. 5. The act of nursing; [*little used.*] 6. That which is the object of a nurse's care.—*Milton.*

NURSING, *ppr.* Tending; nourishing at the breast; educating; maintaining.

Imagem 4 – Termo nurse no “An American Dictionary of the English Language”, 1852.

see.

NURSE, *n.* (nurs.) [Fr. *nourrice*, from *nourrir*, to nourish.] 1. A woman that has the care of infants, or a woman employed to tend the children of others.—2. A woman who suckles infants.—3. A woman that has the care of a sick person.—4. A man who has the care of the sick.—5. A person that breeds, educates, or protects; hence, that which breeds, brings up, or causes to grow; as, Greece, the nurse of the liberal arts.—6. An old woman; in contempt.—7. The state of being nursed; as, to put a child to nurse.—8. In composition, that which supplies food; as, a nurse-pond.

NURSE, *v. t.* (nurs.) To tend, as infants; as, to nurse a child.—2. To suckle; to nourish at the breast.—3. To attend and take care of in child-bed; as, to nurse a woman in her illness.—4. To tend the sick; applied to males and females.—5. To feed; to maintain; to bring up; *Is. lx.*—6. To cherish; to foster; to encourage; to promote growth in. We say, to nurse a feeble animal or plant.

By what hands has vice been nursed into so uncontrolled a dominion? *Locke.*

7. To manage with care and economy, with a view to increase; as, to nurse our national resources.

Imagem 5 – Termo nurse no “The Imperial Dictionary”, 1861.

NURSE, (nurs,) *n.* [Fr. *nourrice*, from *nourrir*, to nourish.]

1. A woman that has the care of infants, or a woman employed to tend the children of others.

2. A woman who suckles infants.

3. A woman that has the care of a sick person.

4. A man who has the care of the sick.

5. A person that breeds, educates, or protects; hence, that which breeds, brings up, or causes to grow; as, Greece, the nurse of the liberal arts.

6. An old woman; in contempt. *Blackmore.*

7. The state of being nursed; as, to put a child to nurse. *Cleveland.*

8. In composition, that which supplies food; as, a nurse-pond. *Walton.*

9. In horticulture, a shrub or tree which protects a young plant. *Gardner.*

NURSE, (nurs,) *v. t.* To tend, as infants; as, to nurse a child.

2. To suckle; to nourish at the breast.

3. To attend and take care of in child-bed; as, to nurse a woman in her illness.

4. To tend the sick; applied to males and females.

5. To feed; to maintain; to bring up. *Is. lx.*

6. To cherish; to foster; to encourage; to promote growth in. We say, to nurse a feeble animal or plant.

By what hands has vice been nursed into so uncontrolled a dominion? *Locke.*

7. To manage with care and economy, with a view to increase; as, to nurse our national resources.

Imagem 6 – Termo nurse no “An American Dictionary of the English Language”, 1861.

Após análise comparativa entre o conteúdo do termo “nurse” nos dicionários, verificamos que apesar de terem sido publicados em países diferentes (Estados

Unidos da América e Inglaterra), não há modificações significativas a ponto de prejudicar a análise proposta na presente pesquisa.

4.1 As camadas temporais do termo “nurse” no Dicionário Americano de Língua Inglesa (1841-1934)

A análise do termo “nurse”, teve como o objetivo de identificar, através do trabalho dos lexicógrafos em trazer todos os atributos e significados para a palavra, elementos que favoreçam construir um conceito de cuidado de enfermagem. Pela inexistência do termo cuidado de enfermagem (nursing care) no dicionário linguístico, analisamos o termo nurse buscando identificar as relações com a enfermagem (prática profissional) e o cuidado.

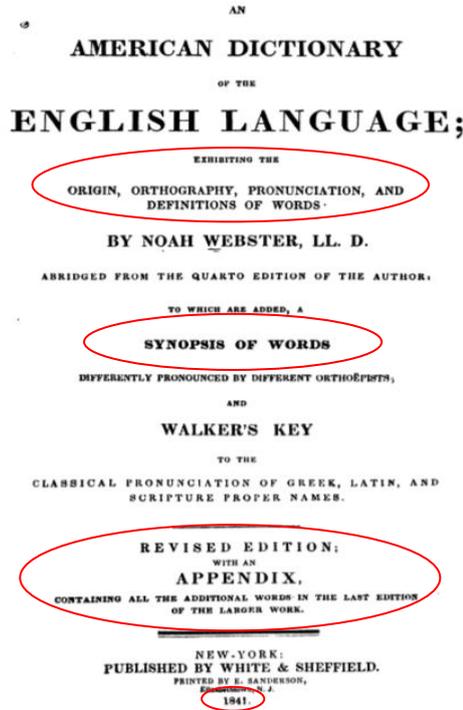
Na busca de compreender as mudanças e permanências na definição do termo “nurse” no dicionário de língua inglesa no período do estudo realizamos a seguir a análise das seguintes edições do “An American Dictionary of de English Language”: 1841, 1845, 1846, 1848, 1852, 1854, 1861, 1865, 1879, 1895, 1913³³, 1934.

A primeira obra a ser analisada é a segunda edição do “An American Dictionary of the English Language³⁴” de Noah Webster publicada em 1841, doze anos após a publicação da primeira edição em 1828. Trata-se de uma edição revisada e ampliada dos termos. Nela foram acrescentadas aproximadamente 15.000 palavras a mais que na sua primeira edição. O dicionário de Noah Webster aborda a origem, ortografia, pronúncia e definição das palavras, com uma sinopse de palavras, bem como um apêndice contendo as palavras adicionadas. A imagem abaixo traz a

³³ O dicionário de 1913 é uma versão online, que faz parte do “The Project for American and French Research on the Treasury of the French Language” (ARTFL) da Universidade de Chicago.

³⁴ Noah Webster afirma no prefácio da primeira edição do dicionário que o interesse em escrever um dicionário surgiu diante a falta de um dicionário que explicasse muitas palavras novas, introduzidas pelo avanço da ciência moderna, principalmente, pela recentes descobertas nas ciências físicas. Assim, como uma solução temporária ele publicou o “Compendious Dictionary” em 1806 e em seguida deu início aos trabalhos para realização de um dicionário Maior. Inicialmente, ele iria apenas fazer a correção de dicionários de inglês, mas no decorrer do trabalho viu que seria necessário também trabalhar a origem da palavra. Realizou viagens a Europa para o esclarecimento de dúvidas sobre pronúncia e da língua inglesa na Inglaterra, bem como o estado da filologia nesse país. O autor julgava ser importante ter um dicionário americano de língua inglesa, mesmo o corpo da língua sendo o mesmo da Inglaterra a fim de reter uma identidade da língua.

imagem da capa destacando tais informações, além da página em que se encontra o termo nurse, bem como a ampliação do fragmento.



NURSE, (nurs) n. [Fr. *nourrice*.] 1. A woman that has the care of infants, or a woman employed to tend the children of others. 2. A woman who suckles infants. 3. A woman that has the care of a sick person. 4. A man who has the care of the sick. 5. A person that breeds, educates or protects; hence, that which breeds, brings up or causes to grow. 6. An old woman; *in contempt*. 7. The state of being nursed.—8. *In composition*, that which supplies food.

NURSE, (nurs) v. t. 1. To tend, as infants. 2. To suckle; to nourish at the breast. 3. To attend and take care of in child-bed. 4. To tend the sick. 5. To feed; to maintain; to bring up. *Is. ix.* 6. To cherish; to foster; to encourage; to promote growth in. 7. To manage with care and economy, with a view to increase.

Imagem 7 - Capa, página do termo nurse e fragmento com ampliação do termo nurse “An American Dictionary of the English Language”, 1841³⁵

Como podemos analisar na imagem acima o termo “nurse”, tanto no substantivo quanto na sua forma verbal, identificamos diferentes significados

³⁵ “nurse”, substantivo, traz as seguintes definições: 1- Mulher que tem o cuidado de bebês ou uma mulher empregada para tratar as crianças dos outros; 2- Uma mulher que amamenta infantes; 3 - Mulher que tem o cuidado de uma pessoa doente; 4- homem que tem o cuidado de uma pessoa doente; 5 - Uma pessoa que gera, educa ou protege; conseqüentemente, o que gera, traz à tona ou faz com que cresça; 6- Mulher velha; em desprezo; 7- O estado de ser nutrido; e, 8 - na composição, que fornece comida.

Já na definição de “nurse”, verbo, (nurs) traz como definições: v.t. 1 – assistir e cuidar, uma criança; 2- amamentar; nutrir no peito; 3 - assistir e cuidar no parto; 4- Assistir/cuidar os doentes. 5 - alimentar; manter; educar; 6- tratar/cuidar com carinho; educar; incentivar; promover o crescimento; e, 7- gerenciar com cuidado e, com vista a aumentar.

atribuídos ao termo. Que vão desde a assistência e cuidado à crianças e doentes até atividades gerenciais cautelosas.

Há grande ênfase na assistência e cuidado à criança, do parto perdurando todo o período de desenvolvimento. Essa ênfase fica clara ao notarmos que a primeira definição dada ao termo nurse é relacionada à criança, bem como o número de itens com definições atreladas a criança. Entre as atividades descritas no termo estão: amamentar, alimentar, sustentar, educar etc.

Destaca-se para o cuidado aos doentes, que a atividade poderia ser realizada tanto por homens quanto por mulheres. O que é condizente com o período anterior a repercussão dos trabalhos realizados por Florence Nightingale na guerra da Crimeia e de seus escritos. Outro dado importante é que para realizar essa atividade, além das irmãs de caridade de ordens religiosas, existia o trabalho de outras pessoas, entre elas homens.

Inicialmente o termo “nurse” era utilizado principalmente para definir cuidado, especialmente materno, à criança desde o parto até todo o seu período de crescimento e desenvolvimento. Através de atividades como amamentar, alimentar e educar, que eram realizadas pela mãe ou outra pessoa contratada ou escolhida para desempenhar tal função. Além disso, era utilizado para designar o cuidado ao doente. De acordo com o conceito de nurse descrito à época nos leva a inferir que esse cuidado ao doente não era próprio da enfermeira ou da enfermagem (agente e profissão assim como entendemos hoje), mas sim um cuidado com conotação materna.

Nas edições do “An American Dictionary of the English Language” de 1845,1846 não houve alteração nas definições do termo nurse quando comparadas à edição de 1841.

Para facilitar a análise comparativa, o esquema abaixo traz os fragmentos onde constam as definições do termo, retirados das referidas edições.

1841

NURSE, (nurs) n. [Fr. *nourrice*.] 1. A woman that has the care of infants, or a woman employed to tend the children of others. 2. A woman who suckles infants. 3. A woman that has the care of a sick person. 4. A man who has the care of the sick. 5. A person that breeds, educates or protects; hence, that which breeds, brings up or causes to grow. 6. An old woman; *in contempt*. 7. The state of being nursed.—8. In *composition*, that which supplies food.

NURSE, (nurs) v. t. 1. To tend, as infants. 2. To suckle; to nourish at the breast. 3. To attend and take care of in child-bed. 4. To tend the sick. 5. To feed; to maintain; to bring up. *Is. lx.* 6. To cherish; to foster; to encourage; to promote growth in. 7. To manage with care and economy, with a view to increase.

1845

NURSE, (nurs) n. [Fr. *nourrice*.] 1. A woman that has the care of infants, or a woman employed to tend the children of others. 2. A woman who suckles infants. 3. A woman that has the care of a sick person. 4. A man who has the care of the sick. 5. A person that breeds, educates or protects; hence, that which breeds, brings up or causes to grow. 6. An old woman; *in contempt*. 7. The state of being nursed.—8. In *composition*, that which supplies food.

NURSE, (nurs) v. t. 1. To tend, as infants. 2. To suckle; to nourish at the breast. 3. To attend and take care of in child-bed. 4. To tend the sick. 5. To feed; to maintain; to bring up. *Is. lx.* 6. To cherish; to foster; to encourage; to promote growth in. 7. To manage with care and economy, with a view to increase.

1846

NURSE, (nurs) n. [Fr. *nourrice*.] 1. A woman that has the care of infants, or a woman employed to tend the children of others. 2. A woman who suckles infants. 3. A woman that has the care of a sick person. 4. A man who has the care of the sick. 5. A person that breeds, educates or protects; hence, that which breeds, brings up or causes to grow. 6. An old woman; *in contempt*. 7. The state of being nursed.—8. In *composition*, that which supplies food.

NURSE, (nurs) v. t. 1. To tend, as infants. 2. To suckle; to nourish at the breast. 3. To attend and take care of in child-bed. 4. To tend the sick. 5. To feed; to maintain; to bring up. *Is. lx.* 6. To cherish; to foster; to encourage; to promote growth in. 7. To manage with care and economy, with a view to increase.

Imagem 8 - Ampliação do fragmento do Termo nurse no “An American Dictionary of the English Language”, de 1841, 1842 e 1846, respectivamente.

Na edição de 1848, revisada e ampliada por Chauncey Goodrich, aparece uma alteração. O item 9 foi acrescentado, onde aparece mais uma definição ao termo “nurse” (substantivo). O item traz a utilização do termo “nurse” na horticultura, onde termo é usado para definir um arbusto ou árvore que protege uma planta jovem.

A aparição dessa definição pode ser devido ao fato de que para essa edição do dicionário havia sido realizada uma ampla revisão de todos os termos, onde em seu prefácio o editor afirma que para os temas referentes a agricultura foi utilizado como base o “Johnson's Farmer's Encyclopedia” (1844), and “Gardner's Farmer's Dictionary” (1846).

The revised edition contains ALL THE WORDS IN THE QUARTO EDITION, and also an arrangement of SYNONYMS under the leading words—a new and important feature, and not found in any other work.

AN AMERICAN DICTIONARY

OF THE ENGLISH LANGUAGE;

CONTAINING
THE ORIGIN, ORTHOGRAPHY, PRONUNCIATION, AND
DEFINITIONS OF WORDS.

BY NOAH WEBSTER, LL.D.

ABRIDGED FROM THE QUARTO EDITION OF THE AUTHOR.

TO WHICH ARE ADDED A

SYNOPSIS OF WORDS

DIFFERENTLY PRONOUNCED BY DIFFERENT ORTHOEPISTS;

AND

WALKER'S KEY

TO THE

CLASSICAL PRONUNCIATION OF GREEK, LATIN, AND
SCRIPTURE PROPER NAMES.

Revised and Enlarged,

BY CHAUNCEY A. GOODRICH,

PROFESSOR IN YALE COLLEGE.

WITH THE ADDITION OF A VOCABULARY OF
MODERN GEOGRAPHICAL NAMES, WITH THEIR PRONUNCIATION.

NEW YORK:
HARPER & BROTHERS, PUBLISHERS,
83 CLIFF STREET.

1848.

NUT

NUT *n.* 1. A hard shell of a nut, the covering of the kernel. 2. A kind of little cup or bowl, as the nut of a screw. 3. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 4. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 5. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 6. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 7. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 8. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 9. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 10. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 11. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 12. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 13. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 14. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 15. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 16. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 17. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 18. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 19. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 20. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 21. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 22. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 23. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 24. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 25. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 26. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 27. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 28. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 29. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 30. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 31. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 32. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 33. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 34. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 35. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 36. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 37. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 38. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 39. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 40. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 41. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 42. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 43. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 44. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 45. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 46. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 47. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 48. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 49. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 50. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 51. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 52. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 53. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 54. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 55. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 56. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 57. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 58. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 59. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 60. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 61. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 62. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 63. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 64. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 65. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 66. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 67. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 68. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 69. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 70. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 71. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 72. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 73. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 74. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 75. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 76. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 77. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 78. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 79. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 80. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 81. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 82. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 83. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 84. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 85. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 86. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 87. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 88. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 89. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 90. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 91. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 92. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 93. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 94. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 95. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 96. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 97. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 98. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 99. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine. 100. A small wooden box, used for holding the ends of the shafts of a machine.

NURSE (*nurs*), *n.* [*Fr. nourrice.*] 1. A woman that has the care of infants, or a woman employed to tend the children of others. 2. A woman who suckles infants. 3. A woman who has the care of a sick person. 4. A man who has the care of the sick. 5. A person who breeds, educates, or protects; hence, that which breeds, brings up, or causes to grow. 6. An old woman; [*in contempt.*] 7. The state of being nursed.—8. *In composition*, that which supplies food.—9. *In horticulture*, a shrub or tree which protects a young plant.—*Gardner.*

NURSE (*nurs*), *v. t.* 1. To tend, as infants. 2. To suckle; to nourish at the breast. 3. To attend and take care of in child-bed. 4. To tend the sick. 5. To feed; to maintain; to bring up.—*Is., lx.* 6. To cherish; to foster; to encourage; to promote growth in. 7. To manage with care and economy, with a view to increase.

Imagem 9 - Capa, página com o termo "nurse" e ampliação do fragmento do termo nurse no "An American Dictionary of the English Language", 1848.

Nas edições seguintes 1852 e 1854 não houveram alterações na definição do termo nurse como pode ser visto no esquema a seguir.

1848 **NURSE** (nurs), *n.* [Fr. *nourrice*.] 1. A woman that has the care of infants, or a woman employed to tend the children of others. 2. A woman who suckles infants. 3. A woman who has the care of a sick person. 4. A man who has the care of the sick. 5. A person who breeds, educates, or protects; hence, that which breeds, brings up, or causes to grow. 6. An old woman; [*in contempt*.] 7. The state of being nursed.—8. In *composition*, that which supplies food.—9. In *horticulture*, a shrub or tree which protects a young plant.—*Gardner*.

NURSE (nurs), *v. t.* 1. To tend, as infants. 2. To suckle; to nourish at the breast. 3. To attend and take care of in child-bed. 4. To tend the sick. 5. To feed; to maintain; to bring up.—*Is.*, *lx.* 6. To cherish; to foster; to encourage; to promote growth in. 7. To manage with care and economy, with a view to increase.

1852 **NURSE** (nurs), *n.* [Fr. *nourrice*.] 1. A woman that has the care of infants, or a woman employed to tend the children of others. 2. A woman who suckles infants. 3. A woman who has the care of a sick person. 4. A man who has the care of the sick. 5. A person who breeds, educates, or protects; hence, that which breeds, brings up, or causes to grow. 6. An old woman; [*in contempt*.] 7. The state of being nursed.—8. In *composition*, that which supplies food.—9. In *horticulture*, a shrub or tree which protects a young plant.—*Gardner*.

NURSE (nurs), *v. t.* 1. To tend, as infants. 2. To suckle; to nourish at the breast. 3. To attend and take care of in child-bed. 4. To tend the sick. 5. To feed; to maintain; to bring up.—*Is.*, *lx.* 6. To cherish; to foster; to encourage; to promote growth in. 7. To manage with care and economy, with a view to increase.

1854

NURSE (nurs), *n.* [Fr. *nourrice*.] 1. A woman that has the care of infants, or a woman employed to tend the children of others. 2. A woman who suckles infants. 3. A woman who has the care of a sick person. 4. A man who has the care of the sick. 5. A person who breeds, educates, or protects; hence, that which breeds, brings up, or causes to grow. 6. An old woman; [*in contempt*.] 7. The state of being nursed.—8. In *composition*, that which supplies food.—9. In *horticulture*, a shrub or tree which protects a young plant.—*Gardner*.

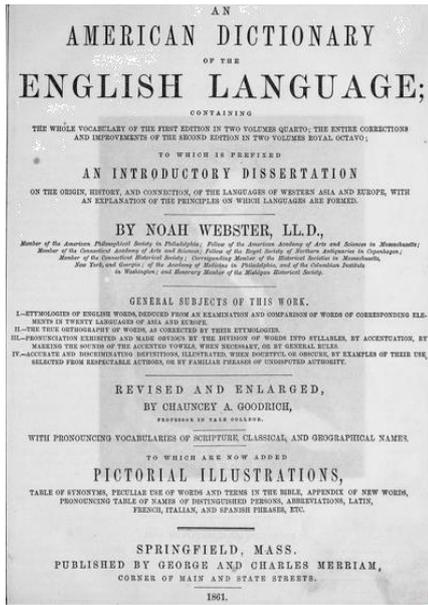
NURSE (nurs), *v. t.* 1. To tend, as infants. 2. To suckle; to nourish at the breast. 3. To attend and take care of in child-bed. 4. To tend the sick. 5. To feed; to maintain; to bring up.—*Is.*, *lx.* 6. To cherish; to foster; to encourage; to promote growth in. 7. To manage with care and economy, with a view to increase.

Imagem 10 - Ampliação do fragmento do Termo nurse no “An American Dictionary of the English Language”, de 1848, 1852 e 1854, respectivamente.

Na edição de 1861, ainda sob a direção de Chauncey A. Goodrich, efetivamente não traz alterações na definição do termo “nurse”, apenas acrescenta exemplos de utilização da palavra “nurse” às definições anteriormente dadas. Tais acréscimos acontecem nos itens 5, 7 e 8 de “nurse” (substantivo)³⁶, em nos itens 1, 3, 4, 6 e 7 da definição de “nurse” (verbo)³⁷.

³⁶ 5 - Uma pessoa que gera, educa ou protege; conseqüentemente, o que gera, traz à tona ou faz com que cresça; como a Grécia, a criadora das artes liberais; 7- O estado de ser nutrido, como, colocar uma criança para alimentar; e, 8 - na composição, que fornece comida, dando o exemplo de um lago onde os peixes são alimentados.

³⁷ No item 1- assistir/proteger/cuidar, uma criança; como cuidar de uma criança; 3 - assistir e cuidar no parto; como, cuidar de uma mulher em sua doença; 4- Assistir/cuidar dos doentes; aplicado para homens e mulheres; 6- tratar/cuidar com carinho; educar; incentivar; promover o crescimento; dizemos, tratar/cuidar de um frágil animal ou planta; e 7- gerenciar com cuidado e, com vista a aumentar; como gerenciar nossos recursos nacionais.



NURSE, (*nurs*,) *n.* [Fr. *nourrice*, from *nourrir*, to nourish.]

1. A woman that has the care of infants, or a woman employed to tend the children of others.
2. A woman who suckles infants.
3. A woman that has the care of a sick person.
4. A man who has the care of the sick.
5. A person that breeds, educates, or protects; hence, that which breeds, brings up, or causes to grow; *as, Greece, the nurse of the liberal arts.*
6. An old woman; in contempt. *Blackmore.*
7. The state of being nursed; *as, to put a child to nurse.*
8. In composition, that which supplies food; *as, a nurse-pond.*

9. In horticulture, a shrub or tree which protects a young plant. *Gardner.*

NURSE, (*nurs*,) *v. t.* To tend, as infants; *as, to nurse a child.*

2. To suckle; to nourish at the breast.
3. To attend and take care of in child-bed; *as, to nurse a woman in her illness.*
4. To tend the sick; *applied to males and females.*
5. To feed; to maintain; to bring up. *Is. lx.*
6. To cherish; to foster; to encourage; to promote growth in. *We say, to nurse a feeble animal or plant.*

By what hands has vice been *nursed* into so uncontrolled a dominion? *Locke.*

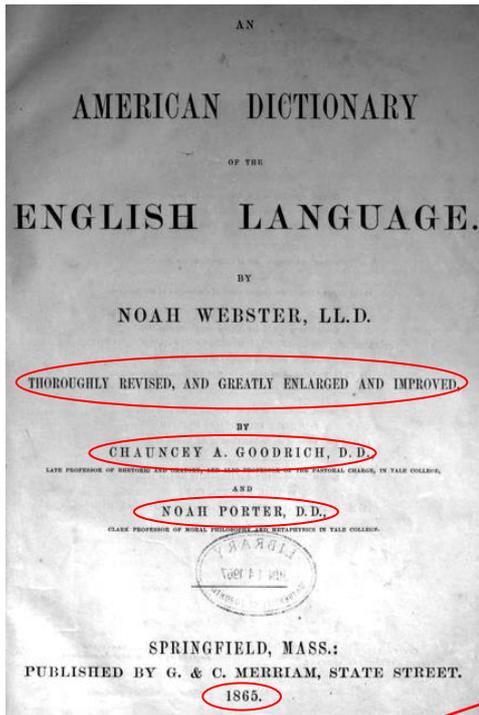
7. To manage with care and economy, with a view to increase; *as, to nurse our national resources.*

Imagem 11 - Capa, página com o termo “nurse” e ampliação do fragmento do termo nurse no “An American Dictionary of the English Language”, de 1861.

Cabe destacar entre as alterações realizadas pelo editor no texto das definições do termo “nurse”, ao qual acrescenta exemplos e faz complementações as definições favorecendo o entendimento do leitor, que no item 4 do termo “nurse” (verbo) além da definição assistir/cuidar de doentes ele reforça a informação contida nos itens 3 e 4 do termo “nurse” (substantivo), afirmando que tal atividade, à época, era realizada por homens e mulheres.

Na edição de 1865, em que tem como editor, além de Chauncey A. Goodrick, Noah Porter, que assumiu os trabalhos de revisão da edição do dicionário após a morte de Goodrick em 1860, traz uma versão revisada, ampliada e melhorada do dicionário, com mais de 114.000 palavras (1865, p. vii).

Como podemos ver nas imagens abaixo houve alteração na forma de apresentação e no conteúdo da definição de “nurse”.



Nurse, *n.* [O. Eng. *nourse*, *norse*, *nourice*, *norice*, A-S. *norice*, from Fr. *nourrice*, Pr. *nourissa*, *noirissa*, Lat. *nutrix*, *nutricis*, from *nutrire*, to nourish, nurse, Fr. *nourrir*. Cf. **NOURICE**.]
 1. One who nourishes; a person who supplies food, tends, or brings up; as, (*a.*) A woman who has the care of young children; especially, one who suckles an infant not her own. (*b.*) A person, especially a woman, who has the care of sick persons.
 2. Hence, one who, or that which, brings up, rears, causes to grow, trains, or the like; as, Greece, the nurse of the liberal arts. "Rome, the nurse of judgment." *Shak.*
 The cheap defense of nations, the nurse of manly sentiment and heroic enterprise, is gone. *Burke.*
 To put to nurse, or to put out to nurse, to send away to be placed under the care of a nurse; to cause to be at-

tended by a nurse. — *Wet nurse*, a woman who suckles an infant not her own.
Nurse, *v. t.* [*imp. & p. p.* **NURSED** (*nürst*); *p. pr. & vb. n.* **NURSING**.]
 1. To nourish; to cherish; to foster; as, (*a.*) To nourish at the breast; to suckle. (*b.*) To tend, as a sick person; to take care of, as an invalid; to attend upon. "Sons wont to nurse their parents in old age." *Milton.*
 Him in Egerian groves *Aricia* bore,
 And nursed his youth along the marshy shore. *Dryden.*
 2. Hence, to bring up; to raise, by care, from a weak or invalid condition; — applied to plants, animals, and to any object that needs, or thrives by, attention. "To nurse the saplings tall." *Milton.*
 By what hands has vice been nursed into so uncontrolled a dominion? *Locke.*
 3. Also, to manage with care and economy, with a view to increase; as, to nurse our national resources.

Imagem 12 - Capa, página com o termo "nurse" e ampliação do fragmento do termo nurse no "An American Dictionary of the English Language", de 1865. 38

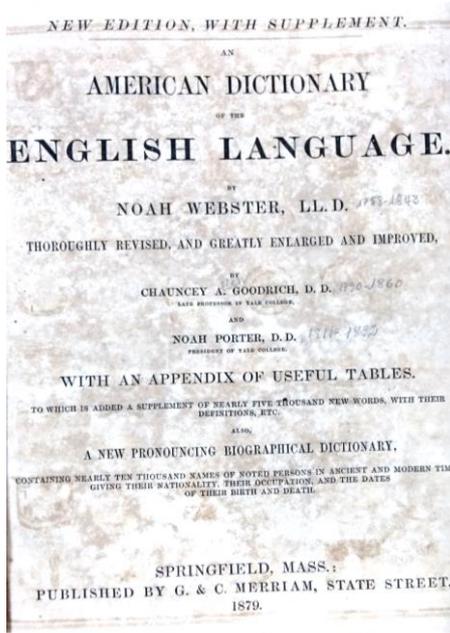
38 **NURSE**, *n.* 1- Aquele que nutre; uma pessoa que fornece alimento, assiste/protege/cuida, ou educa; como, (*a*) mulher que cuida de crianças pequenas; especialmente, aquela que amamenta um bebê não é seu. (*b*) Pessoa, especialmente uma mulher, que cuida de uma pessoa doente. 2- Consequentemente, o que, educa, cria, faz com que cresça; ensina, ou coisa parecida; como a Grécia, a criadora das artes liberais "Roma, protetora do julgamento" A desprezível defesa das Nações, a protetora do sentimento viril e iniciativa heroica, se foi. Colocar para criar, tirar a criação, para enviar para ser colocado sob os cuidados de uma babá; motivo de ser atendida por uma enfermeira – Ama de leite, mulher que amamenta uma criança que não é sua.
NURSE" (*nurs*) traz como definições: *v. t.* 1 – assistir e cuidar, uma criança; (*a*) nutrir no peito, amamentar; (*b*) 4- Assistir/cuidar os doentes; cuidar, de um inválido, prestar assistência. "filhos costumam cuidar de seus pais na velhice". Ele nos bosque Egerianos *Aricia* Bores, e cuidou de sua juventude ao longo da costa pantanosa. 2 educar; fortalecer, pelo cuidado, de uma condição de fraqueza ou invalidez -aplicado para plantas, animais e qualquer objeto que precisa, ou prospera pela atenção. Cuidar de mudas altas. Com que mãos viciadas tem cuidado em tão incontável domínio? 3- Gerenciar com cuidado e economia, com vista a aumentar; como, cuidar de nossos recursos nacionais.

A edição de 1865 traz uma importante alteração no ponto de vista da história da enfermagem. No item 1 letra (b), ele define “nurse” como pessoa, especialmente mulher, que cuida de pessoas doentes. Ao contrário das edições anteriores que definiam “nurse” como mulheres e homens que cuidavam de doentes.

Essa alteração na definição do conceito de “nurse” vai ao encontro com o contexto do período de revisão do dicionário. Isso porque no início da década de 1860, após a o reconhecimento dos feitos Florence Nightingale durante a guerra da Crimeia pela sociedade Inglesa, havia sido publicado seu livro “notas de enfermagem: o que é e o que não é”, livro que é destinado ao público em geral, mas em especial as mulheres. Pessoa que no modelo proposto, segundo Florence, era a mais indicada para exercer a profissão.

Essa alteração no conceito de “nurse” no dicionário linguístico deixa claro que essa visão do cuidado aos doentes realizado por mulheres, diretamente influenciada pela experiência de Florence, extrapola os limites dos hospitais e do campo da saúde, chegando a toda sociedade. Não só da Inglaterra, mas também nos Estados Unidos onde o dicionário foi publicado. Isso mostra que a experiência do presente altera os atributos do conceito no que tange aos cuidados de doentes.

Como pode ser visto nas imagens a seguir, a edição de 1879 permanece o mesmo texto, ou seja, sem alteração nos significados atribuídos ao termo “nurse”.



2. The head. [*Prov. Eng.*]
Nurse, n. [O. Eng. *nurse, norse, nourice, norice*, A.S. *norice*, from Fr. *nourrice*, Pr. *nurissa, norissa*, Lat. *nutrix, nutricis*, from *nutrire*, to nourish, nurse, Fr. *nourrir*. Cf. **NOURICE**.]
 1. One who nourishes; a person who supplies food, tends, or brings up; as, (*a.*) A woman who has the care of young children; especially, one who suckles an infant not her own. (*b.*) A person, especially a woman, who has the care of sick persons.
 2. Hence, one who, or that which, brings up, rears, causes to grow, trains, or the like; as, Greece, the *nurse* of the liberal arts. "Rome, the nurse of judgment." *Shak.*
 The cheap defense of nations, the nurse of manly sentiment and heroic enterprise, is gone. *Burke.*
 To put to nurse, or to put out to nurse, to send away to be placed under the care of a nurse; to cause to be at-

tended by a nurse. — *Wel nurse*, a woman who suckles an infant not her own.
Nurse, v. t. [*imp. & p. p. NURSED* (*nürst*); *p. pr. & vb. n. NURSING*.]
 1. To nourish; to cherish; to foster; as, (*a.*) To nourish at the breast; to suckle. (*b.*) To tend, as a sick person; to take care of, as an invalid; to attend upon. "Sons went to nurse their parents in old age." *Milton.*
 Him in Egerian groves Aricia bore,
 And nursed his youth along the marshy shore. *Dryden.*
 2. Hence, to bring up; to raise, by care, from a weak or invalid condition; — applied to plants, animals, and to any object that needs, or thrives by, attention. "To nurse the saplings tall." *Milton.*
 By what hands has vice been nursed into so uncontrolled a dominion? *Locke.*
 3. Also, to manage with care and economy, with a view to increase; as, to nurse our national resources.

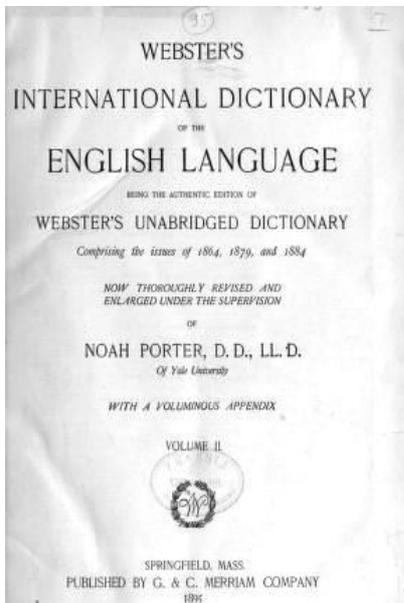
Imagem 13 - Capa, página com o termo "nurse" e ampliação do fragmento do termo nurse no "An American Dictionary of the English Language", de 1879.

Na edição de 1895, há uma alteração no título do dicionário de "An American Dictionary of the English Language" para Webster's International Dictionary of the English Language³⁹. Nele, novos significados são atribuídos ao termo nurse. Como pode ser visto no termo "nurse" (substantivo) item 2 e 3 e no termo nurse (verbo) item 4.

Contudo, essas mudanças não têm influência para a enfermagem. A edição do dicionário no ano de 1913, agora intitulado "Webster's New International Dictionary

³⁹ Segundo o prefácio do dicionário, em reconhecimento que o dicionário deve ser útil a todas as pessoas e países que falam inglês e da larga utilização do dicionário Webster's como uma autoridade na Grã-Bretanha e as suas dependências, bem como nos Estados Unidos, a presente edição é distintamente chamada "o internacional (1895, p 1060).

of The English Language”, apesar de ter sido realizada uma nova revisão em 1909, traz o mesmo texto da edição anterior.



Nurse (nûrs), n. [OE. *nourse*, *nurice*, *norice*, OF. *nurrice*, *norrice*, *nourrice*, F. *nourrice*, fr. L. *nutricia* nurse, prop., fem. of *nutricius* that nourishes; akin to *nutrix*, *-icis*, nurse, fr. *nutrire* to nourish. See **NOURISH**, and cf. **NUTRITIOUS**.] **1.** One who nourishes; a person who supplies food, tends, or brings up; as: (a) A woman who has the care of young children; especially, one who suckles an infant not her own. (b) A person, especially a woman, who has the care of the sick or infirm.

2. One who, or that which, brings up, rears, causes to grow, trains, fosters, or the like.

The nurse of manly sentiment and heroic enterprise. *Burke*.

3. (Naut.) A lieutenant or first officer, who is the real commander when the captain is unfit for his place.

4. (Zool.) (a) A peculiar larva of certain trematodes which produces cercariae by asexual reproduction. See **CERCARIA**, and **REDIA**. (b) Either one of the nurse sharks.

Nurse shark. (Zool.) (a) A large arctic shark (*Somniosus microcephalus*), having small teeth and feeble jaws;



Nurse Shark (*Somniosus microcephalus*).

— called also *sleeper shark*, and *ground shark*. (b) A large shark (*Ginglymostoma cirratum*), native of the West Indies and Gulf of Mexico, having the dorsal fins situated behind the ventral fins. — To put to nurse, or To put to nurse, to send away to be nursed; to place in the care of a nurse. — Wet nurse, Dry nurse. See **WET NURSE**, and **DRY NURSE**, in the Vocabulary.

Nurse, v. t. [*imp. & p. p.* **NURSED** (nûrst); *p. pr. & vb. n.* **NURSING**.] **1.** To nourish; to cherish; to foster; as: (a) To nourish at the breast; to suckle; to feed and tend, as an infant. (b) To take care of or tend, as a sick person or an invalid; to attend upon.

Sons went to nurse their parents in old age. *Milton*.

Him in Egerian groves *Arcia* bore,
And nursed his youth along the marshy shore. *Dryden*.

2. To bring up; to raise, by care, from a weak or invalid condition; to foster; to cherish; — applied to plants, animals, and to any object that needs, or thrives by, attention. "To nurse the saplings tall." *Milton*.

By what hands [has vice] been nursed into so uncontrolled a dominion? *Locke*.

3. To manage with care and economy, with a view to increase; as, to nurse our national resources.

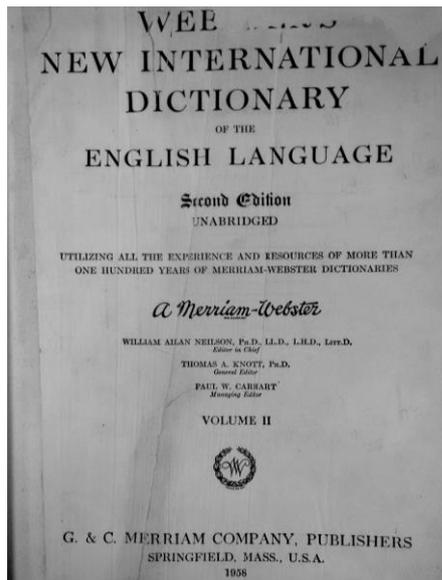
4. To caress; to fondle, as a nurse does. *A. Trollope*.

To nurse billiard balls, to strike them gently and so as to keep them in good position during a series of caroms.

Imagem 14 - Capa, página com o termo “nurse” e ampliação do fragmento do termo nurse no “Webster International Dictionary the English Language”, de 1895.

Na edição de 1934⁴⁰, depois de uma nova revisão, traz alterações nas características da pessoa que cuida de doentes. Como podem ser vistos nos itens assinalados.

⁴⁰ Para a análise foi utilizada uma reimpressão datada de 1958, pois não foi encontrado a edição impressa do ano de 1934. Porém não há alteração no conteúdo.



stone without mortar.
nurl'y (nûr'li). Var. of **KNURLY**; hence, *Dial. U. S.*, cross-grained; ill-tempered.
nurse (nûrs), *n.* [ME. also *nors*, *nurice*, *norice*, fr. OF. *nurric*, *norric* (F. *nourrice*), fr. L. *nutricia* nurse, prop., fem. of *nutricius* that nourishes, fr. *nutrix*, -icis, nurse. See **NOURISH**; cf. **NURTURE**, **NUTRITIOUS**.]
1. A woman (*wet nurse*) who suckles, and takes care of, an infant not her own; now, more usually, a woman (*dry nurse*) who has the care of a young child or children.
2. One who or that which rears, takes care of, looks after, furnishes nutriment, causes to grow, fosters, or the like; as, the *nurse* of manly sentiment.
3. A person trained to care for and wait upon the sick, injured, or infirm, under the direction of a physician.
4. *Billiards.* Act of nursing the balls; as, the rail *nurse*.
5. *Forestry.* A nurse tree.
6. *Zool.* a A worker ant or bee that cares for the young. b In certain ascidians, as *Doliolum*, an asexual oözooid which produces and carries the blastozoids.
— *at, or to, nurse.* In or under the care of a nurse.
nurse, v.; NURSED (nûrst); **NURS'ING.** *Transitive:* **1.** Lit., to nourish; to act as a nurse for; a To nourish at the breast, suckle, or feed and tend (an infant). b To take care of (a young child or children). c To take care of or tend, as a sick person or an invalid; to attend upon.
2. To care or provide for tenderly or sedulously; to cherish; foster; specif.: a To bring up or rear by care from a weak or invalid condition; to promote the growth, development, or progress of; to furnish with nourishment; to cultivate or manage carefully; as, to *nurse* a plant, business, or resources. "To *nurse* the saplings tall." *Milton.* b To use, handle, drive, or the like, with especial care to conserve the energy of or avoid injury to; as, to *nurse* a weak ankle; to *nurse* a horse in a race. c To cherish or brood over in one's mind or heart. "Incapable of *nursing* malice." *Arnold Bennett.*
3. To give curative care and treatment to (an ailment or ailing part of oneself); as, to *nurse* a cold or a sore finger.
4. To hold between, or clasp in, one's hands, as the knees; to hold fondly; to caress; to fondle, as a nurse does.
5. *Billiards.* To keep (the balls) close together and in good position during a series of caroms.
6. *Games.* To retain possession of (a ball, puck, etc.) by keeping it in motion or play, as by dribbling.
—, *Intransitive:* **1.** To suckle; of a child, to take the breast.
2. To act, serve, or be employed as a nurse.
Syn. — **NURSE**, **NOURISH**, **NURTURE.** To **NURSE** is to tend and care for (esp.) that which is thought of as feeble or tender, or to cherish or brood over (a feeling or idea); to **NOURISH** is esp. to supply with sustenance or means of growth; to **NURTURE** is to train up with fostering care; as, "For we were *nursed* upon the selfsame hill" (*Milton*); "Tell me where is fancy bred? . . . how begot, how *nourished*?" (*Shak.*); "By solemn vision . . . his infancy was *nurtured*" (*Shelley*). Cf. **FOSTER**.

Imagem 15 - Capa, página com o termo "nurse" e ampliação do fragmento do termo nurse no "Webster's New international Dictionary of the English Language", de 1958.

Assim os itens com mudanças são: 3- nurse (substantivo) uma pessoa treinada para cuidar e assistir doentes, ferido ou enfermo, sob a direção do médico; 1- (verbo transitivo) - cuidar de ou zelar, como uma pessoa doente ou inválida, assistir; 3- nurse (verbo transitivo) - Prestar cuidados curativos e tratamento (um ali mento ou parte enferma de si mesmo); como tratar um resfriado ou dedo dolorido. 2- nurse (verbo intransitivo) atuar, trabalhar ou ser empregado como enfermeira.

Nessa nova definição, publicada a partir da edição de 1934, passa a fazer parte do conhecimento popular que para exercer o ofício de enfermeiro no cuidado ou assistência ao doente é necessário que ele passe por um treinamento, certificando-o para trabalhar como enfermeiro prestando cuidados curativos e tratamento, porém não de maneira autônoma, mas sob direção de um médico.

Após a análise podemos identificar os diferentes atributos e significados conferidos à palavra nurse. De maneira que, a sua utilização de forma descontextualizada nos levará a um entendimento contraditório da realidade dependendo do momento histórico de sua utilização.

Em sua definição Inicial, o termo nurse poderia designar o cuidado prestado à uma criança ou puérpera, através de atividades como amamentação, nutrição entre outras coisas. Como também, o cuidado à doentes ou inválidos, que de acordo com o período temporal de sua utilização poderia ser realizado por homens ou mulheres, com ou sem treinamento profissional.

Vale ressaltar que no Brasil a palavra enfermeiro (a), uma das traduções do termo nurse, é descrito em um dicionário de português do mesmo período da análise como pessoa, homem ou mulher que cuida/ trata de doentes, não possuindo mais atributos. Os fragmentos abaixo foram retirados respectivamente do Novo Dicionario Critico e Etymológico de Lingua Portugueza de Francisco Solano Constancio (1863) e Novo Dicciónario da Língua Portuguesa de Candido de Figueiredo (1911).

1863	<p>ENFERMEIRA, s. f. (des. eira), mulher que cuida dos enfermos, em hospitaes.</p> <p>ENFERMEIRO, s. m. (des. eiro), homem que cuida dos doentes em hospitaes.</p>
1911	<p>Enfermeira, f. Mulher, encarregada de tratar de enfermos.</p> <p>Enfermeiro, m. Aquelle que trata de enfermos ou de um enfermo.</p>

Imagem 16 - Novo Dicciónario Critico e Etymológico de Lingua Portugueza (1863, p. 466); Novo Dicciónario da Língua Portuguesa de Candido de Figueiredo (1911, p. 636).

Analisando apenas as definições relativas a ação do enfermeiro, fica claro a definição de camadas temporais. Nas primeiras edições temos como atributo do termo mulheres e homens que cuidam de pessoas doentes. Após a edição de 1865, certamente com o impacto dos escritos de Florence, a mulher passa a ser a pessoa mais indicada para realizar o cuidado aos doentes.

E por fim, na edição de 1934, e então, não mais apenas sob influência da Inglaterra, mas também dos Estados Unidos no que diz respeito a profissionalização da Enfermagem, traz uma definição sem mencionar gênero, ou seja independente de sexo, mas que fosse treinada para cuidar de doentes, porém sob a direção de um médico.

5 O Cuidado de Enfermagem no Livro Notas de enfermagem de Florence Nightingale – 1860

Segundo definição do International Council of Nurses a

Enfermagem abrange cuidados autônomo e colaborativo à indivíduos de todas as idades, famílias, grupos e comunidades, doentes ou sadios e em todos os ambientes. Enfermagem inclui a promoção da saúde, prevenção de doenças e o cuidado de pessoas doentes, deficientes e na morte. São também papéis fundamentais de enfermagem a promoção de um ambiente seguro, a investigação, a participação na formulação da política de saúde, gestão de sistemas de saúde e educação (2014).

Virginia Henderson em seu livro “Basic principles of nursing care” publicado em 1960 pelo International Council of Nurses, define cuidado básico de enfermagem como o serviço prestado por enfermeiros destinado ao enfermo e ao incapacitado. De forma, que esses cuidados poderiam ser fundamentados tanto nas necessidades do homem, como também poderia ser todos os serviços destinados à promoção da saúde (HENDERSON, 1988).

Os cuidados básicos de enfermagem, segundo escreve Daisy C. Bridges⁴¹ no prefácio do livro citado acima, são essenciais e aplicáveis a toda e qualquer situação onde a enfermagem seja indispensável, quer para o tratamento de doentes ou no auxílio a convalescência ou reabilitação (HENDERSON, 1988).

Nesse contexto Virginia Henderson afirma que a principal função da enfermeira é:

... dar assistência ao indivíduo doente ou sadio no desempenho de atividades que contribuem para manter a saúde ou para recuperá-la (ou ter uma morte serena) – atividades que ele desempenharia só, se tivesse a força, vontade ou conhecimento necessário. E fazê-lo de modo que o ajude a ganhar sua independência o mais rápido possível (HENDERSON, 1988, p. 18).

Lançando nosso olhar para o passado em busca da construção histórica do conceito de cuidado de enfermagem, respeitando os balizamentos propostos pelo estudo, analisaremos o livro de Florence Nightingale, tido até os dias atuais, segundo Oguisso (2014), como referência, pois traz a descrição dos princípios fundamentais para a enfermagem.

⁴¹ Secretária Geral do Conselho Internacional de Enfermeiras (1948-1961)

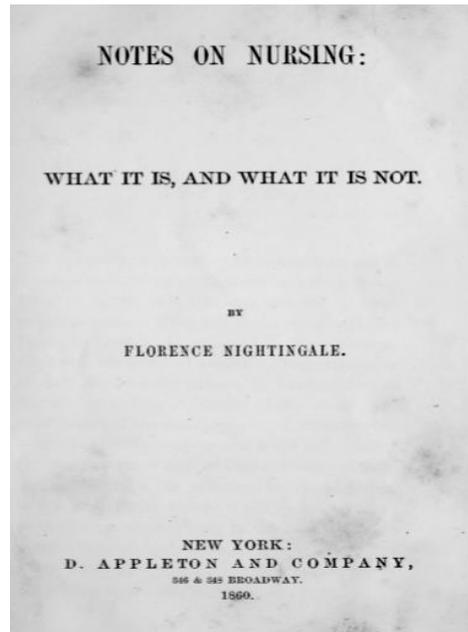


Imagem 17 – Capa do Livro “Notes on nursing: What it is, and what is not”, 1860.

Antes de iniciarmos a análise torna-se adequado realizar algumas ponderações sobre a obra, no que diz respeito a sua finalidade e a que tipo de leitor é destinado.

Florence Nightingale (1860, p.3), no prefácio do livro, afirma que as notas não tinham a intenção de servir como uma regra de pensamento, no qual enfermeiras (pessoas que cuidam de outras pessoas) pudessem aprender por si mesmo a cuidar. E sim, simplesmente, sugerir ideias para mulheres que tem a seu cargo a guarda da saúde de outra pessoa. Ou seja, o livro por si só não abarcaria todos os elementos necessários, ao ponto de poder capacitar profissionalmente uma pessoa para desempenhar a função de enfermeira. Para alcançar esse objetivo, seria necessário ter uma formação teórica e prática em escolas próprias para este fim.

Assim, podemos apreender que o livro não era destinado a instrução de enfermeiras, aqui entendido como profissionais que cuidam/assistem ou tem sob sua guarda pessoas doentes em hospitais ou domicílio, mas toda e qualquer mulher, como destaca Florence, que tem a seu cargo a saúde de outro (1860, p.3).

Corroborando com essa afirmativa, Florence afirma ainda que toda mulher, ou pelo menos quase todas as mulheres, na Inglaterra tem, em algum momento da vida dela, sob seus cuidados a saúde de alguém, seja ela criança ou inválido, em outras palavras, toda mulher é uma “nurse”.

Triangulando com os dados analisados na definição de nurse no “An American Dictionary of the English Language” de 1861, essa afirmação de Florence vai ao

encontro com a definição apresentada no dicionário de: 1- Mulher que tem o cuidado de bebês ou uma mulher empregada para tratar as crianças dos outros; 2- Uma mulher que amamenta infantes; 3 - Mulher que tem o cuidado de uma pessoa doente; 4- homem que tem o cuidado de uma pessoa doente. Cabe, lembrar que a edição de 1865 do dicionário, traz a mulher como pessoa preferencial para cuidar de doentes.

Torna-se imperioso para a análise do documento evitar a tradução descontextualizada do termo “nurse”, onde muitas das vezes é traduzido como enfermeira, ou seja, profissional treinada destinada a cuidar de doentes ou promover/prevenir a saúde.

Florence ao falar sobre os conhecimentos que todos devem possuir para evitar doenças ou se recuperar delas, diferencia o conhecimento médico profissional do conhecimento sanitário e do conhecimento de enfermagem, (nesse momento entendido como cuidado com a saúde das pessoas), afirmando que cada dia torna-se necessário o conhecimento sanitário, ou o conhecimento de enfermagem, em outras palavras, de como colocar a compleição corporal em um estado, de modo a evitar doenças, ou que possa se recuperar dela. Isso é reconhecido como o conhecimento que cada um deveria ter – diferente do conhecimento médico, que apenas a profissão pode ter (1860, p.3).

Assim Florence (1860, p. 4) afirma que se toda mulher pode, em algum momento de sua vida, vir a ser uma enfermeira, ou seja, ter aos seus cuidados/responsabilidade a saúde de alguém, quão imenso e valioso seria o produto de sua experiência se cada mulher refletisse em como cuidar.

Frente às exposições anteriores esse cuidado não poderia ser restrito ao enfermeiro profissional. Dessa forma, esse cuidado não era próprio da enfermagem como dito atualmente.

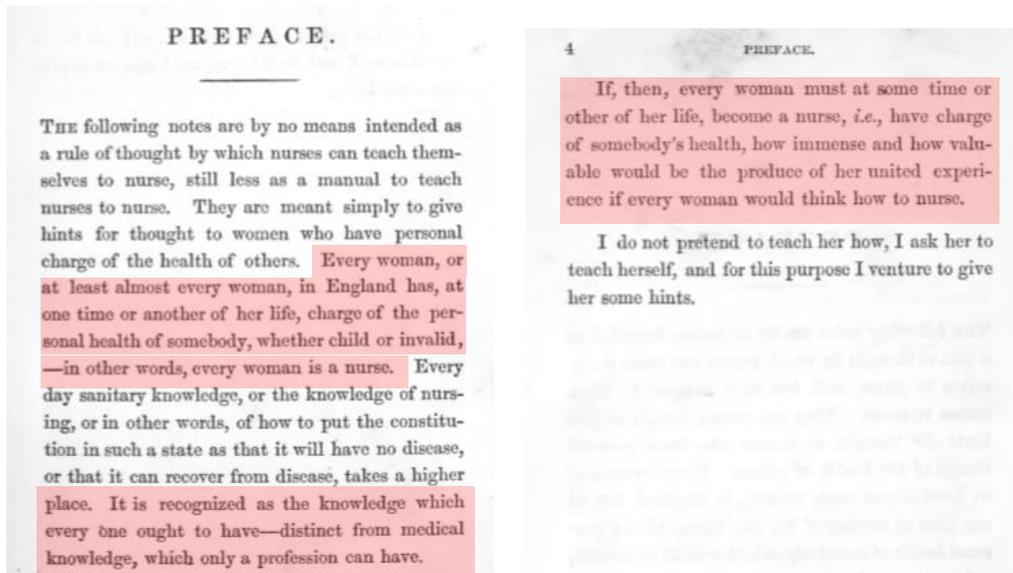


Imagem 18 - Prefácio do Livro “Notes on nursing: What it is, and what is not”, 1860, p.3 e 4⁴².

Outro ponto destacado por Florence Nightingale diz respeito a utilização do termo “nurse”. Como mencionado anteriormente e referido pela própria autora “ Now a nurse means any person in charge of the personal health of another”⁴³ (NIGHTINGALE, 1860, p.139), essas pessoas poderiam ser profissionais ou amadoras. Assim, Florence usa indiscriminadamente o termo “nurse”, e reconhece esse ato, para “enfermeiras” amadoras, de serviço doméstico, e profissionais⁴⁴. Entendemos a partir da análise de suas notas que ela designa profissional todas as pessoas que eram empregadas para prestar assistência a doentes ou crianças em domicílios ou hospitais, e não as treinadas técnica e teoricamente para exercer a atividade profissional como reconhecemos atualmente.

Entretanto, para a autora o conhecimento das leis sanitárias seria necessário tanto para as enfermeiras profissionais quanto para as amadoras. Além disso, se

⁴² Todas as mulheres, ou pelo menos quase todas as mulheres, na Inglaterra tem, em um momento ou outro da sua vida, a seu cargo a saúde pessoal de outro, seja criança ou inválido, — em outras palavras, toda mulher é uma enfermeira.

É reconhecido como o conhecimento que cada um deveria ter – diferente do conhecimento médico, que só a profissão pode ter.

Se, então, cada mulher deve em algum momento ou outro da sua vida, tornar-se uma enfermeira, ou seja, ter a seu cargo a saúde de alguém, como imenso e valioso seria o produto de sua experiência, se toda mulher pensasse como enfermeira.

⁴³ Agora, uma enfermeira significa qualquer pessoa responsável pela saúde pessoal de outro.

⁴⁴ A autora traz em seu livro uma tabela com os dados de um censo realizado 1851 na Grã-Bretanha, onde 25.466 responderam ser enfermeiras profissionais, 39.139 enfermeiros em serviços domésticos e 2.822 parteiras. Chama atenção a idade das pessoas que eram enfermeiras de serviços domésticos, do total que pessoas que desempenhavam essa função, 18.122 tinha entre 5 e 20 anos (NIGHTINGALE, 1860, p. 139).

essas leis sanitárias fossem ensinadas às professoras de escolas públicas, meninas e mulheres impediria a morte de algumas crianças (NIGHTINGALE, 1860, p.139-40).

A preocupação de Florence com a mortalidade de crianças refletia a realidade das elevadas taxas de mortalidade infantil na Era Vitoriana e ao mesmo tempo devolveria para sociedade a imagem positiva da instrução de mulheres, independentes de estarem no papel de professoras, mães, irmãs ou enfermeiras, no caso das “district nurses”, para o enfrentamento de problemas sociais.

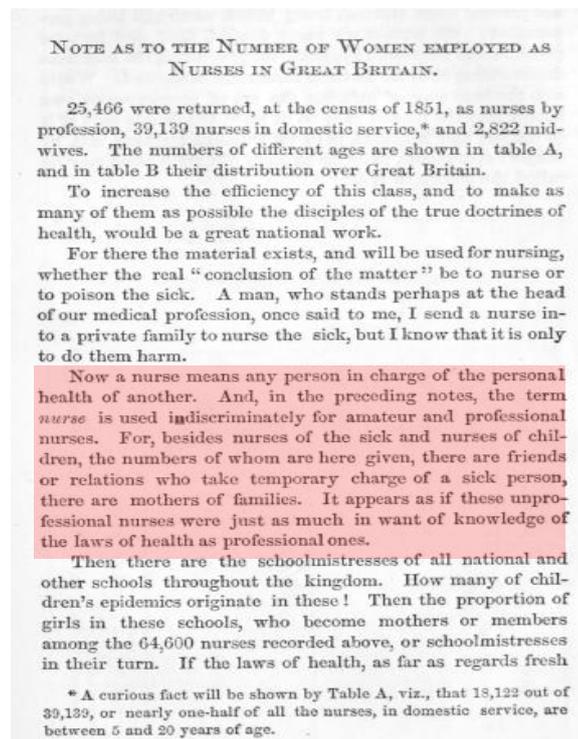


Imagem 19 - Livro “Notes on nursing: What it is, and what is not”, 1860, p.139⁴⁵.

Ao analisarmos o fragmento destacado na imagem acima, onde afirma que naquele momento a enfermeira, amadora ou profissional, seria qualquer pessoa encarregada pela saúde de outra, inferimos que os cuidados descritos em sua obra não podem ser entendidos com específicos da disciplina Enfermagem, mas de todas as pessoas que tenham sob sua responsabilidade a saúde de outro, seja ela, vizinho, amigo, parente ou um desconhecido, dentro ou fora do ambiente hospitalar.

⁴⁵ Agora uma enfermeira significa qualquer pessoa responsável pela saúde pessoal de outro. E, nas notas anteriores, o termo enfermeira é usado indiscriminadamente para enfermeiras profissionais e amadores. Para, além de enfermeiros dos doentes e enfermeiras das crianças, os números apresentados aqui, incluem amigos ou parentes que tomam conta temporária de uma pessoa doente e mães de famílias. Parece como se estas enfermeiras es não profissionais eram tanto no encaixe de conhecimento das leis de saúde como profissional.

Sem deixarmos de lado essa constatação, que devido sua importância não pode ser perdida de vista, chamamos atenção para outra situação, o fato de não ser encontrado na obra o termo “cuidado de enfermagem” (nursing care), sendo necessário buscar no texto o conjunto de palavras e expressões que nos levassem ao entendimento de quais ações realizadas (prática/fazer), por enfermeiras ou qualquer pessoa que cuidasse de crianças ou indivíduos doentes ou não, eram necessárias à manutenção ou restauração da saúde do indivíduo.

Apesar de não termos encontrado o termo “cuidado de enfermagem” podemos perceber que o cuidado permeia o livro de Florence sendo ele utilizado como um adjetivo para distinguir uma boa enfermeira de uma má, através de expressões como “enfermeira cuidadosa” e “enfermeira descuidada” como pode ser visto nas imagens de fragmentos retirados do documento.

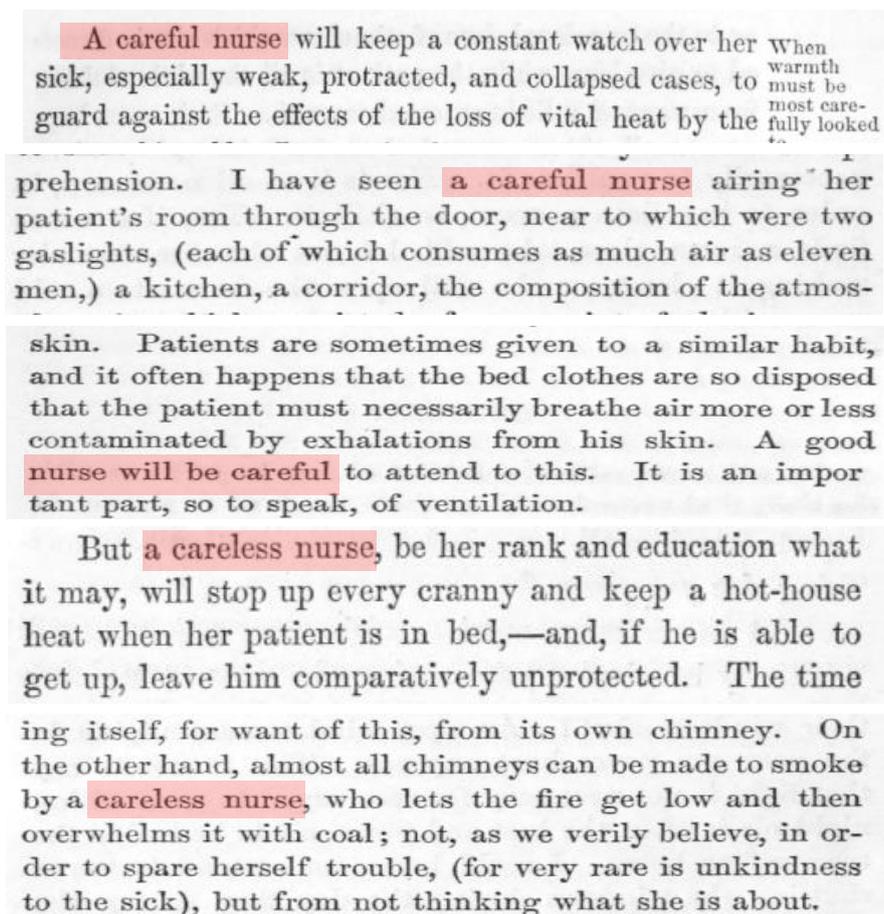


Imagem 20 - Fragmentos retirados do Livro “Notes on nursing: What it is, and what is not”, 1860, pág. 17, 20, 83, 14 e 20 respectivamente.

Apreende-se pelos escritos de Florence que a função da boa enfermeira, “cuidadosa”, ou seja, que tenha como um de seus adjetivos o cuidado, é prevenir

doenças e favorecer a atuação da natureza no processo restaurador através principalmente do conhecimento sanitário aplicado.

Muitas das vezes, os sintomas e sofrimentos são considerados inevitáveis e próprios da doença, mas, segundo ela, resultam da ausência de um ou mais fatores como: ar fresco, de luz, do calor, de silêncio, limpeza ou de pontualidade e cuidados na administração de dieta. Isso tanto na enfermagem hospitalar quanto na privada. Assim, sem conhecimento e cuidado em uma ou todas essas coisas, o processo reparativo que a natureza institui é retardado instalando-se fatores como dor e sofrimento, ou até mesmo interrompido (NIGHTINGALE, 1860, p. 8).

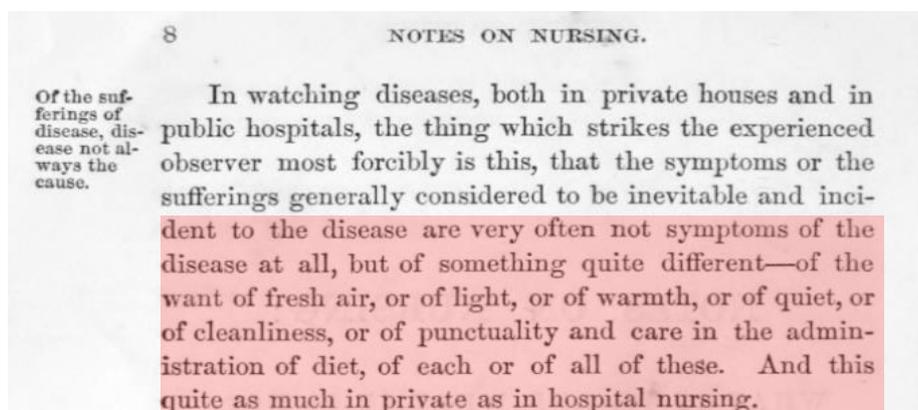


Imagem 21 - Fragmento do livro “Notes on nursing: What it is, and what is not”, 1860, p. 8⁴⁶.

Apesar desses fatores terem relação direta com o descuido e desconhecimento da enfermeira sobre princípios que Florence acredita ser básicos, não significa dizer que a enfermeira é sempre a culpada. Isso porque outros fatores também influenciam o cuidado. São eles, condições sanitárias, arquitetura e organização administrativa deficiente (NIGHTINGALE, 1860, p. 8).

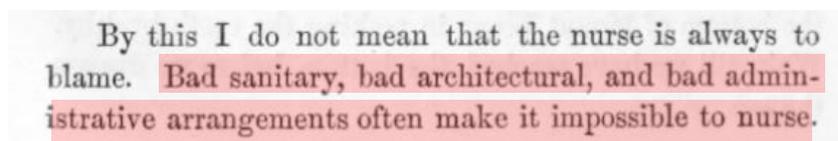


Imagem 22 - Fragmento do livro “Notes on nursing: What it is, and what is not”, 1860, p. 8⁴⁷.

⁴⁶ Na assistência à doenças, tanto em casas particulares e em hospitais públicos, a coisa que atinge o observador experiente é isto, **que os sintomas ou os sofrimentos geralmente considerados inevitáveis e incidentes à doença não são muitas das vezes os sintomas da doença em todos, mas de algo bastante diferente — da falta de ar fresco, ou de luz, ou de calor, ou de tranquilidade, de limpeza ou de pontualidade e cuidado na administração de dieta, de cada um ou de todos estes. E isto, tanto no privado quanto na enfermagem hospitalar.**

⁴⁷ Por isso eu não quero dizer que a enfermeira é sempre para culpar. **Más condições sanitárias, arquitetônicas, e maus arranjos administrativos muitas vezes impossibilitam a enfermeira.**

Cabe destacar que a autora afirma que utiliza a palavra “nursing” por não ter uma melhor, pois no seu entendimento os significados atribuídos a ela não eram mais os mesmos. Já que a palavra “nursing”, à época, se limitava apenas a administração de medicamentos e cataplasmas. E na concepção da autora deveria significar o uso adequado de ar fresco, iluminação, calor, limpeza, silêncio e a seleção adequada da dieta e sua administração.

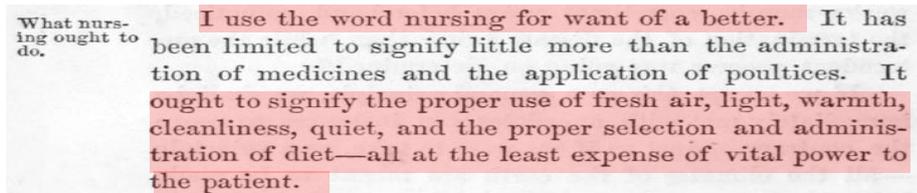


Imagem 23 - Fragmento do livro “Notes on nursing: What it is, and what is not”, 1860, p. 8⁴⁸.

Dessa forma podemos apreender que a palavra “nursing”, utilizada pela autora, era anteriormente significava, praticamente, apenas a administração de medicamentos e emplastos. Porém, naquele momento novos atributos foram incorporados e expressavam o conjunto de ações relacionadas ao ambiente e dieta, além, realizadas por enfermeiros, profissionais ou amadores, para prevenir ou favorecer a recuperação do doente.

Com isso, Florence admite que as informações contidas no espaço de experiência naquele momento eram insuficientes para conceituar o que para ela representava a enfermagem. Mostrando que o passado já não dava a ela todas as respostas, e que ela não era herdeira passiva do passado. E a partir de sua experiência, Florence propõe uma nova articulação entre o passado e o presente, entre a experiência e a expectativa, que envolve um distanciamento entre eles, ou seja, o que Koselleck define como modernidade.

Florence afirma indiretamente que não adiantaria mais testar o conceito de “nursing” por referência ao passado, ou seja, pelas experiências anteriores, pois os atributos relacionados à identidade moral e atribuições práticas não eram mais pertinentes às experiências passadas. A partir de então um novo horizonte de expectativas vem sendo formado.

Frente a essas ponderações, Florence faz uma analogia entre a prática/fazer da enfermagem com a arte, denominando-a como “a arte da enfermagem”, onde

⁴⁸ **Eu uso a palavra enfermagem por não ter uma melhor.** Ela tem sido limitada para significar rum pouco mais do que a administração de medicamentos e a aplicação de emplastos. **Deveria significar o uso apropriado de ar fresco, luz, calor, limpeza, silêncio e a adequada seleção e administração de dieta — tudo que custe menos energia vital para o paciente.**

para tornar possível o que ela entende por enfermagem eram necessários todos arranjos anteriormente citados. Porém, da maneira com que estava sendo praticada a “arte da enfermagem”, à época, impediria o processo reparador.

But the art of nursing ought to include such arrangements as alone make what I understand by nursing, possible.
The art of nursing, as now practised, seems to be expressly constituted to unmake what God had made disease to be, viz., a reparative process.

Imagem 24 - Fragmento do livro “Notes on nursing: What it is, and what is not”, 1860, p. 9⁴⁹.

A definição de Arte segundo o dicionário “An American Dictionary of the English Language” de 1861 (p.71-72), a arte pode ser dividida em mecânica ou liberal, a primeira é aquela em que as mãos e o corpo são mais utilizados que a mente, como na fabricação de roupas e utensílios. Já a arte liberal, é aquela em que principalmente o intelecto e a imaginação são utilizados como poesia, música e pintura. O termo pode designar também habilidade, destreza ou o poder de executar determinadas ações, adquiridas pela experiência, estudo ou observação; como, um homem tem a arte de gerir o seu negócio para lucrar (ANEXO A).

Nesse sentido, se enfermagem é uma arte e como vimos em sua definição, arte demanda destreza e habilidade. Essas características devem estar associadas ao conhecimento mediante uma formação, que é defendida por Florence e materializada na Escola de enfermeiras do Hospital St. Thomas (1860). Com essa definição de enfermagem sendo uma arte, ela faz distinção de quem pode ou não ser enfermeira. Pois, nem todas as mulheres, apenas por serem mulheres, sem formação conseguiriam ter habilidade e destreza para serem enfermeiras.

Ainda sobre a correlação entre enfermagem e arte, Florence na conclusão de suas notas, afirma que apesar delas focarem a enfermagem sanitária, no que diz respeito às questões ambientais, isso não seria bastante para evitar a morte de um doente. Sendo indispensável a prática manual da enfermagem, a qual a autora faz uma analogia com a “arte” e chama de “handicraft of nursing” ou arte manual da enfermagem (NIGHTINGALE, 1860, p. 127).

Ela ainda explica que não abordou em suas notas o trabalho manual da enfermagem, pois, primeiramente, a intenção de suas notas não era ser um manual

⁴⁹ Mas a arte da enfermagem deveria incluir condições tais, que sozinha fizesse ser possível, o que entendo por enfermagem.

A arte da enfermagem, agora praticada, parece ser constituída expressamente para desfazer o que Deus tinham feito para a doença ser, isto é, um processo reparativo.

de enfermagem, nem muito menos de cozinhar para doentes; depois, embora acreditar ter provavelmente mais experiência do que qualquer pessoa na Europa em enfermagem cirúrgica, ou seja, com prática manual da enfermagem, acredita que seria impossível aprendê-la por livros, mas sim, nas enfermarias de um hospital; e por último, por que muitas pessoas, que apesar de terem uma boa enfermagem cirúrgica, morrem devido ao ar contaminado, sendo a situação inversa rara (NIGHTINGALE, 1860, p. 127-128).

No Dicionário de medicina analisado também no presente estudo, traz um artigo escrito por Florence sobre a enfermagem, que deixa claro que a enfermagem não é apenas uma arte manual, mas sim uma arte que demanda um organizado treinamento prático e científico. Dando um passo importante para a profissionalização da enfermagem.

Cabe destacar que, semelhantemente, medicina “medicine” à época tinha entre suas definições no “An American Dictionary of the English Language” (1861, p.704) como “a arte de prevenir, curar ou aliviar as doenças do corpo humano” e médico “physician” era definido como (1861, p.824) como sendo “uma pessoa habilitada na arte da cura, cuja profissão é prescrever remédios para doenças”. (Anexo B)

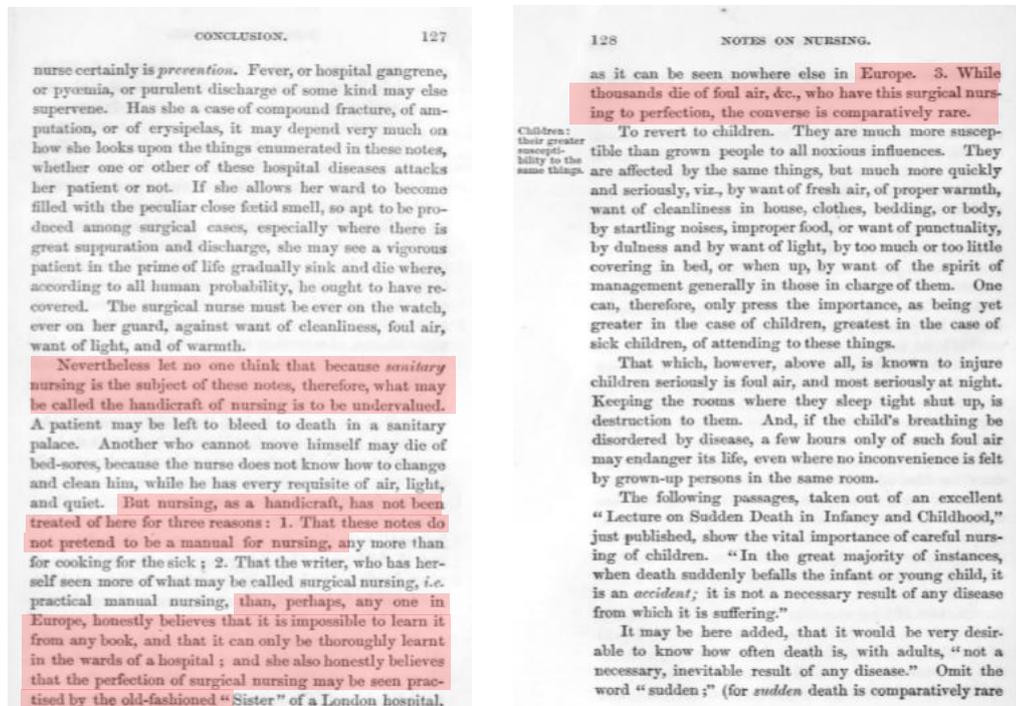


Imagem 25 - Livro "Notes on nursing: What it is, and what is not", 1860, p. 127-128⁵⁰.

⁵⁰ No entanto, que ninguém pense que porque a enfermagem sanitária é o tema destas notas, portanto, que o que pode ser chamado de artesanato de enfermagem está a ser subestimado.

Ainda sobre o dever da enfermagem de assistir o processo reparador, Florence afirma que existe um entendimento arraigado e universal que em casos como cólera e febre, dar medicamentos é o suficiente. Enquanto fornecer ar, calor, limpeza e outras medidas sanitárias, é não fazer nada. Mas a autora pondera, que se por um lado o valor exato dos remédios para o tratamento dessas e outras doenças ainda não é específico, por outro há experiência universal sobre a extrema importância de uma enfermagem cuidadosa para o fim da doença (NIGHTINGALE, 1860, p. 9).

Another and the commonest exclamation which will be instantly made is—Would you do nothing, then, in cholera, fever, &c. ?—so deep-rooted and universal is the conviction that to give medicine is to be doing something, or rather everything ; to give air, warmth, cleanliness, &c., is to do nothing. The reply is, that in these and many other similar diseases the exact value of particular remedies and modes of treatment is by no means ascertained, while there is universal experience as to the extreme importance of careful nursing in determining the issue of the disease.

Imagem 26 - Fragmento do livro “Notes on nursing: What it is, and what is not”, 1860, p. 9⁵¹.

Outro ponto abordado pela autora é a enfermagem ao indivíduo sadio. Pois, os elementos ditos anteriormente como essenciais para uma boa enfermagem, são desconhecidos tanto para o sadio quanto para o doente. Isso porque as leis de saúde ou de enfermagem são as mesmas nos dois casos. Diferindo apenas as consequências que no indivíduo sadio, por vezes, são menores NIGHTINGALE, 1860, p.9-10).

Mas enfermagem, como artesanato, não tem sido tratada aqui por três razões: 1. Que estas notas que não pretendem ser um manual para a enfermagem, nem para cozinhar para os doentes; 2. Que a escritora, que mais viu o que pode ser chamado de enfermagem cirúrgica, isto é, prática manual da enfermagem, do que, talvez, qualquer um na Europa, honestamente acredita que é impossível aprendê-la a partir de qualquer livro, e que ela só pode ser aprendida completamente nas enfermarias de um hospital;

3. enquanto milhares de pessoas que tiveram uma enfermagem cirúrgica com perfeição morrem de ar sujo e etc, o inverso é relativamente raro.

⁵¹ **tão profundo e universal é a convicção que dar remédio é estar fazendo algo, ou melhor tudo; e dar o ar, calor, limpeza, etc., é não fazer nada.** A resposta é, que estas e muitas outras doenças similares, o valor exato dos remédios e modos de tratamento não são apurados, enquanto **há experiência universal sobre a extrema importância da enfermagem cuidadosa em determinar a questão da doença.**

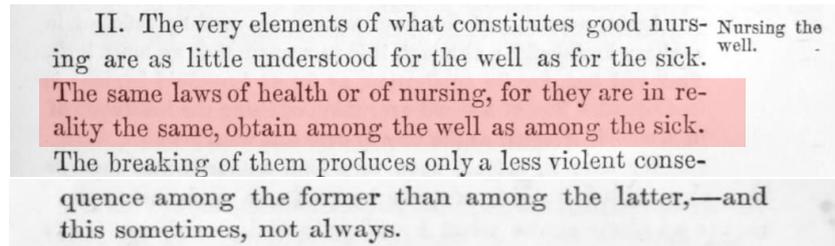


Imagem 27 - Fragmento do livro “Notes on nursing: What it is, and what is not”, 1860, p. 9-10⁵².

O primeiro princípio fundamental da enfermagem, podendo ser entendido como “cuidado de enfermagem”, no que diz respeito ao ambiente, essencial para o paciente, e que segundo Florence no qual a atenção da enfermeira deve fixar é a ventilação, ou seja, “manter o ar que ele respira tão puro quanto o ar externo, sem esfriá-lo” (NIGHTINGALE, 1860, p. 12).

Manter o ar puro e uma ventilação adequada envolve ações como controle da temperatura para que esta seja moderada, podendo ser auxiliado por um termômetro; abertura das janelas para favorecer a circulação do ar externo fresco, e não frio, no quarto; para que o ar seja puro é necessário retirar do quarto objetos que possam desprender emanações ou umidade, como toalhas molhadas e lençóis sujos; remoção imediata dos excretas do doente e proteger os utensílios sanitários, tampando por exemplo o urinol (NIGHTINGALE, 1860, p. 16-24).

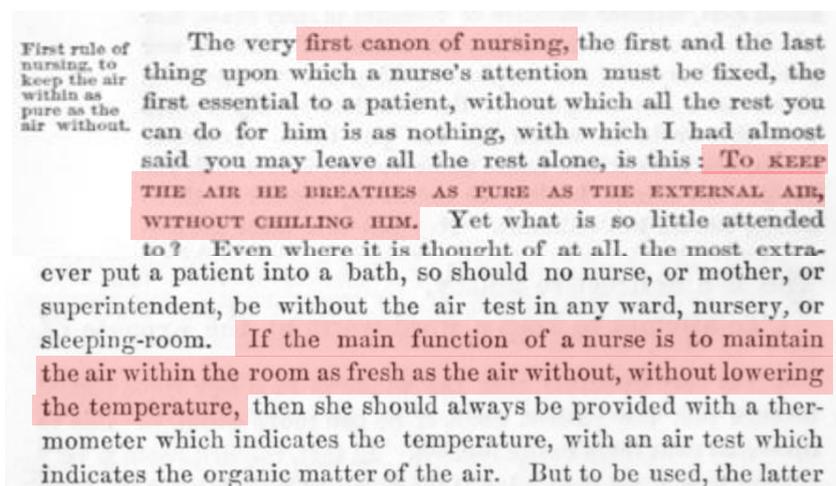


Imagem 28 - Fragmentos do livro “Notes on nursing: What it is, and what is not”, 1860, p. 12 e 16⁵³.

⁵² II. os muitos elementos que constituem uma boa enfermagem são pouco compreendidos tanto para o sadio quanto para os doentes. **As leis de saúde ou de enfermagem, na realidade são as mesmas, servem tanto para o sadio quanto para o doente.**

⁵³ O primeiro princípio da enfermagem, o primeiro e o último sobre o qual a atenção da enfermeira deve estar fixada, essencial para um paciente, sem o qual todo o resto que você pode fazer à ele não

Sobre o “gerenciamento” de doenças” infecciosas, Florence afirma que devido ao medo do contágio, as pessoas, entre elas médicos e enfermeiros, acabavam tendo mais cuidado consigo mesmo do que com o paciente, a ponto do médico que assistia doentes em lazaretos europeus examinarem os pacientes com binóculos e lançar-lhes bisturi para que drenassem seus abscessos. Desse modo, muitas das vezes o paciente ficava condenado aos horrores da sujeira, superlotação de enfermarias e falta de ventilação (NIGHTINGALE, 1860, p. 32-34). Sem os princípios que a autora defendia como básicos da enfermagem.

Florence então ratifica a importância da “verdadeira enfermeira” estar atenta a limpeza e o ar fresco, trazendo um outro elemento fundamental e que atualmente é tido como uma das características da profissão de enfermagem, a observação contínua. Assim, a autora conclui que a melhor maneira de se proteger contra a infecção é através de um “gerenciamento” criterioso e humano do paciente.

True nursing ignores infection, except to prevent it.
 Cleanliness and fresh air from open windows, with un-
 remitting attention to the patient, are the only defence
 a true nurse either asks or needs.
 Wise and humane management of the patient is the
 best safeguard against infection.

Imagem 29 - Fragmento do livro “Notes on nursing: What it is, and what is not”, 1860, p. 34⁵⁴.

Atenção e gerenciamento de doentes são palavras utilizadas pela autora que poderíamos também entender como análogas ao termo “cuidado de enfermagem”, utilizado atualmente.

Ao falar sobre a administração do serviço de enfermagem, pondera quanto à importância da continuidade da assistência, da qual a qualidade da assistência de enfermagem depende. Isso porque uma enfermeira, por mais devotada que seja, não pode estar sempre presente. De maneira que, uma boa enfermeira deve garantir

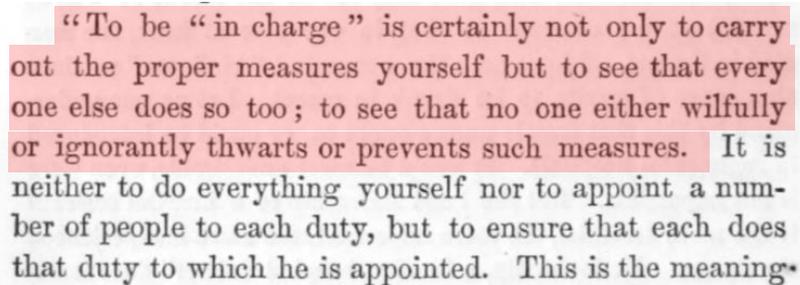
teria valor, e com o qual eu diria que você pode deixar todo o resto, é este: **MANTER O AR QUE ELE RESPIRA TÃO PURO COMO O AR EXTERNO, SEM REFRIGERÁ-LO.**

Se a função principal de uma enfermeira é manter o ar de dentro do quarto, como ar fresco, sem baixar a temperatura, em seguida, ela sempre deve estar munida com um termômetro que indica a temperatura, com um teste que indica a matéria orgânica do ar.

⁵⁴ A verdadeira enfermagem ignora infecção, exceto para impedi-la. **Limpeza e ar fresco** das janelas abertas, **com incessante atenção ao paciente**, são a única defesa que uma enfermeira de verdade, pede ou precisa. O **gerenciamento criterioso e humano do paciente** é a melhor proteção para a infecção.

a qualidade da assistência mesmo quando ela não está presente (NIGHTINGALE, 1860, p.35).

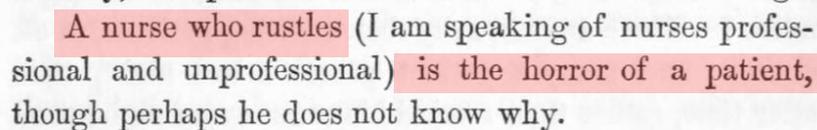
Para o gerenciamento da enfermagem, mesmo quando a enfermeira não se faz presente, é necessário que ela entenda o significado correto de “in charge”, ou seja, ser responsável, encarregado, cuidar. Segundo Florence (1860, p. 42) “Ser responsável é certamente não apenas realizar pessoalmente as medidas adequadas, mas cuidar que todos os outros façam também”, zelando para que ninguém deliberadamente ou por ignorância às frustrasse ou impeça. Esse dever permanece nos dias atuais ainda como um importante elemento da assistência, onde o profissional de enfermagem deve assegurar a continuidade dos cuidados aos pacientes.



“To be “in charge” is certainly not only to carry out the proper measures yourself but to see that every one else does so too; to see that no one either wilfully or ignorantly thwarts or prevents such measures. It is neither to do everything yourself nor to appoint a number of people to each duty, but to ensure that each does that duty to which he is appointed. This is the meaning.

Imagem 30 - Fragmento do Livro “Notes on nursing: What it is, and what is not”, 1860, p. 42⁵⁵.

Outro fator relacionado à qualidade da enfermagem, que também pode ser entendido como um cuidado de enfermagem, diz respeito à ruídos e barulhos. Segundo Florence (1860, p. 44-48) os ruídos desnecessários, principalmente os repentinos e agudos, podem prejudicar o paciente. Devendo a enfermeira estar atenta para não deixar o paciente ser acordado por barulhos durante o primeiro sono; conversas sussurradas no quarto ou em frente à porta do quarto ou nos corredores e barulhos causados pelo vestuário e deslocamento das enfermeiras. O fragmento na imagem abaixo ilustra a opinião da autora sobre a enfermeira barulhenta.



A nurse who rustles (I am speaking of nurses professional and unprofessional) is the horror of a patient, though perhaps he does not know why.

Imagem 31 - Fragmento do livro “Notes on nursing: What it is, and what is not”, 1860, p. 47⁵⁶.

⁵⁵ Ser encarregado/responsável é certamente não só para realizar as medidas adequadas mas providenciar que cada um faz assim também; para ver que ninguém quer voluntariamente ou por ignorância ou frustrasse tais medidas. Não é para fazer tudo sozinha, nem para nomear um número de pessoas a cada tarefa, mas para garantir que cada um faça que o dever a que for designado.

Não é difícil que ao ler essa afirmativa, venha à mente do leitor a imagem da enfermeira com o dedo indicador em frete a boca solicitando silêncio, que podemos facilmente encontrar até os dias atuais em hospitais e unidades de saúde. Ratificando a importância de a enfermeira zelar para que o paciente não seja incomodado com barulhos.

Quanto à alimentação, Florence chama atenção para alguns cuidados como: a falta de atenção ao horário da alimentação e frequência da oferta de alimentos, cabendo a enfermeira perguntar ou observar qual o horário em que o paciente se sente mais disposto para se alimentar e o intervalo entre uma refeição e outra; tipo de alimento para cada caso, por exemplo, sólido ou líquido, doce ou salgado; estar atenta para não deixar a alimentação na cabeceira do paciente e, a qualidade da dieta, verificando se a dieta está em condições de ser consumida (NIGHTINGALE, 1860, p.63 -69).

Sobre a escolha do alimento, como podemos observar no fragmento abaixo, Florence chama atenção para a importância da observação do efeito da comida, bem como a comunicação do mesmo ao médico assistente. Sendo esse, o trabalho mais importante da enfermeira, após o cuidado com a ventilação.

the last visit. I should therefore say that incomparably the most important office of the nurse, after she has taken care of the patient's air, is to take care to observe the effect of his food, and report it to the medical attendant.

It is quite incalculable the good that would certainly come from such *sound* and close observation in this almost neglected branch of nursing, or the help it would give to the medical man.

Imagem 32 - Fragmento do livro "Notes on nursing: What it is, and what is not", 1860, p. 75⁵⁷.

Nas suas palavras sobre a arrumação da cama e roupas de cama, cita como cuidados: a limpeza das roupas de cama, arejamento dos lençóis limpos e usados, a utilização de estrados que sejam permeáveis ao ar (sem utilização de tábuas largas sobre os estrados) e não utilizar roupas de camas pesadas e impermeáveis, pois

⁵⁶ Uma enfermeira que farfalha (eu estou falando de enfermeiras profissionais e não profissionais) é um horror de um paciente, embora talvez ele não saiba por quê.

⁵⁷ Portanto, devo dizer que incomparavelmente o mais importante ofício da enfermeira, depois que ela cuidou do ar pacientes, é tomar cuidado em observar o efeito de sua comida e relatá-lo para o médico atendente.

segundo a autora elas retêm a umidade e as secreções do paciente (NIGHTINGALE, 1860, p. 79-83). Dessa forma, uma boa enfermeira “will be careful to attend to this. It is an important part, so to speak, of ventilation”⁵⁸ (NIGHTINGALE, 1860, p.83).

Depois da necessidade de ar fresco vem a de iluminação, devendo a enfermeira assegurar que diariamente entre um pouco de sol no quarto, de preferência o sol da manhã; e, que a posição da cama do paciente permita que ele possa olhar pela janela sem levantar a cabeça e apreciar o céu (NIGHTINGALE, 1860, p. 84-87).

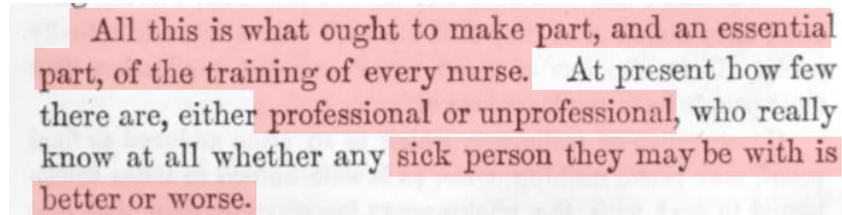
Outro cuidado diz respeito à limpeza dos quartos e paredes, que segundo Florence (1860, p. 79) é um serviço, muitas vezes, negligenciado pelas enfermeiras, por acreditarem que é de sua responsabilidade apenas o cuidado direto ao paciente e não o seu quarto. Assim, a enfermeira deve estar atenta a limpeza diária dos quartos, incluindo mobiliário, assoalhos e paredes. Ela deve ser realizada, de preferência, com panos úmidos. Segundo Florence (1860, p.90), o melhor tipo de parede para o quarto do doente ou enfermarias seria que ela fosse feita de cimento branco não absorvente, de vidro ou azulejos, o que facilitaria sua limpeza. É contraditório ver Florence, mulher que é nomeada como fundadora da enfermagem moderna e profissional, atribuir à enfermeira o serviço servil, mas pode ser explicado pelo fato do livro não ser direcionado às enfermeiras profissionais.

Quanto à higiene do paciente, a autora afirma que o arejamento e limpeza da pele são igualmente importantes. A lavagem e secagem cuidadosa da pele proporcionam alívio e conforto ao paciente, em especial aos acamados. Não devendo a enfermeira protelar a assistência para a limpeza pessoal do seu paciente (NIGHTINGALE, 1860, p. 93-94).

A observação do paciente é parte essencial da prática da enfermagem, devendo a enfermeira treinar seu olhar. Sendo essa a lição prática mais importante a dar para uma enfermeira. Primeiramente, ela deve saber o que observar, como observar, quais os sintomas indicam a melhora de um paciente ou que indicam o contrário, quais são importantes, quais as evidências de negligência e qual o tipo (NIGHTINGALE, 1860 p, 105). As informações colhidas permitem à enfermeira saber

⁵⁸ “Terá cuidado para assistir isto. Esta é uma parte importante, por assim dizer, da ventilação” tradução e grifos do autor.

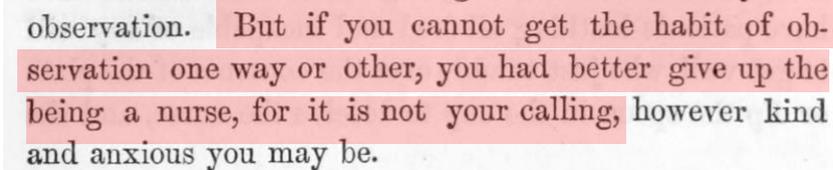
se o paciente está melhor ou não, ficando o exposto claro na imagem do fragmento retirado do texto logo abaixo.



All this is what ought to make part, and an essential part, of the training of every nurse. At present how few there are, either professional or unprofessional, who really know at all whether any sick person they may be with is better or worse.

Imagem 33 - Fragmento do livro “Notes on nursing: What it is, and what is not”, 1860, p. 105⁵⁹.

Florence completa destacando que para responder adequadamente as perguntas realizadas pelo médico sobre o estado do paciente a enfermeira pode fazer anotações em um pedaço de papel ou guardar as informações na mente. Mas, como pode ser visto no fragmento abaixo, Florence afirma que, a pessoa que não tem o hábito da observação nem de uma forma ou de outra, não pode ser enfermeira.



observation. But if you cannot get the habit of observation one way or other, you had better give up the being a nurse, for it is not your calling, however kind and anxious you may be.

Imagem 34 - Fragmento do livro “Notes on nursing: What it is, and what is not”, 1860, p. 113⁶⁰.

Ao analisar o fragmento, inferimos que, apesar de afirmar no prefácio de suas notas que todas as poderiam ser chamadas de enfermeiras, como visto anteriormente, ela adiciona outro aspecto condicional para ser enfermeira, a vocação ou chamado. Cum isso ela acaba trazendo um forte aspecto religioso, apesar de Florence defender a separação da igreja e a execução das atividades de enfermagem aos doentes.

Chamo atenção para o fato de que a vocação e profissionalização nem sempre se encontram, pelo contrário, uma é concorrente da outra. Isso, no sentido de tornar uma prática científica respeitada pelas demais áreas.

Florence termina o texto de suas notas falando sobre as características/qualidades necessárias à uma enfermeira para que ela seja de confiança. O fragmento a seguir descreve tais qualidades.

⁵⁹ Tudo isso é o que deve tornar-se parte e uma parte essencial, da formação de todas as enfermeiras No momento como existem poucos, seja profissional ou não profissional , que realmente sabe em tudo se alguma pessoa doente pode estar melhor ou pior.

⁶⁰ Mas se não conseguir ter o hábito de observação de uma maneira ou outra, é melhor desistir de ser uma enfermeira, pois essa não é sua vocação.

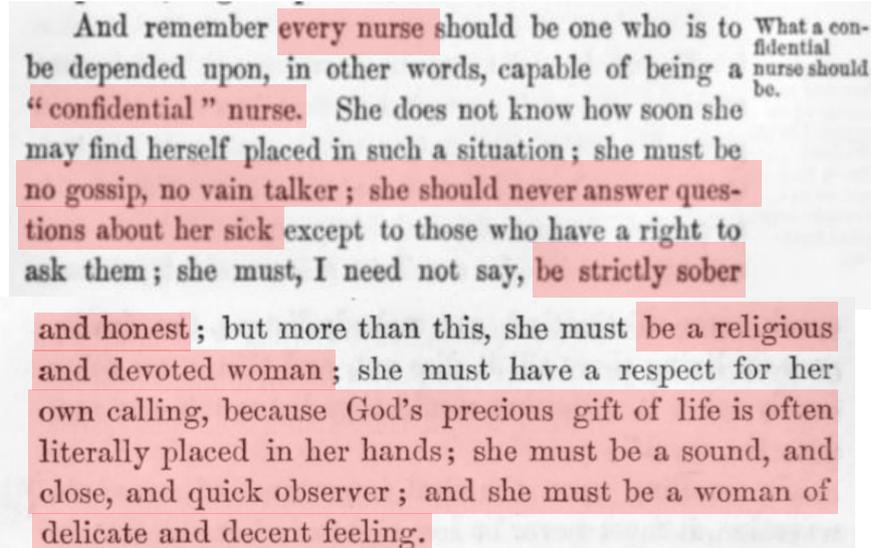


Imagem 35 - Fragmentos do livro “Notes on nursing: What it is, and what is not”, 1860, p. 125-126.⁶¹

Florence traz um discurso religioso muito forte, aliando a enfermagem à um aspecto vocacional e utiliza-se das características da mulher vitoriana, que ao mesmo tempo que enobrece, aprisiona a mulher à padrões impostos pela sociedade, para espelhar a sua enfermeira.

Essas características eram condizentes com os padrões morais da mulher vitoriana, e necessárias para que a enfermagem, atividade realizada por mulheres, fosse respeitada pela sociedade. Mas por outro lado, ela devolve para sociedade a imagem do profissionalismo, mediante formação específica e bases científicas, de uma atividade desempenhada pela mulher, lhes abrindo novos horizontes. Uma profissão, antes desprestigiada, mas a partir daquele momento reformulada, em que a mulher é o sujeito, sendo ela a partir daquele momento, mais que um anjo do lar ou mulher vitoriana, mas sim uma enfermeira.

⁶¹ E lembre-se que toda enfermeira deve ser aquela que se pode contar, em outras palavras, capaz de ser uma enfermeira confiável. Ela não sabe em que momento ela pode encontrar-se em tal situação; ela não faz fofocas, não fala vaidades; ela nunca deve responder a questões sobre o doente, exceto para aqueles que têm o direito de pedir-lhes; ela deve, não preciso dizer, ser estritamente sóbria e honesta; mais do que isso, ela deve ser uma mulher religiosa e devotada; ela deve respeitar o seu chamado/vocação, porque o dom precioso da vida muitas vezes literalmente é colocado nas suas mãos, ser idônea e reservada, e observadora segura; e deve ser uma mulher de sentimentos delicados e decentes (NIGHTINGALE, 1860, p. 125-126). Tradução e grifos do autor

6 O TREINAMENTO DAS ENFERMEIRAS E A ENFERMAGEM AOS DOENTES DESCRITOS POR FLORENCE NIGHTINGALE NO “A DICTIONARY OF MEDICINE”

Entre as fontes utilizadas como referência do verbete “nursing” nas edições de 1911 e 1922 da “The Encyclopaedia Britannica”, está o dicionário de medicina intitulado “A Dictionary of Medicine” publicado em 1884 e sua edição publicada em 1902 sob o título “Quain’s Dictionary of Medicine”. Eles trazem em seu conteúdo verbetes sobre o treinamento de enfermeiras e enfermagem aos doentes escritos por Florence Nightingale.

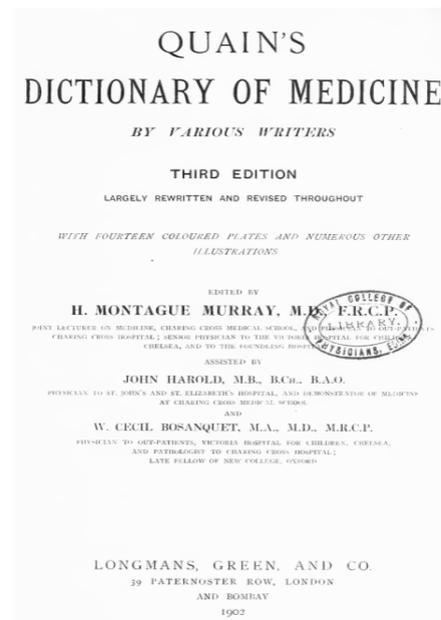
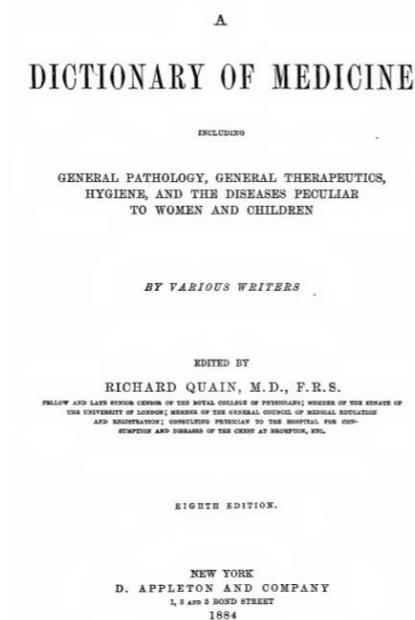


Imagem 36- Capa do “A Dictionary of Medicine”, 1884 e “Quain’s Dictionary of Medicine”, 1902.

A criação desse dicionário médico deve-se ao fato de que o progresso acelerado da ciência e a divulgação difusa das informações das novas descobertas, dificultava acompanhamento desse ritmo por parte de alunos e professores. Assim, com a percepção dessa dificuldade, o editor Dr. Richard Quain resolveu abarcar a tarefa de produzir um dicionário médico que reunisse diversos artigos com informações completas e atualizadas que servissem como referência para esses profissionais, com o objetivo atualizar o conhecimento na área da medicina (QUAIN, 1884, p. v).

Para alcançar seu objetivo o médico convidou diversos colaboradores para escreverem sobre o assunto ao qual eram especialmente familiarizados. De tal modo, o produto final do dicionário resultou desses esforços combinados, e que segundo afirma o editor, pode portanto, ser considerado não só como um dicionário, mas também como um tratado sobre medicina sistemática (QUAIN, 1884, p. v).

No dicionário, entre os artigos relacionados à higiene, que abordavam temas referentes ao tratamento e a prevenção das causas de doenças, às leis relacionadas a saúde pública, meios de prevenção e construção e gestão de hospitais, figurou o assunto sobre o treinamento de enfermeiras e a enfermagem aos doentes.

Florence Nightingale, por sua experiência e notoriedade, foi a responsável pela autoria dos artigos sobre a enfermagem. Na edição de 1884, a autora escreve sobre o treinamento de enfermeiras e da enfermagem aos doentes, já na edição de 1902, apenas sobre enfermagem aos doentes. Este último, apesar de ter uma diferença de dezoito anos entre as edições analisadas, difere apenas em alguns detalhes, sendo estes destacados quando necessário.

6.1 Notas sobre o treinamento das enfermeiras

O primeiro assunto a ser abordado por Florence diz respeito a instrução das enfermeiras, questão que é apresentada como diferencial para a dita “enfermagem moderna”. O treinamento segundo a autora serve não apenas para ensinar o que deve ser feito, mas como fazê-lo e porque fazê-lo. De maneira que, a enfermeira ao receber as ordens de médicos e cirurgiões sobre o que deve ser feito, possa executá-las de maneira correta, com plena consciência e conhecimento de suas ações e das consequências dela. Porém, em nenhum momento a autora aponta para a possibilidade de questionamento às ordens médicas, apenas obediência.

NURSES, Training of.—Training is to teach not only what is to be done, but how to do it. The physician or surgeon orders what is to be done. Training has to teach the nurse how to do it to his order; and to teach, not only how to do it, but *why* such and such a thing is done, and not such and such another; as also to teach symptoms, and what symptoms indicate what of disease or change, and the ‘reason why’ of such symptoms.

Imagem 37 - Fragmento retirado do verbete training of nurses do “A Dictionary of Medicine”, 1884, p. 1038.⁶²

Florence afirma que quase todas as ordens dos médicos são condicionais. De forma que, apenas dizer às enfermeiras o que fazer não é, e nem pode ser o suficiente para aperfeiçoá-la. Sendo necessário, treinar o poder de atendimento às impressões geradas pelos seus próprios sentidos, já que estes irão apontar à enfermeira como o paciente está. Esta é a condição *sine qua non* para ser enfermeira em tudo (NIGHTINGALE, 1884, p. 1038a).

Florence sutilmente destaca a importância da atividade desempenhada pela enfermeira, pois se as ordens dos médicos eram condicionais, a simples prescrição de um cuidado não seria o bastante se a enfermeira não soubesse qual o momento adequado para aplicá-lo. Ou seja, não bastava apenas fazer o que o médico prescrevia, mas era preciso saber identificar em qual situação aquela prescrição se encaixaria. E para isso era necessário treinamento.

Então seria necessário que o poder da observação estivesse em constante treinamento, pois sem ele, a enfermeira não saberia quais sinais deveria procurar. A autora afirma que:

for. Merely looking at the sick is not observing. To look is not always to see. It needs a high degree of training to look, so that looking shall tell the nurse aright, so that she may tell the medical officer aright what has happened in his absence—a higher degree in medical than in

Imagem 38 - Fragmento retirado do verbete training of nurses do “A Dictionary of Medicine”, 1884, p. 1038⁶³.

⁶² ENFERMEIRAS, Treinamento de. - Treinamento é para ensinar não só o que é para ser feito, mas como fazê-lo. As ordens do médico ou cirurgião que está para ser feito. A Formação tem que ensinar a enfermeira como fazê-la; e ensinar, não só como fazê-lo, mas porque tal e tal coisa é feita, e não tal e tal outro; como também para ensinar os sintomas, e quais os sintomas indicam que de doença ou alteração, e a razão de tais sintomas.

⁶³ Apenas olhar para o doente não é estar observando. olhar não é sempre ver. Ela precisa de um alto grau de treinamento para olhar, de modo que olhando deve contar à enfermeira corretamente, de modo que ela pode dizer ao médico corretamente o que aconteceu em sua ausência.

O poder da observação por parte das enfermeiras é importante, pois ele fornece para um completo e confiável relato das condições do paciente ao médico assistente. De forma que, como pode ser visto no fragmento abaixo, a observação diz como está o paciente; a reflexão diz, o que deve ser feito e o treinamento diz como deve para ser feito (NIGHTINGALE, 1884, p. 1038-1039 a).

not of the illness but of the nursing. Observation tells *how* the patient is; reflection tells, *what* is to be done; training tells *how* it is to be done.

Imagem 39 - Fragmento retirado do verbete training of nurses do “A Dictionary of Medicine”, 1884, p. 1039⁶⁴.

Com a análise dos argumentos apresentados, podemos inferir que a intenção de Florence com este treinamento é de ensinar a enfermeira a realizar uma observação crítica, de maneira que a enfermeira deixa de ser apenas uma mera executora de tarefas ditadas pelos médicos, conduzindo essas profissionais a desempenhar um papel de protagonismo no cuidado aos doentes, mesmo que sob a direção de médicos.

Fica claro que durante o texto Florence barganha entre um treinamento que permite de certa forma o protagonismo da enfermagem e a obediência aos médicos, fazendo por várias vezes um contraponto entre os dois. Ela até mesmo aponta motivos que servem como justificção à necessidade de formação dessas profissionais. Uma das justificativas apresentadas, era que serviria para evitar o charlatanismo, ponto de grande preocupação dos profissionais médicos à época, assim como, evitar a responsabilização dos médicos por cuidados inadequados por parte das enfermeiras e para que houvesse obediência das enfermeiras às ordens médica, o que por vezes parece colocar a enfermeira em uma posição inferior, de dominada, em relação ao médico.

⁶⁴ Observação diz como o paciente está; reflexão diz, o que é para ser feito; treinamento diz, como é para ser feito.

Reflection needs training, as much as observation. Otherwise the untrained nurse, like other people called quacks, easily falls into the confusion of 'on account of,' because 'after'—the blunder of physician or surgeon always there. The woman must have trained powers of observation and reflection, or she cannot obey. The patient's life is lost by her blunder, or 'sequelæ' of incurable infirmity make after-life a long disease ; and people say, 'The doctor is to blame ;' or, worse still, they talk of it as if God were to blame—as if it were God's will. God's will is To obey is to understand orders, and to understand orders really is to obey. A nurse does

Imagem 40 - Fragmento retirado do verbete training of nurses do "A Dictionary of Medicine", 1884, p. 1039⁶⁵

Para Florence o treinamento significa em sentido amplo, o que faz uma boa escola de formação. Trabalha para que um bom treinamento moral e disciplinar seja susceptível de ser atingido e claramente compreendidos pelas enfermeiras. Sendo que o sucesso de qualquer escola de formação depende principalmente do treinamento das futuras enfermeiras para que sejam capazes de treinar outros aprendizes, tanto no trabalho nas alas como em outros lugares, de modo a serem capazes de entender as ordens dos médicos e cirurgiões e executá-las (NIGHTINGALE, 1884, p.1039a).

Destaca-se na formação de enfermeiras, a habilitação das mesmas para serem capazes de treinar outras futuras enfermeiras. Para isso era exigido uma formação especial, sistemática e que demandava um tempo mais longo de curso. O quadro abaixo traz algumas características dessa formação.

⁶⁵ Reflexão precisa de treinamento, tanto quanto a observação. Caso contrário, as enfermeiras inexperientes, e outras pessoas chamadas de charlatães, caem facilmente na confusão de "por causa de", "porque depois".

A mulher deve treinar o poder de observação e reflexão, ou ela não pode obedecer. A vida dos pacientes é perdida por seu erro, ou sequelas de enfermidade incurável fazem vida após uma longa doença; e as pessoas dizem, o médico é culpado; ou, pior ainda, eles falam disso como se Deus fosse culpado.

Obedecer é compreender as ordens, e entender as ordens realmente é obedecer.

Quadro 1 - Características da formação da enfermeira na Inglaterra	
O que é necessário à uma escola de formação de enfermeiras	<ul style="list-style-type: none"> - Anos de formação prática e técnica em hospital, sob os cuidados das enfermeiras-chefes das alas, chamadas de sister. - Conferências clínicas de professores do hospital sobre temas relacionados aos deveres da enfermeira⁶⁶ - Classes para uma preceptora competente instruir o ensino professoral nas mentes dos aprendizes. Para discipliná-los a respeito das qualidades morais, hábitos e costumes, sem as quais nenhuma mulher pode ser uma enfermeira. - Autoridade e disciplina, acima de tudo, sobre todas as mulheres treinadas para Lady superintendente, que é a matrona do hospital e exemplo de líder. - Organização para fornecer um treinamento sistemático e para testá-los em testes e exames periódicos. - Acomodações para dormir, salas de aula e refeições, com uma atmosfera agradável de modo a tornar a escola de treinamento e hospital em um lar.
Tarefas realizadas por todos os aprendizes	<ul style="list-style-type: none"> - Realizar a tarefa de praticante e auxiliar a enfermeira sucessivamente em uma ou mais alas de cada divisão do hospital, por um período de dois ou três meses em cada.⁶⁷ - Realizar a gestão das enfermarias sob sua responsabilidade durante o jantar da enfermeira chefe e durante as horas de lazer das enfermeiras. E realizar pelo menos um mês de plantão noturno. - Quando em períodos avançados ser encarregada de deveres em casos especiais como ovariectomia, litotomia, traqueostomia e etc. - Manter atualizado um diário com as atividades realizadas nas enfermarias. Pelo menos uma vez por mês elaborar um relatório do dia de trabalho, sinalizando o que aprendeu durante o dia e o que observou de especial na enfermaria. - Tomar notas cuidadosas dos casos acompanhados, com informações como: temperatura respiração, pulso, sono, nutrição, urina etc.⁶⁸
Critérios para a formação de enfermeiras instrutoras	<ul style="list-style-type: none"> - Um curso sistemático, previsto pelo médico instrutor, que recomenda livros na biblioteca da escola. Horas de estudo (duas tardes por semana) - Exames orais regulares realizados pelo médico instrutor - Ao menos quatro exames escritos no ano, com perguntas elaboradas pelo médico instrutor. E um relatório escrito sobre dado assunto em enfermagem. - Escrever notas das palestras, a fim de habilitar as enfermeiras no futuro a fazerem com que outros compreendam suas palestras, como eles próprios foram ensinados. - Fazer notas cuidadosas dos casos acompanhados, essa que é a pedra fundamental de um futuro instrutor. - Pelo menos 2 vezes no ano de formação auxiliar, secretariando a 'sister' nas aulas. - Ser dispensado do trabalho servil nas alas, quando realizá-lo perfeitamente ao ponto de poder ensinar os outros a fazê-lo. - No segundo ano será treinado para cargos mais elevados (matrona ou lady superintendente).

Fonte: A Dictionary of Medicine, 1884, p. 1039-1041.

⁶⁶ Tais como instrução elementar em química, tendo como referência o ar, água, comida, Fisiologia, com referência a um conhecimento das principais funções do corpo; e a instrução geral sobre temas médicos e cirúrgicos; exames, escritos e oral, pelo menos, quatro de cada uma no ano, tudo adaptado para enfermeiros; como também palestras e demonstrações com ilustrações anatômicas, químicas e outras, adaptadas especialmente para enfermeiros - tudo na presença e sob os cuidados da matrona e da preceptora; juntamente com a instrução de um médico instrutor, um dos professores do hospital e equipe médica do hospital, especialmente selecionado para ensinar as enfermeiras.

⁶⁷ Enfermarias médica e cirúrgica masculinas e femininas, obstétrica, infantil, oftálmicas; terminando seu curso, se possível, em enfermarias do médico-instrutor. O curso deve começar preferencialmente em enfermarias femininas, e não ter dois aprendizes em uma mesma enfermaria.

⁶⁸ Esses relatórios devem ser rigorosamente lidos pelas 'sisters' e preceptoras.

Cabe destacar o cuidado de Florence em deixar claro sobre a importância da enfermeira saber ensinar para futuros aprendizes de enfermagem os conhecimentos adquiridos durante o curso e prática profissional. Havendo um cuidado para formação de enfermeiras instrutoras que iam desde instruir o ensino professoral e até mesmo sinalizando sobre a importância de fazer anotações sobre as palestras para que fossem habilitadas e no futuro, quando forem as palestrantes, fossem compreendidas por outros. E assim, o ensino da enfermagem e a criação de mais escolas de formação estaria assegurado.

Segundo Florence, os anos de treinamento dispensado às enfermeiras deviam servir para ensiná-las a como aprender por si mesma, aprender a entender as ordens médicas e compreender a própria experiência, pois, por mera experiência só pode apenas ensinar o *“post hoc ergo propter hoc”* (1884, 1042).

A autora também compara uma enfermeira sem treinamento que aprende com seus erros à um analfabeto, porém ressalta que o erro na execução das ordens médicas pela enfermagem pode custar a vida de uma pessoa, como pode ser visto no fragmento abaixo.

propter hoc. A nurse without training is like a man who has never learnt his alphabet, who has learnt experience only from his own blunders. Blunders in executing physician's or surgeon's orders upon the living body are hazardous things, and may kill the patient. Training is to en-

Imagem 41 - Fragmento retirado do verbete training of nurses do “A Dictionary of Medicine”, 1884, p.1042.⁶⁹

De tal modo, apenas o treinamento permitiria a enfermeira compreender o que ela vê, os fatos e fazer o que é dito. E assim, obedecer ordens, não apenas como regra de ouro, mas dando-lhe uma regra de pensamento ou observação. Caso contrário, sem treinamento a enfermeira descobriria os próprios erros, com a experiência adquirida da morte e não da vida ou até mesmo nem os perceber (NIGHTINGALE, 1884, p.1042-1043a).

Com os progressos da ciência médica, acima de tudo da higiene, e também em parte, com a evolução das ferramentas de trabalho, melhoraram os instrumentos de observação. E, a enfermagem, que é o agente, deveria ser treinada para utilizá-los

⁶⁹ Uma enfermeira sem treinamento é como um homem que nunca aprendeu o alfabeto, que aprendeu a experiência apenas a partir de seus próprios erros. Erros na execução de ordens de médicos ou cirurgiões sobre o corpo vivo são coisas perigosas e podem matar o paciente.

corretamente. Destarte, para acompanhar a velocidade da ciência, Florence defende uma atualização constante desses profissionais.

to be trained up to them. A good nurse of twenty years ago had not to do the twentieth part of what she is required by her physician or surgeon to do now. And every five or ten years a nurse really requires a second training now-a-days. Nursing needs its instruments nearly as

Imagem 42 - Fragmento retirado do verbete training of nurses do “A Dictionary of Medicine”, 1884, p. 1043.⁷⁰

Assim, o treinamento segundo Florence Nightingale, é ensinar a enfermeira saber qual é seu real trabalho, ou seja, observar exatamente; entender, saber, fazer e dizer corretamente, tanto em questões de vida e morte, saúde e doença. De forma que, ela estaria habilitada a realizar da melhor maneira as ordens. Contudo, não como uma máquina, mas como uma enfermeira inteligente e responsável (NIGHTINGALE, 1884, p.1043a). Deixando claro a necessidade do profissional em realizar uma análise crítica da situação, baseado no conhecimento científico disponível, e não uma obediência mecanizada.

Essas qualidades exaltariam e permitiriam uma “certa” autonomia profissional. Mas, ao mesmo tempo, leais às ordens médicas, porém não servil, como pode ser visto no fragmento a seguir.

sponsible being. Training has to make her, not servile, but loyal to medical orders and authorities. True loyalty to orders cannot be without the independent sense or energy of responsibility, which alone secures real trustworthiness. Train-

Imagem 43 - Fragmento retirado do verbete training of nurses do “A Dictionary of Medicine”, 1884, p.1043⁷¹.

A autora encerra assegurando que,

specimens. Training is to teach the nurse how to handle the agencies within our control which restore health and life, in strict obedience to the physician's or surgeon's power and knowledge — how to keep the health-mechanism prescribed to her in gear. Training must show her how the effects on life of nursing may be calculated with nice precision—such care or carelessness, such a sick-rate, such a duration of case, such a death-rate.
FLORENCE NIGHTINGALE.

Imagem 44 - Fragmento retirado do verbete training of nurses do “A Dictionary of Medicine”, 1884, p. 1043⁷².

⁷⁰ Uma boa enfermeira de vinte anos atrás não precisava fazer a vigésima parte do que é necessário fazer agora pelo seu médico ou cirurgião. E a cada cinco ou dez anos, a enfermeira realmente requer um segundo treinamento atualizado.

⁷¹ Formação tem que fazê-la, não servil, mas leais às autoridades e ordens médicas. Verdadeira lealdade a ordens não pode ser sem sentido independente ou energia de responsabilidade, que por si só garante confiabilidade real.

Dessa forma, Florence finaliza suas observações sobre o treinamento de enfermeiras, afirmando que os benefícios para a restauração da saúde e vida são reais e que seus efeitos podem ser calculados através de indicadores como taxas de morbidade e mortalidade e tempo de duração da doença. Sendo a enfermeira, mediante estrita obediência à médicos e cirurgiões, o agente que colocaria em funcionamento o mecanismo de saúde prescrito pelo médico.

Provavelmente por se tratar de um dicionário “médico”, profissional que também faria parte, e assim necessário para formação das enfermeiras, Florence em suas palavras sobre obediência às ordens dos médicos, tenta convencê-los da importância da formação dessas profissionais.

6.2 Notas sobre a Enfermagem aos doentes descritas no “A Dictionary of Medicine”

Sobre a enfermagem aos doente e feridos, Florence inicia suas observações falando sobre a posição da enfermeira em relação ao médico, reforçando que a atuação de mulheres na profissão deveria estar sob a liderança científica de médicos e cirurgiões. E descreve da seguinte forma a enfermagem:

Nursing is performed usually by women, under scientific heads—physicians and surgeons. Nursing is putting us in the best possible conditions for Nature to restore or to preserve health—to prevent or to cure disease or injury. The physician or surgeon prescribes these conditions—the nurse carries them out. Health is not only to be well.

Imagem 45 - Fragmento retirado do verbete nursing the sick do “A Dictionary of Medicine”, 1884, p. 1043⁷³.

⁷² Treinamento é ensinar a enfermeira como lidar com as atividades dentro de nosso controle que restaura a saúde e a vida, em estrita obediência ao poder e conhecimento dos médicos ou cirurgiões. — como manter os mecanismos de saúde prescritos para ela em funcionamento. Treinamento deve mostrar-lhe como os efeitos da enfermagem sobre a vida podem ser calculados com boa precisão — como cuidado ou descuido, como taxa de morbidade, como a duração do caso, como uma taxa de mortalidade.

⁷³ Enfermagem é realizada geralmente por mulheres, sob chefes científicos — médicos e cirurgiões. Enfermagem está nos colocando nas melhores condições possíveis para que a natureza possa

Florence afirma que, saúde não é apenas estar bem, mas ser capaz de utilizar todo o poder que temos que usar para mantê-la. E a doença é a maneira que a natureza utiliza para livrar-nos dos efeitos e condições que interferem na saúde, de maneira que a enfermagem tem que ajudá-la. Assim, a autora define enfermagem e treinamento como:

by sickness. Nursing is therefore to help the patient to live. Training is to teach the nurse to help the patient to live. Nursing is an art, and an art requiring an organized, practical and scientific training. For nursing is the skilled servant of medicine, surgery, and hygiene.

Imagem 46 - Fragmento retirado do verbete nursing the sick do "A Dictionary of Medicine", 1884, p.1043⁷⁴.

Mais uma vez, como ocorre em outros de seus escritos, Florence define a enfermagem como sendo uma arte, que exige ao profissional um treinamento prático e científico. A autora deixa claro a sua preocupação com fundamentos da profissionalização da enfermagem, que vai além do trabalho prático exigindo também conhecimento científico. Assim, diferencia a enfermagem de uma arte mecânica, mas liberal.

A distinção entre artes liberais e artes mecânicas ocorreu com a expansão e fortalecimento das universidades, gerando uma oposição entre profissões. Para Angelin (2010), as artes liberais estão ligadas ao conhecimento técnico-científico, e os ofícios que surgem das artes mecânicas, e citando Freidson (1996), afirma que, a profissão exige um conhecimento intelectual maior e mais aprofundado do que o ofício, já que este está calcado no prático.

Florence divide a enfermagem em 4 (quatro) áreas de atuação. A enfermagem hospitalar, a qual Florence destaca no artigo; a enfermagem privada, que presta cuidados à uma pessoa doente ou ferida em casa, geralmente nas classes mais ricas; a enfermagem de distrito⁷⁵, ou seja, enfermagem aos doentes e enfermos pobres em domicílio; e, enfermagem obstétrica, que inclui cuidados à mãe saudável e ao bebê após o parto natural, a alimentação, banho e roupas dos bebês e ensinar

restaurar ou preservar a saúde — para prevenir ou curar a doença ou lesão. O médico ou cirurgião prescreve estas condições — a enfermeira as realiza.

⁷⁴ Enfermagem é, portanto, ajudar o paciente a viver. Treinamento é ensinar a enfermeira para ajudar o paciente a viver. Enfermagem é uma arte e uma arte necessita de uma organizada formação prática e científica. Para a enfermagem é o servo qualificado em medicina, cirurgia e higiene.

⁷⁵ Enfermagem do distrito, ou enfermagem o pobre doente em casa, é um ramo da enfermagem, da maior importância e requer a mais alta qualificação, porque a enfermeira do distrito não tem, como a enfermeira do hospital, uma equipe médica e cirúrgica, sempre ao sua chamado e nem os aparelhos do hospital a mão dela (1884, p.1043).

a mãe a gestão de sua própria criança e a si mesma. Ela difere dos outros tipos de enfermagem pois, a mulher encontra-se em repouso e o paciente não está, ou não deveria estar, doente, e seu cuidado consiste em uma operação cirúrgica e de precauções higiênicas (NIGHTINGALE, 1884, p.1043b; NIGHTINGALE,1902, p.1097).

Pondo em prática seus conhecimentos sobre a prevenção de infecção hospitalar, afirma que nunca os pacientes gerais (casos sépticos e infecciosos) e obstétricos devem ser atendidos pela mesma enfermeira, pois as precauções normais não vão proteger o resguardo da mulher dos perigos decorrentes desta prática (NIGHTINGALE, 1884, p.1043b; NIGHTINGALE, 1902, p.1097). Esses cuidados relacionados à infecção hospitalar permanecem até os dias atuais

Ao abordar a enfermagem hospitalar, Florence aponta que a enfermagem fornece meios adequados, além de dar os medicamentos e estimulantes prescritos, aplicar os curativos cirúrgicos e outras medidas ordenadas. O quadro abaixo apresenta as principais atividades realizadas pelas enfermeiras nesse ambiente.

Quadro 2 - Principais atividades realizadas pelas enfermeiras nos hospitais
1- Fornecimento e uso adequado de ar fresco especialmente durante a noite e manutenção da temperatura adequada
2- Garantir as condições de higiene do quarto dos doentes e das alas. Incluindo iluminação, limpeza de pisos e paredes, da cama, roupa de cama e utensílios de cozinha
3- Higiene pessoal do paciente e da enfermeira, silêncio, versatilidade, simpatia e alegria
4- Administração de dieta e, às vezes, preparação da dieta
5- Aplicação de medicamentos
6- Observação dos pacientes⁷⁶

Fonte: "A Dictionary of Medicine", 1884, p. 1043; Quain's Dictionary of medicine, 1902, p. 1097.

Quanto à ventilação, calor e frio, Florence reforça o que já havia dito em outras de suas publicações, sobre a importância da renovação do ar contaminado pela respiração e outras emanções humanas, através do fornecimento de ar fresco. Sendo o primeiro princípio canônico da enfermagem, assim como afirmava em seu

⁷⁶ Item acrescentado na edição de 1902.

livro “Notes on Nursing”, “manter o ar interno tão fresco como o ar externo, à noite, bem como de dia, sem esfriar o paciente” (NIGHTINGALE, 1884, p. 1043b).

Destarte, orienta que as janelas são feitas para abrir e as portas feitas para fechar. Isso porque, com a porta aberta o ar “sujo” dos quartos dos pacientes contaminaria o restante da ala, fazendo com que os pacientes ao invés de receberem ar fresco, receberiam ar contaminado.

Ao falar sobre o calor e frio, a autora afirma que o médico prescreve e a enfermeira era responsável em cuidar dessa situação. O fragmento abaixo traz casos descritos por Florence para exemplificar.

has to prescribe the nurse has to see to it. In fever, for instance, the physician will require her to examine the patient's feet and legs, at least every hour, to ascertain whether they are chilled, and to keep the extremities warm, even though his temperature be high, whether in summer or winter. . . . In bronchitis, in ovariectomy, &c., an even, high, moist temperature may be necessary, and a steaming kettle may be required on the fire night and day. . . .

Imagem 47 - Fragmento retirado do verbete nursing the sick do “A Dictionary of Medicine”, 1884, p. 1044⁷⁷

Cabe ressaltar, que apesar de Florence a todo momento frisar que a enfermeira deve executar apenas as ordens e prescrições médicas, sua escrita nos leva a crer que antes de tomar ciência de qual seria a prescrição do médico em uma determinada situação, como no caso da febre, ela já sabia o que deveria ser feito. Isso pode ser percebido na frase, “o médico irá solicitar” e não o “médico pode solicitar”. O que mostra a pouca autonomia da enfermeira para realização de cuidados diretos de conforto ao paciente, o que atualmente é permitido.

Quanto às condições de higiene dos quartos e enfermarias, a autora chama atenção para cuidados com a posição da cama e organização dos móveis do quarto do doente, de modo que permita a recuperação do paciente sendo essa uma das artes essenciais da enfermagem. Ressalto que para isso a autora não refere estar subordinada à uma prescrição ou ordem médica. Como pode ser visto no fragmento a seguir.

⁷⁷ Na febre, por exemplo, o médico vai exigir que examine os pés e pernas dos pacientes, pelo menos a cada hora, para verificar se eles estão frios e para aquecer as extremidades, mesmo que a temperatura seja alta, seja no verão ou inverno. Na bronquite, na ovariectomia e outros casos como o mesmo, uma temperatura alta e úmida pode ser necessária, e uma chaleira fumegante no fogo pode ser necessária dia e noite.

This might be called 'nursing the room.' The placing the sick-bed in the best position to secure air without draught, light without glare, quiet and cleanliness—and this often necessitates re-arrangement of the furniture of the whole room—is one of the essential arts of nursing. In district nursing of the poor, it must be one of the nurse's first duties to put the room in a state so that the patient *can* recover. So, too, must the

Imagem 48 - Fragmento retirado do verbete nursing the sick do "A Dictionary of Medicine", 1884, p. 1044⁷⁸

Para manter esses ambientes em boas condições de saúde, favorecendo a recuperação dos pacientes, Florence destaca dois elementos fundamentais – Iluminação e limpeza.

A iluminação é o ponto mais importante após a ventilação, ela refere-se a luz do dia e dos raios solares, também incluindo as cores e uma vista agradável e bela para os olhos dos pacientes descansarem. Pode ser através de uma variedade de objetos, flores e fotos, pois essas coisas fariam efeito sobre a mente e o corpo (NIGHTINGALE, 1902, p.1098).

A limpeza e o ar fresco, segundo Florence, não só dão a vida, mas são a própria vida do paciente. Isso porque a limpeza (ar limpo, água limpa, ambiente limpo e atmosfera limpa) são verdadeiras salvaguardas da infecção. Sendo destacado pela autora neste item, a limpeza dos pisos e paredes⁷⁹ e do mobiliário⁸⁰ com pano úmido; da cama e da roupa de cama⁸¹, destacando que uma verdadeira enfermeira sempre sabe arrumar uma cama e que sua arrumação tem ligação com escaras; das bandagens⁸²; e, dos utensílios⁸³, que nunca devem ser deixados sob a cama do paciente (NIGHTINGALE, 1884, p.1046b).

⁷⁸ A colocação da cama de doente na melhor posição para garantir ar sem corrente de ar, luz, sem brilho, silêncio e limpeza — e isto muitas vezes necessita de rearranjo dos móveis do quarto inteiro — é uma das artes essenciais da enfermagem. Na Enfermagem de distritos dos pobres, deve ser um dos primeiros deveres das enfermeiras, colocar o quarto em um estado para que o paciente pode se recuperar.

⁷⁹ Florence relata que médicos proibem esfregar a parede e o piso, e nenhum quarto de doente deve ser lavado, exceto pelas ordens dos médicos e na hora que ele ordena.

⁸⁰ Este deve ser em menor número possível, devendo ser eles de mármore, metal ou madeira polida.

⁸¹ Devendo a enfermeira ser cuidadosa em arejar os lençóis limpos e ambientes limpos; não permitir o compartilhamento de toalhas entre pacientes, bem como toalhas diferentes para fins diferentes, remove imediatamente as roupas sujas; ficar atenta para a desinfecção (através de maceração em água fervente misturada com ácido carbônico) e lavagem das roupas em lavanderias e não na casa dos doentes.

⁸² Em 1884, recomenda, que as bandagens sujas de pus, após retiradas, deveriam ser queimadas imediatamente em fomalhas, já as usadas em fraturas poderiam ser lavadas com soda clorada. Já em 1902, recomenda que todas independentemente de que forma foram utilizadas deveriam ser queimadas.

Quanto à limpeza pessoal e precauções contra a contaminação das mãos Florence destaca que:

3. Precautions against finger-poisoning, &c.—One of the most important points nurses have to be taught on beginning surgical ward-work (and, indeed, surgeons also,) is how not to poison their fingers. No good nurse will poison her own fingers any more than her patient's.

Imagem 49 - Fragmento retirado do verbete nursing the sick do "A Dictionary of Medicine", 1884, p. 1046⁸⁴.

Para evitar essa contaminação das mãos, Florence apresenta na edição de 1902, regras que deveriam ser seguidas, mesmo com os eficientes desinfetantes que estavam sendo utilizados naquele momento. O primeiro deles é a presença de lesões nas mãos, visto que seriam fonte de infecção.

Anything which has soiled the fingers or wounded the cuticle—a hang-nail, a crack, a pin-puncture—or even the condition known as ‘chapped hands,’ is a possible source of infection to others or to yourself, almost more than an open wound or sore which necessarily exacts attention. Such abrasions must be rendered harmless by thorough washing with

Imagem 50 - Fragmento retirado do verbete nursing the sick do "Quain's Dictionary of Medicine", 1902, p. 1100⁸⁵.

Tais escoriações, segundo a autora, são inofensivas com minuciosa lavagem com água e protegendo com uma película de colódio. Uma dedeira de borracha, que pode ser desinfetada por ebulição, também deve ser usada.

Florence ressalta ainda a necessidade da lavagem das mãos antes de realizar procedimentos. Ela afirma que imediatamente antes de começar a vestir ou tocar em um paciente, seja para tratar dos feridos, fazer curativos, administrar enemas, lavar os olhos, ouvidos, nariz e boca, deve-se virar as mangas e lavar as mãos, pulsos e unhas cuidadosamente com uma água quente e sabão e embebe-los em algum desinfetante confiável, citando a autora o perclorato de mercúrio (NIGHTINGALE, 1902, p. 1100).

⁸³ Após serem utilizados os utensílios devem ser retirados do quarto e lavados, assim como as excreções dos pacientes que devem ficar em recipientes fechados no caso de inspeção médica. Os mictórios devem ser lavados com água quente e soda clorada.

⁸⁴ Precauções contra envenenamento de dedo— um dos mais importantes pontos a ser ensinado para as enfermeiras no início trabalho na ala cirúrgica (e, de fato, aos cirurgiões também,) é de como não contaminar seus dedos. Nenhuma boa enfermeira vou envenenar os próprios dedos mais do que os pacientes dela.

⁸⁵ qualquer que sujou os dedos ou feriu a cutícula - pele solta acima da cutícula dos dedos, uma rachadura, um pino de punção ou uma condição conhecida como "mãos rachadas", é uma possível fonte de infecção para os outros ou a si mesmo, quase mais do que uma ferida aberta ou que necessariamente exige cuidados.

No fragmento abaixo a autora aborda outros cuidados para evitar a contaminação das mãos. Um deles é a utilização de pinças durante a realização de curativos, de modo que os dedos nunca deveriam tocar o pus, e da mesma forma, os adesivos não deveriam ser retirados com as unhas. Concluindo que o medo da sujeira era o começo para uma boa enfermagem.

before putting together again. Soiled dressings should be removed with dressing-forceps and not with the fingers ; the fingers should never touch pus if contact can be avoided : on no account should adhesive plaster or other adhering dressing be scratched up with the nails. The fear of dirt is the beginning of good nursing. With all internal cases,

Imagem 51 - Fragmento retirado do verbete nursing the sick do “Quain’s Dictionary of Medicine”, 1902, p. 1100⁸⁶.

Sobre a contaminação do vestuário da enfermeira afirma que:

purpose. Cuffs and sleeves and stuff dresses are possible carriers of contagious matter. Always change the apron and over-sleeves which you have worn about the sick before eating or drinking. Report immediately any scratch or hang-nail or sore you may have to the ward-sister. Never go on duty in the morning without having taken a meal.

Imagem 52 - Fragmento retirado do verbete nursing the sick do “Quain’s Dictionary of Medicine”, 1902, p.1100⁸⁷.

Após análise das observações de Florence sobre limpeza e contaminação pessoal, nos chama a atenção, a compreensão por parte da autora dos princípios de higiene e contaminação no ambiente hospitalar utilizando os meios e equipamento de proteção que estavam disponíveis à época.

Assim, fica claro os motivos que levaram ao reconhecimento de seu trabalho no cuidado aos feridos de guerra e queda dos índices de infecção hospitalar. Esses princípios observados de Florence, são até hoje, vistos como primordiais para o controle de infecção, claro que, não podemos deixar de levar em consideração os

⁸⁶ curativos sujos devem ser retirados com pinça de curativo e não com os dedos; os dedos nunca devem tocar o pus se o contato pode ser evitado; em hipótese alguma deve o Emplastro adesivo ou outro curativo auto-aderente ser retirado com as unhas. O medo da sujeira é o começo de uma boa enfermagem.

⁸⁷ Punhos das mangas, mangas e vestidos são possíveis portadores de matéria contagiosa. Mude sempre o avental e mangote que tenha usado sobre o doente antes de comer ou beber. Comunicar imediatamente qualquer arranhão ou ferida na cutícula ou ferimento, que você pode ter para a irmã da ala; pedir conselho imediato após ter respirado ar ofensivo. Nunca entre em serviço pela manhã sem ter feito uma refeição.

avanços tecnológicos e científicos no que diz respeito aos equipamentos de proteção individual, adventos dos antimicrobianos no século XX e das substâncias e instrumentos de esterilização e desinfecção.

No que tange a alimentação, Florence afirma que o médico é quem dirá a maneira, a hora e o tipo de comida e estimulante a serem dados. E a forma de cozinhá-la e prepará-la, permitindo uma melhor digestão é uma das grandes artes da enfermagem. Porém, também é necessário que a enfermeira observe e entenda as reações e aceitação do alimento pelo paciente e comunique ao médico (NIGHTINGALE, 1884, p.1047b; NIGHTINGALE, 1902, p.1100). Cabe ressaltar que essa atividade de preparo do cardápio e da alimentação do paciente, ao longo dos anos, deixou de ser de responsabilidade da enfermeira

absolute. The patient's stomach is the laboratory, and also the chemist. It is the sole judge of whether the physician's orders are right, and the nurse has to watch and tell him what the patient's stomach says. She must, of course, be trained and cultivated to understand what it says.

Imagem 53 - Fragmento retirado do verbete nursing the sick do "Quain's Dictionary of Medicine", 1902, p. 1100⁸⁸.

O quadro abaixo apresenta quais as atividades, relacionadas à aplicação de remédios, os médicos almejavam que fossem realizadas pelas enfermeiras.

⁸⁸ O estômago dos pacientes é o laboratório e também o químico. É o único juiz de se as ordens dos médicos estão corretas; e a enfermeira tem que observar e dizer-lhe o que estômago do paciente diz. Ela deve ser certamente treinada e educada para entender o que diz.

Quadro 3: Atividades relacionadas à aplicação de remédios desempenhadas por enfermeiras

Ser capaz de fazer curativos em bolhas, queimaduras, feridas.

Manejar treliças, utilizadas em queixas uterinas; passar cateteres — pelo menos em mulheres⁸⁹.

Administrar estimulantes e medicamentos conforme ordenado, enemas, injeções e supositórios para homens e mulheres.

Para usar os melhores métodos de fricção para o corpo e extremidades; fazer e aplicar cataplasma, emplastos e pequenos curativos, molhados e secos e gordurosos; seringa de feridas e vaginal.

Gerenciar pacientes acamados — febre, operação e casos cirúrgicos — Para mover, para mudá-los, para mantê-los pessoalmente limpos, quente ou frio⁹⁰.

Dar comida e estimulantes para pacientes debilitados— febre, operação e casos cirúrgicos; gerenciar a situação de tais casos; para prevenir ou fazer curativos escaras.

Preparar a cama do paciente para febre, acidentes e para vários tipos de operações.

Preparar os pacientes para as operações e gerenciá-los após o mesmo e de anestésias.

Realizar as primeiras “coisas”⁹¹ no caso de hemorragia, ou seja, a compressão com a mão ou dedo e torniquetes.

Realizar diversos tipos de bandagens para várias partes do corpo.

Às vezes, dar injeções subcutâneas, usar a bateria galvânica e sangria por meio de ventosas e aplicar sanguessugas, externamente e internamente.

Ela é necessária para poder aplicar calor úmido e seco, dar inalações e usar pulverizador; aplicar frio, com o uso de sifões e com gelo; e tratamento antisséptico.

Fonte: “A Dictionary of Medicine”, 1884, p.1048; 1902, p. 1101.

⁸⁹ Apesar de muitas vezes ser necessário que enfermeira de distrito passe o espéculo e também cateteres em homens, porque não há ninguém mais para fazê-lo.

⁹⁰ A autora, ressalta que nesses casos a enfermeira deve estar atenta para a mudança de decúbito e a higiene corporal do paciente, de maneira que o médico atendente espera que a enfermeira mantenha uma limpeza requintada do corpo inteiro dos pacientes — para limpar-se os pacientes dentes, gengivas e língua, com suco de limão ou branco-de-ovo bater de uma espuma. Assim afirma que “Uma enfermeira não é enfermeira se não pode lavar ou esfregar o corpo inteiro de pacientes sem expô-lo ou resfriar qualquer parte”.

⁹¹ Utiliza o termo “first thing” ao invés de primeiros cuidados ou cuidados imediatos

Florence destaca a realização de algumas atividades da enfermeira em pacientes do sexo masculino, como no caso da passagem de espéculos e cateteres pela “district nurse” e de enemas e supositórios. Talvez para minimizar o receio de homens em serem cuidados por mulheres, como será apontado no discurso do autor do verbete “Nursing” na “The Encyclopaedia Britannica” de 1911 que será analisada na próxima seção.

Sobre o último dos principais deveres da enfermagem hospitalar apontados por Florence é a observação dos pacientes. Neste tocante, a autora aponta quais eram as expectativas dos médicos no trabalho da enfermeira, para obtenção de um relato correto sobre a situação do paciente.

6. Observation of Patients.—The physician and surgeon require every nurse to be able to observe correctly, and to report correctly, on the state or character of secretions, expectoration, pulse, skin, appetite, strength; effect of diet, of stimulants and of medicines; eruptions; the development of swellings or other abnormalities; the characters and starting-points of fits; as to intelligence, with regard to delirium, stupor, &c.; as to breathing, whether quick or slow, regular or irregular, difficult, &c.; as to sleep, whether sound, starting, heavy, &c.; and as to the state of wounds. The physician also requires the nurse to be able to ‘take’ and to record the temperature—sometimes every quarter of an hour in critical cases—the pulse, the respiration; to measure, and sometimes to test the urine for him.

Imagem 54 - Fragmento retirado do verbete nursing the sick do “Quain’s Dictionary of Medicine”, 1902, p.1101⁹².

Além das funções desempenhadas pelas enfermeiras apresentadas anteriormente e tidas como principais, outras funções são também citadas por Florence. Na edição de 1884, ela faz referência a enfermagem noturna e às férias. Já na edição de 1902, ela acrescenta a economia doméstica e obrigações gerais. O quadro abaixo apresenta informações sobre cada uma delas.

⁹² Observação de pacientes — o médico e cirurgião exigem que todas as enfermeiras sejam capazes de observar corretamente e informar corretamente, o estado ou caráter de secreção, expectoração, pulso, pele, apetite; efeito da dieta, estimulantes e de medicamentos; erupções; a formação de pus; Quanto à consciência, no que se refere a delírio, estupor; Quanto à respiração, rápida ou lenta, regular ou irregular, difícil.; Quanto à dormir, se som, inicial, pesado, c.; e quanto ao estado das feridas. O médico também requer que a enfermeira seja capaz de tomar e registrar a temperatura, às vezes, cada quarto de hora em casos críticos — o pulso, a respiração; medir e, por vezes, testar a urina para ele.

Quadro 4 - Outros deveres da enfermagem

Enfermagem noturna	Deve ser tão boa quando a enfermagem diurna, visto que a maioria dos momentos críticos ocorrem durante a noite ou no início da manhã. A capacidade administrativa não é tão necessária quanto para a enfermeira diurna. Devem ter pelo menos de 7 a 8 horas de sono durante o dia em local adequado. Todo o mês, elas devem dormir uma ou duas noites na cama.
Férias	Todos os enfermeiros especialmente os noturnos devem ter férias, não sendo muito um mês por ano, para manter o vigor do corpo e da mente.
Economia doméstica	A enfermeira estar atenta o máximo possível para a economia doméstica. Ela deve ser capaz de ordenar o pão quantidade apropriada, leite, manteiga e para evitar o desperdício.
Obrigações gerais	É necessário um constante aperfeiçoamento, pois ano após ano as enfermeiras precisam aprender métodos novos e melhorados, como avanços na medicina, cirurgia e higiene. Ano a ano são chamados de fazer mais e melhor do que elas faziam. Ter um registo público de enfermeiras. Pois a cada dia a enfermagem precisa ser mais e mais além de uma vocação moral.

Fonte: "A Dictionary of Medicine", 1884, p.1048; 1902, 1101-1102.

Percebe-se que a preocupação da autora vai além dos deveres dos profissionais, mas também, aos direitos delas no que diz respeito às férias e descanso. Florence ressalta ainda, a importância do registro da enfermeira, para um controle desse trabalho no país e o aperfeiçoamento permanente dessas profissionais, medidas que visam o controle e a qualidade da assistência prestada por elas, além de deixar claro a existência de um processo de profissionalização da enfermagem ao longo dos anos, afastando a ideia vocacional inicial, aproximando cada vez mais a enfermagem da ciência e da sua profissionalização.

A autora finaliza mais uma vez abordando em seus escritos as qualidades necessárias para ser uma boa enfermeira. Sendo imperioso ter um caráter da mais alta classe, enumerando 10 (dez) características, ou até mesmo mandamentos:

virtuosa, sóbria, honesta, verdadeira, confiável, pontual, tranquila, agradável e esperançoso, limpa e pensar em seu paciente e não em si mesma.

What a Nurse is to be.—A really good nurse must needs be of the highest class of character. It need hardly be said that she must be—(1) **Chaste**, in the sense of the Sermon on the Mount; a good nurse should be the Sermon on the Mount in herself. It should naturally seem impossible to the most unchaste to utter even an immodest jest in her presence. Remember this great and dangerous peculiarity of nursing, and especially of hospital nursing, namely, that it is the only case, queens not excepted, where a woman is really in charge of men. And a really good trained ward 'sister' can keep order in a men's ward better than a military ward-master or sergeant. (2) **Sober**, in spirit as well as in drink, and temperate in all things. (3) **Honest**, not accepting the most trifling fee or bribe from patients or friends. (4) **Truthful**—and to be able to tell the truth demands attention and observation, to observe truly—memory, to remember truly—power of expression, to tell truly what one has observed truly—as well as intention to speak the truth, the whole truth, and nothing but the truth. (5) **Trustworthy**, to carry out directions intelligently and perfectly, unseen as well as seen, 'to the Lord' *as well as* unto men—no mere eye-service. (6) **Punctual** to a second, and orderly to a hair—having everything ready and in order before she begins her dressings or her work about the patient; nothing forgotten. (7) **Quiet**, yet quick; quick without hurry; gentle without slowness; discreet without self-importance; no gossip. (8) **Cheerful, hopeful**, not allowing herself to be discouraged by unfavourable symptoms; not given to depress the patient by anticipations of an unfavourable result. (9) **Cleanly** to the point of exquisiteness, both for the patient's sake and her own; neat and ready. (10) **Thinking of her patient and not of herself**; 'tender over his occasions' or wants,

Imagem 55 - Fragmento retirado do verbete nursing the sick do "Quain's Dictionary of Medicine", 1902, p, 1102⁹³.

Apesar da enfermagem moderna ser entendida como laica, por não estar nem sob a égide e nem vinculada à uma instituição de caridade, a autora faz uma analogia entre as características da boa enfermeira e o sermão da montanha, reforçando a dos princípios éticos e morais.

⁹³ (1) **Virtuosa**, no sentido do sermão da montanha; uma boa enfermeira deveria ter o sermão da montanha em si mesma. Deve naturalmente parecer impossível o mais impuro pronunciar, até mesmo uma brincadeira imodesta na sua presença. Lembre-se esta grande e perigosa peculiaridade da enfermagem, e especialmente, da enfermagem hospitalar, ou seja, que é o único caso, rainhas não isentos, onde uma mulher é realmente responsável por homens. E uma irmã de ala verdadeiramente bem treinada pode manter a ordem na ala masculina, melhor que o militar, capital de ala ou Sargento. (2) **sóbria**, em espírito, bem como na bebida e temperado em todas as coisas. (3) **honesto**, não aceitando a mais insignificante remuneração ou suborno de pacientes ou amigos. (4) **verdadeira** — e de ser capaz de dizer a verdade inclui atenção e observação, para observar verdadeiramente — memória para lembrar verdadeiramente — poder de expressão, para dizer realmente o que se tem observado verdadeiramente — bem como a intenção de falar a verdade, toda a verdade e nada além da verdade. (5) **confiável**, para realizar os direcionamentos inteligentemente e perfeitamente, sem ser visto, bem como sendo visto, para o senhor, bem como aos homens, — não meramente trabalhar quando é vigiado. (6) **pontual** para um segundo e ordenada exatamente — ter tudo pronto e em ordem antes que ela comece os curativos ou seu trabalho sobre o paciente; nada esquecido. (7) **tranquila**, ainda rápida; rápida sem pressa; suave sem lentidão; discreto, sem exagero, sem fofocas. (8) **alegre**, esperançoso; não permitindo que se desanime com sintomas desfavoráveis; não deprimir o paciente por antecipações de um resultado desfavorável. (9) **limpa** ao ponto de requinte, tanto para o bem de pacientes e ela própria; limpo e pronto. (10) **o pensamento de seu paciente e não de si mesma**.

A exigência de uma postura moral rígida, mas socialmente estimada, podem ser entendidos como uma necessidade para alcançar a respeitabilidade dessas profissionais em um momento de substituição de amadoras por enfermeiras adequadamente treinadas e qualificadas sob os preceitos da medicina cirurgia e higiene para o exercício da profissão. Assim, afastava a imagem pejorativa e caricaturada de Sarah Gamp, enfermeira pré-Nightingale criada por seu contemporâneo, o escritor Charles Dickens.

7 A POPULARIZAÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE A ENFERMAGEM E SEU CUIDADO NA “ THE ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA”

Farias (2007), afirma que, no século XVIII a enciclopédia, considerada uma obra de grande valor, caracteriza os esforços lexicográficos da época. Seu projeto foi impulsionado por Diderot e D’Alembert. E, entre elas está a “Encyclopaedia Britannica”. Editada pela primeira vez em Edimburgo, na Escócia, no ano de 1768, por três tipógrafos. Inicialmente a enciclopédia era composta de 2.700 páginas em três tomos, mas, ao longo das edições seguintes foi tornando-se cada vez mais completa e complexa chegando a ter mais de 30 volumes e com aproximadamente 134.000 verbetes.

A partir de 1809, ano de sua quarta edição, a Encyclopaedia Britannica com a colaboração de especialistas de prestígio internacional como: Albert Einstein, Sigmund Freud, Leon Trotsky, Henry Ford, incluindo também presidentes como John Fitzgerald Kennedy, tornou a obra ainda mais rica e prestigiosa nos meios acadêmicos (FARIAS, 2007).

Iniciaremos com a análise do verbete “nursing” na sétima edição da “The Encyclopaedia Britannica” publicada em 1842⁹⁴, na qual consta a descrição de “nursing of children” relacionado aos cuidados à criança. O verbete, que foi publicado também no registro anual⁹⁵, traz observações e direcionamentos para que mães ou outras mulheres que cuidem de crianças. Entre os cuidados estão postura da criança, limpeza, vestuário, ventilação, alimentação entre outros (THE ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1842, p. 311). Apontando que o conhecimento popular sobre as ações realizadas por essas “enfermeiras”, estavam relacionadas com cuidados à criança, dispensados por mulheres, mães ou não das crianças, ou meninas, visando o seu desenvolvimento. Abaixo a imagem da capa do volume XVI da sétima edição que descreve o verbete “nursing of children”

⁹⁴ Não traz informação sobre o autor do verbete

⁹⁵ Apenas há a informação que foi publicado no registro anual VI, p. 130, porém sem informação sobre a data.

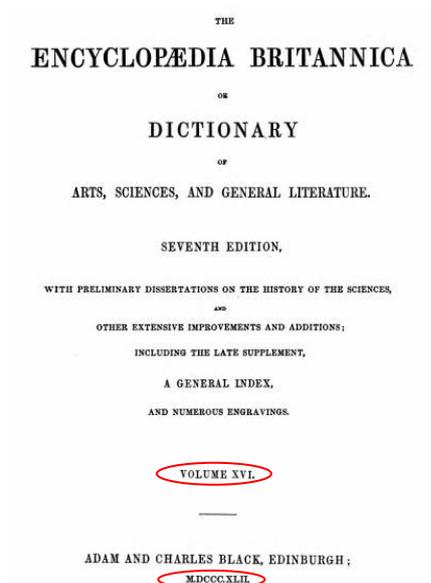


Imagem 56 - Capa da “The Encyclopaedia Britannica”, vol XVI, 1842.

A primeira orientação quanto ao cuidado à criança, diz respeito a sua postura. Para que a criança fique ereta antes do final do primeiro mês seria conveniente que nesse período a mesma permaneça deitada ereta sobre um colchão fino. Se estivesse no colo de uma “nurse”⁹⁶ (cuidadora de crianças) a criança deveria ser posicionada sempre em linha reta, porém a “nurse” deveria manter a criança o mínimo possível em seus braços (THE ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1842, p.311).

A “nurse” deveria também ensiná-lo a dar os primeiros passos, mas até dois ou três anos de idade ela não deveria fazê-lo andar por muito tempo. Os ossos do tornozelo e do joelho da criança devem ser friccionados, pois isso reforçaria esses ossos, fazendo a criança esticar seus joelhos e assim mantê-los lisos. Essa seria o fundamento para uma pessoa ereta e graciosa (THE ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1842, p.311).

Quanto à higiene, afirma que a pele da criança deveria ser mantida limpa, lavando constantemente, com água morna, os membros, o pescoço e orelhas. As roupas das crianças deveriam ser leves, claras e não muito longas para que as pernas da criança pudessem ficar confortáveis. À noite, recomenda que a criança use uma camisa, uma camisola e um cobertor. Porém, não deveriam ser mantidas em quartos quentes, como ocorria nas cidades, mas ter o máximo de ar possível.

⁹⁶ Entendido como mulher que cuida de criança

Assim, seria útil botar a criança e exercitá-la ao ar livre. O sol da manhã é bom para todas as crianças desde que elas acordem por si mesmas, e nunca devem ser acordadas de seu sono (THE ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1842, p. 311).

Há também a proposta de um treinamento de meninas para que pudessem cuidar de crianças, sendo sugerido um prêmio para quem cuidar melhor de uma criança até seu primeiro ano de vida. A imagem do fragmento traz o exposto.

Girls might easily be trained to the proper management of children, if a premium were given in free schools, work-houses, and other places, to those that brought up the finest child to one year old.

Imagem 57 - Fragmento retirado da “The Encyclopaedia Britannica”, 1842, p.311.

Quanto à alimentação, nos primeiros seis meses, a criança deveria ser amamentada, porém, a mãe na impossibilidade de amamentar, poderia contratar uma mulher saudável com leite jovem para cuidar da criança. E, após os seis primeiros meses poderiam ser oferecidos a criança caldos e alimentos simples juntamente com o leite (THE ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1842, p. 311).

Na oitava edição da enciclopédia estudada, publicada em 1853, não foi encontrado a descrição do verbete “Nursing of Children” ou outro que tivesse relação como o termo “nursing” ou “nurse”. Porém, encontramos a descrição do termo “nursing” no interior da descrição do verbete “Hospital”, na nona e décima edição, publicadas respectivamente em 1881⁹⁷ e 1902. Apesar de serem de edições diferentes, e com um intervalo de publicação de mais de vinte anos entre elas, o conteúdo da descrição do termo “nursing” não se altera. Nas imagens abaixo estão as capas e as páginas onde contam a descrição do termo nas edições de 1881 e 1902.

⁹⁷ A primeira publicação dessa edição foi em 1875, porém o documento utilizado é uma reimpressão datada de 1881.

Segundo ao autor do verbete, o Prof. F. de Chaumont⁹⁸, a enfermagem já havia feito melhoras importantes no que diz respeito à sua organização, embora ainda houvesse controvérsias quanto ao melhor método para sua realização. Devendo ser considerado para a organização da enfermagem em um hospital, eficiência e economia (CHAUMONT, 1881, p. 305).

Sobre a organização das enfermarias e o do serviço de enfermarias destacamos o seguinte fragmento:

sidered. Miss Nightingale recommends large wards of 32 beds each, as at the Herbert Hospital, on the ground that one head-nurse is sufficient for such a number by day and one nurse by night. In the Edinburgh New Infirmary the wards are not so large, the medical being arranged for 21, and the surgical for 14 patients. Circumstances must to a large extent determine the arrangement, but it seems desirable on the whole that the work of a nurse should be confined to a single ward at a time if possible. The duties of

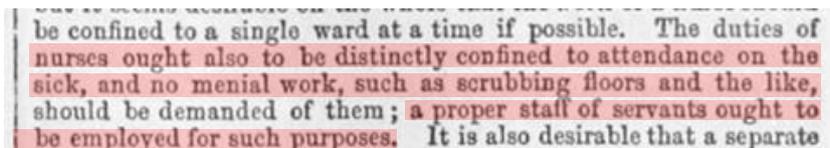
Imagem 59 - Fragmento retirado da "The Encyclopaedia Britannica", 1881, Vol. XII, p. 305⁹⁹.

Para falar sobre o arranjo das enfermarias e dimensionamento de enfermeiras para o serviço, traz uma recomendação de Miss Florence Nightingale, de que os hospitais deveriam ter grandes enfermarias com a capacidade para 32 leitos cada, pela razão que uma enfermeira-chefe seria o suficiente para o serviço diurno e uma enfermeira para o noturno. Porém, pondera que em hospitais com um número menor de leitos, as circunstâncias deveriam determinar a organização, mas ressalta que o ideal é que o trabalho da enfermeira seja restrito a uma enfermaria apenas (CHAUMONT, 1881, p.305).

Ao falar sobre os deveres da enfermagem o autor aborda uma realidade da profissão à época. Ele afirma que em alguns hospitais do país, as enfermeiras eram encarregadas também do serviço de limpeza (CHAUMONT, 1881, p.305). Porém, o autor afirma que as enfermeiras deveriam se responsabilizar apenas pela assistência aos doentes, e para esse serviço de limpeza deveriam ser contratados empregados, apesar de Florence afirmar, conforme visto na análise do livro "Notes on Nursing", que a enfermeira deveria estar atenta a limpeza, em especial dos quartos incluindo mobiliário, assoalhos e paredes (NIGHTINGALE, 1860, p.90).

⁹⁸ Professor de Higiene na Army Medical School em Netley

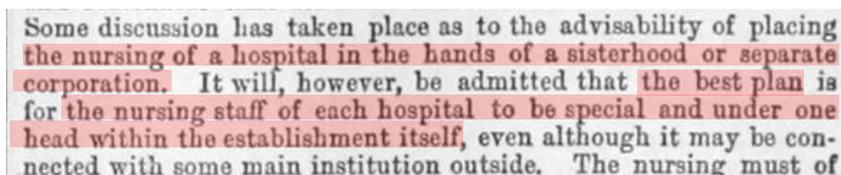
⁹⁹ Senhorita Nightingale recomenda grandes enfermarias de 32 camas cada, como no Hospital Herbert, pela razão que um enfermeira-chefe é suficiente para um número tão grande de dia e uma enfermeira de noite. Em Edimburgo New Infirmary as enfermarias não são tão grandes, a médica sendo organizada para 21, e a cirúrgica para 14 pacientes. As circunstâncias deve, em grande medida, determinar o arranjo, mas parece desejável em geral que o trabalho de uma enfermeira deve ser limitado a uma única enfermaria de cada vez, se possível.



be confined to a single ward at a time if possible. The duties of nurses ought also to be distinctly confined to attendance on the sick, and no menial work, such as scrubbing floors and the like, should be demanded of them; a proper staff of servants ought to be employed for such purposes. It is also desirable that a separate

Imagem 60 - Fragmento retirado da “The Encyclopaedia Britannica”, 1881, Vol. XII, p. 305¹⁰⁰.

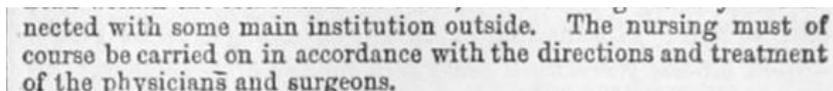
Sobre a coordenação dos serviços de enfermagem, embora a época a fama de Florence e suas ideias de treinamento de enfermeiras em escola anexas ao hospital já ter corrido na Europa, o autor do verbete afirma que no período havia discussão sobre a possibilidade de a administração do serviço de enfermagem ficar a cargo de irmandades ou corporações distintas. Entretanto, o autor conclui que a melhor alternativa para a equipe de enfermagem de um hospital é que tenha um líder dentro de cada hospital, apesar de poder estar ligado a uma instituição externa.



Some discussion has taken place as to the advisability of placing the nursing of a hospital in the hands of a sisterhood or separate corporation. It will, however, be admitted that the best plan is for the nursing staff of each hospital to be special and under one head within the establishment itself, even although it may be connected with some main institution outside. The nursing must of

Imagem 61 - Fragmento retirado da “The Encyclopaedia Britannica”, 1881, Vol. XII, p. 305¹⁰¹.

O autor finaliza deixando claro a relação de poder dentro de um hospital, deixando pesar a insígnia que carrega como médico. Mesmo ao defender a valorização desse profissional, ao resguardá-lo dos serviços de limpeza e estruturas que favoreçam seu bem-estar, deixa claro o limite da autonomia da enfermeira afirmando que:



ected with some main institution outside. The nursing must of course be carried on in accordance with the directions and treatment of the physicians and surgeons.

Imagem 62 - Fragmento retirado da “The Encyclopaedia Britannica”, 1881, Vol. XII, p. 305¹⁰².

Na décima Primeira Edição publicada em 1911, encontramos a descrição do verbete “nurse” e “nursing”¹⁰³ que traz uma descrição detalhada do termo, incluindo o aspecto histórico da enfermagem, bem como um levantamento da situação da

¹⁰⁰ As funções de enfermeiros também deveria ser claramente limitado a assistir o doente, e nenhum trabalho servil, como esfregar o chão e similares, deve ser exigido deles; uma equipe adequada de funcionários deve ser empregada para tais fins.

¹⁰¹ Tem ocorrido algumas discussões quanto à conveniência de colocar a enfermagem de um hospital nas mãos de uma irmandade ou corporação separada. Será, no entanto, admitido que o melhor plano para a equipe de enfermagem de cada hospital ser própria e sob um cabeça/líder dentro do próprio estabelecimento, mesmo embora possa estar conectado com alguma instituição principal fora.

¹⁰² A enfermagem deve ser exercida em conformidade com as orientações e o tratamento dos médicos e cirurgiões.

¹⁰³ Artigo não possui assinatura do autor ou autores.

profissão em diversos países do mundo. Essa mesma edição, traz um verbete sobre Florence Nightingale, abordando sua biografia. Cabe destacar que o passamento de Florence foi em agosto de 1910, ano anterior a publicação. Podendo assim ser entendido como uma forma de homenagem.

A imagem abaixo mostra a capa do volume XIX da “The Encyclopaedia Britannica” de 1911 e a página em que se encontram os verbetes “Nurse” e “Nursing”.

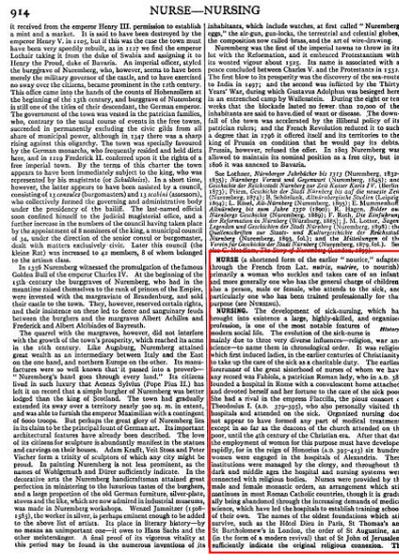
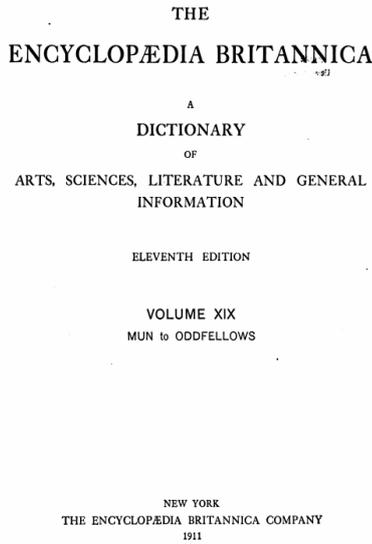


Imagem 63 - Capa e página com descrição dos verbetes “Nurse” e “Nursing” na “The Encyclopaedia Britannica”, vol XVI, 1911.

Quanto ao verbete de “nurse” ele trata do aspecto etimológico da palavra bem como sua definição (THE ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1911, p. 914a). Trazendo como principal significado, mulher que amamenta e cuida de criança, mais usualmente, quem tem responsabilidade total da criança e, por conseguinte, pessoa, homem ou mulher, que presta assistência à doentes, particularmente, quem foi treinado profissionalmente para esse propósito.

NURSE (a shortened form of the earlier “nourice,” adapted through the French from Lat. *nutrix, nutrire, to nourish*), primarily a woman who suckles and takes care of an infant, and more generally one who has the general charge of children; also a person, male or female, who attends to the sick, and particularly one who has been trained professionally for that purpose (see NURSING).

Imagem 64 - definição do verbete “nurse” na décima primeira edição da “The Encyclopaedia Britannica” vol. XIX, 1911, p. 914¹⁰⁴.

104 Enfermeira (abreviado do anterior “nourice” adaptado através do francês do Lat. *nutrix, nutrire*, nutrir) principalmente uma mulher que amamenta e cuida de uma criança; e mais geralmente uma pessoa que tem a responsabilidade geral de crianças; também a pessoa, homem ou mulher, que atende aos enfermos, e principalmente pessoa que foi treinado profissionalmente para essa finalidade.

Cabe ressaltar, que a definição apresentada no verbete, não enfatiza que a assistência aos doentes era realizada especialmente mulheres, como faz o dicionário, e ainda acrescenta o treinamento profissional para o exercício da enfermagem, o que anteriormente não era necessário, pois para ser considerado profissional bastava ser contratado para tal função.

Já no termo “Nursing”, o texto inicia afirmando que o desenvolvimento da enfermagem voltada para o cuidado ao doente, tornou a profissão grande, altamente qualificada e organizada, características condizentes com a sociedade moderna. E que três fatores influenciaram a sua evolução:

modern social life. The evolution of the sick-nurse is **mainly** due to three very diverse influences—**religion, war and science**—to name them in chronological order. It was religion

Imagem 65 - Verbetes “nursing” na “The Encyclopaedia Britannica” 11ªed. Vol. XIX, 1911, p. 914¹⁰⁵.

Assim, as três influências foram a religião, a guerra e a ciência, que são fatores estruturais e tornam a sua explicação de sua evolução mais complexa. Em ordem cronológica a primeira foi a religião, introduzindo, antes de Cristo, senhoras que assumiam os cuidados aos doentes como um dever de caridade.

to take up **the care of the sick as a charitable duty**. The earliest forerunner of the great sisterhood of nurses of whom we have any record was Fabiola, a patrician Roman lady, who in A.D. 380 founded a hospital in Rome with a convalescent home attached, and devoted herself and her fortune to **the care of the sick poor**.

Imagem 66 - Verbetes “nursing” na “The Encyclopaedia Britannica” 11ªed. Vol. XIX, 1911, p. 914¹⁰⁶.

Porém, até o século IV da era cristã, segundo o autor do verbete, essa organização de enfermagem não parecia fazer parte do tratamento médico. Após esse período o emprego de mulheres para essa finalidade se desenvolveu rapidamente. Nos hospitais de Alexandria, o sistema de enfermagem estava ligado a corpos religiosos, de forma que as enfermeiras eram fornecidas por eles. E, com o crescimento das ciências médicas que levaram os hospitais a estabelecerem suas

¹⁰⁵ A evolução do enfermeiro doente é principalmente devido a três influências muito diversas - **religião, guerra e ciência** - citados em ordem cronológica.

¹⁰⁶ assumir os **cuidados do doente como um dever de caridade**. O precursor mais antigo da grande Irmandade das enfermeiras, dos quais temos um registro foi Fabíola, Lady Romana, que em 380 A.C fundou um hospital em Roma com uma casa de convalescença anexada, e dedicou sua vida e a sua fortuna aos **cuidados dos doentes pobres**.

próprias escolas de formação, essa prática estava sendo gradualmente abandonada (THE ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1911, p. 915b). Porém o autor cita que:

Even in Protestant England, where purely secular training schools have reached their highest development, the generic title of Sister, alike prized by its holders and honoured by the public, remains the popular and professional synonym for head nurse, and perpetuates the old association. Nursing, as a popular or fashionable occupation, is not a modern invention.

Imagem 67 - Verbetes "nursing" na "The Encyclopaedia Britannica" 11ªed. Vol. XIX, 1911, p. 914.¹⁰⁷

O autor demarca o surgimento de um sistema de enfermagem secular em países protestantes, oriundo da reforma. Porém, esse distanciamento do vínculo com ordens religiosas trazia à tona um contraponto, o envolvimento desses funcionários em trabalhos domésticos servis, quanto estivessem fora das enfermarias (THE ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1911, p. 915).

the Reformation. The staff appointed for St Bartholomew's, on its re-establishment by Henry VIII. in 1544, consisted of a matron and twelve nurses, who were engaged in domestic occupations when off duty. Thus nursing became a menial office and an inferior means of livelihood, adopted by women of the lower orders without any training or special skill; and so it continued down to the middle of the 19th century, when a new movement began which was destined to revolutionize the status of the nurse.

Imagem 68 - Verbetes "nursing" na "The Encyclopaedia Britannica" 11ªed. Vol. XIX, 1911, p. 914¹⁰⁸.

No fragmento acima o autor afirma que, a enfermagem como um meio inferior de subsistência, realizada por mulheres de classes inferiores, sem qualquer habilidade e ou formação especial, continuou até o meio do século XIX, quando inicia um movimento para elevação do status da profissão. Esse movimento tinha como característica o treinamento sistemático de enfermeiras. Até então tinha havido algumas tentativas isoladas e individuais por parte de médicos e cirurgiões

¹⁰⁷ Mesmo na **Inglaterra protestante**, onde escolas de formação puramente seculares atingiram seu mais alto desenvolvimento, **o título genérico de irmã**, igualmente valorizada pelos seus titulares e honrado pelo público, continua a ser o **sinônimo popular e profissional para a enfermeira-chefe e perpetua a antiga associação**. Enfermagem, como uma ocupação popular ou na moda, **não é uma invenção moderna**.

¹⁰⁸ Em 1544, constituída de uma matron e doze enfermeiras, **que foram envolvidos em ocupações domésticas quando fora de serviço**. Assim, a enfermagem tornou-se um ofício servil e um meio inferior de subsistência, **adotado por mulheres das classes inferiores sem qualquer habilidade especial ou formação**; e assim continuou até o meio do século XIX, quando um novo movimento começou, destinado a revolucionar o status da enfermeira.

para a instrução de enfermeiras, sendo a habilidade para ser enfermeira adquirida em enfermarias (THE ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1911, p. 915b).

Um ponto polêmico é a quem o autor dá o crédito de inaugurar “a nova ordem das coisas” - o sistema moderno de enfermagem, como podemos ver na imagem abaixo:

tion. The credit of inaugurating the new order of things belongs to Germany, and here again the religious influence came into play. The beginning of the modern system dates from the foundation of the institute for training deaconesses at Kaiserswerth by Pastor Fliedner in 1836. It is true that state training schools

Imagem 69 - Verbetes “nursing” na “The Encyclopaedia Britannica” 11ªed. Vol. XIX, 1911, p. 914¹⁰⁹.

Digo, ser polêmico pois na concepção atual há praticamente uma unanimidade por parte dos pesquisadores da área da enfermagem, de que a fundadora da “Enfermagem Moderna” foi Florence Nightingale. Mas o responsável pela descrição do verbete credita esse feito aos alemães, no Instituto de Diaconisas de Kaiserswerth, onde Florence aprendeu os primeiros passos da profissão. Por isso o autor afirma que,

training establishments. The Kaiserswerth Institute, on the contrary, had a far-reaching and lasting influence, and may fairly claim to be the mother of the modern system. England, in particular, owes much to it, for there Florence Nightingale acquired the practical knowledge which enabled her afterwards to turn her remarkable gift of organization to such brilliant account. The example of Kaiserswerth was soon followed, and not in Germany only. In 1838 the Society of Friends founded

Imagem 70- Verbetes “nursing” na “The Encyclopaedia Britannica” 11ªed. Vol. XIX, 1911, p. 915¹¹⁰.

Quanto ao segundo fator – a guerra. Explica-se pelo fato do sistema de formação idealizado por Florence, o qual afirma ter uma base semi-religiosa, ter sido impulsionado pela Guerra da Crimeia, mais adiante pela Guerra Civil Americana e grandes conflitos subsequentes no continente (THE ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1911, p. 915b).

¹⁰⁹ O mérito de inaugurar a nova ordem das coisas é a Alemanha, e aqui novamente a influência religiosa entrou em jogo. O início do moderno sistema data da Fundação do Instituto de diaconisas de treinamento no Kaiserswerth pelo Pastor Fliedner em 1836.

¹¹⁰ O Instituto de Kaiserswerth, pelo contrário, tinha uma influência profunda e duradoura, e pôde reivindicar ser a **mãe do moderno sistema**. Inglaterra, em particular, deve muito a ele, para que Florence Nightingale tivesse adquirido o conhecimento prático, que lhe permitiu posteriormente trazer à tona, de maneira brilhante, seu dom notável da organização.

subsequent great conflicts on the continent. The despatch of Florence Nightingale with a staff of trained nurses, to superintend the administration of the military hospitals was the direct result of the publicity given to the details of the Crimean War by *The Times*, and it formed a new departure which riveted the eyes of the civilized world. The work undertaken and accomplished by this lady was far more important than the mere nursing of sick and wounded soldiers. She had grasped the

Imagem 71 - Verbete "nursing" na "The Encyclopaedia Britannica" 11ªed. Vol. XIX, 1911, p. 915¹¹¹.

O destaque dado a atuação de Florence na Guerra da Crimeia pelo *The Times*, aliado ao seu domínio dos princípios de higiene, que estavam começando a ser entendidos naquele momento e que foram aplicados na reforma da administração do hospital, favoreceu que seus efeitos chegassem a vida civil. Estimulando assim o movimento de formação profissional e aumentando o status do enfermeiro (THE ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1911, p.915b).

Apesar de diversas sociedades de enfermagem, como a Baden Ladies Society (1856), terem sido fundadas antes de 1860, somente após a abertura da Escola Nightingale no hospital St Thomas é que o sistema moderno de ensino em hospitais foi inaugurado. E, em pouco tempo esse modelo se difundiu pela Inglaterra e, gradualmente, por outros países como Alemanha, França e Estados Unidos (THE ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1911, p. 915b). O fragmento abaixo traz tais informações.

England took a decided lead, which she has never lost. Other countries gradually followed. In Germany the Albert Nursing Society was founded by Queen Carola of Saxony, and the Alice Society by the Grand Duchess Alice of Hesse, both in 1867. In France, where the nursing was comparatively well performed by the religious orders, no change was made until 1877, when a training school was opened in Paris by the municipality, and two others by the Assistance Publique, in connexion with the Salpêtrière and Bicêtre Hospitals. In the United States schools were opened in New York, New Haven and Boston in 1873. The British colonies, Austria, and other European countries followed some years later.

Imagem 72- Verbete "nursing" n "The Encyclopaedia Britannica" 11ªed. Vol. XIX, 1911, p. 915¹¹².

¹¹¹ O envio de Florence Nightingale, com uma equipe de enfermeiras treinadas, para fiscalizar a administração dos hospitais militares teve o resultado direto da publicidade dada aos detalhes da guerra da Crimeia, pelo *The Times*, e foi formado um novo ponto de partida que chamou atenção dos olhos do mundo civilizado. O trabalho empreendido e realizado por esta senhora era muito mais importante do que mera enfermagem aos soldados doentes e feridos.

¹¹² Outros países seguiram gradualmente. Na Alemanha, a Albert Nursing Society foi fundada pela Rainha Carola da Saxônia e a Alice Society pela Grã-duquesa Alice de Hesse, ambos em 1867. Na França, onde a enfermagem foi comparativamente bem realizada por ordens religiosas, nenhuma alteração foi feita até 1877, quando uma escola de formação foi inaugurada em Paris pela municipalidade e outros dois pela assistência pública, em conexão com o Salpêtrière e hospitais de

E, por fim, a terceira influência, a ciência, que segundo o autor “ to complete the work begun and to develop sytematic nursing to its presente dimensions” (THE ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1911, p. 915b). Isso porque desde 1880, as demandas do conhecimento médico revolucionaram o ofício no domicílio, no hospital e em asilos, sendo grande parte dessas mudanças resumidas pela palavra “scientific cleanliness”. Resultando a elevação da dignidade da vocação, ampliando a demanda de seus serviços e multiplicando os meios de educá-los (THE ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1911, p.915b).

Após falar sobre as influências para o desenvolvimento da enfermagem, é abordado o assunto sobre a organização e formação da enfermagem. Quanto à sua regulamentação, o autor afirma que a profissão parecia não estar regulamentada por lei na Inglaterra, à época, embora houvesse tido tentativas nesse sentido em algumas áreas de atuação da enfermagem¹¹³ (THE ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1911, p. 915b).

Quanto ao treinamento, como na Grã-Bretanha, quase todos os hospitais gerais e especializados oferecem formação profissional sistemática às enfermeiras, alguns detalhes na formação podem diferir. Mas, nas maiores escolas do sistema todos os aspectos importantes são uniformes. E são apresentados no quadro abaixo.

Bicêtre. Nos Estados Unidos escolas foram abertas em New York, New Haven e Boston em 1873. As colônias britânicas, Áustria e outros países europeus, seguiram alguns anos mais tarde.

¹¹³ Em nota de rodapé o autor descreve essas tentativas. Em 1902, houve uma tentativa de criar um Conselho Central de Parteiras e assim regularizar a formação e emprego das parteiras. E acrescenta alguns detalhes sobre as tentativas da organização de áreas especiais da enfermagem na Grã-Bretanha. São elas, a Febre, Mental, enfermagem nos distritos, obstetrícia, enfermagem masculina, massagem, infantil e militar (1911, p.915-916).

Quadro 5 - Características do sistema de ensino de enfermagem na Grã-Bretanha	
Idade	Devem ter entre 23 (às vezes 22) e 35 anos
Admissão	Devem apresentar evidências de caráter, educação, estado de saúde e físico
Duração do Curso	Hospital geral – 3 anos
	Hospital Especializado – 1 a 2 anos
Avaliações durante o curso	Realização de exames periódicos de conhecimento teórico e prático
Remuneração	Salário de £8 a £12 no primeiro ano, aumentando anualmente para £30 ou £35 como enfermeira e posteriormente £40 ou £50 como “sister” ou enfermeira-chefe.
Moradia e alimentação	Vivem em casas anexas à instituição, no âmbito de uma matrona, e em estabelecimentos mais modernos, possuem um quarto separado. Recebem refeições comuns

Fonte: “The Encyclopaedia Britannica” 11ªed. Vol. XIX, 1911, p. 915.

Ao final do curso recebem um certificado e podem ser empregadas como enfermeiras. Geralmente as enfermeiras treinadas e certificadas na Grã-Bretanha pertencem a uma sociedade ou associação, sendo a mais reconhecida a Queen Victoria’s Jubilee Institute for Nurses fundada em 1887¹¹⁴. As qualificações para uma “Queen’s Nurse” são apresentadas no quadro abaixo:

Quadro 6 - Qualificação para ser uma Queen Nurse
1- Possuir treinamento em um hospital geral ou enfermaria por 2 anos
2- Ser comprovada a aprovação na formação de district nurse por pelo menos 6 meses, incluindo cuidados a bebês e mães após o parto
3- As enfermeiras nos distritos do país devem ter tido pelo menos 3 meses de comprovação no treinamento de parteiras

Fonte: “The Encyclopaedia Britannica” 11ªed. Vol. XIX, 1911, p. 916.

Essas enfermeiras que prestariam cuidados domiciliares aos doentes pobres, também passavam, após o credenciamento, por um treinamento de um mês para a primeira qualificação, seis meses para a segunda qualificação. Após esses treinamentos, às vezes, trabalha como “district nurse” por um ou dois anos. A remuneração durante o treinamento é de £12 e, posteriormente, £30 a £35 por ano,

¹¹⁴ Fundada em 1887, tinha por objetivo fornecer enfermeiros habilitados para os doentes pobres em seu domicílio. Muitas associações de enfermagem do interior são filiadas a ela.

com direito a alimentação, alojamento, lavanderia e uniforme. A remuneração das enfermeiras em casos especiais como, infecciosos, mental e maternidade difere um pouco. Elas além do salário fixo recebem um pagamento extra que varia de £2 a £3 por semana (THE ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1911, p, 916b).

Sobre as qualificações e obrigações dos enfermeiros, o autor referencia os leitores à diversos livros-texto e autoridades técnicas¹¹⁵. Mas apresenta algumas observações gerais sobre o trabalho do enfermeiro. Afirma que muitas pessoas assemelham a vocação com um imperfeito entendimento do caráter exigido.

Apresenta como características do enfermeiro a força física, boa saúde, limpeza escrupulosa, bom humor, autocontrole, inteligência e um forte senso de dever. Afirma que a profissão abraça muito deveres, alguns deles servis e desagradáveis, além das funções puramente médicas e cirúrgicas. Sendo esse, especialmente, o caso das “district nurses”. Que segundo consta no texto,

medical and surgical functions. This is especially the case with district nursing, which is the highest and most exacting branch of the profession, because it imposes the greatest responsibility with the fewest resources and demands the most varied qualifications, while affording none of the attractions incidental to hospital work or private nursing among the rich.

Imagem 73 - Verbete “nursing” na “The Encyclopaedia Britannica” 11ªed. Vol. XIX, 1911, p. 917¹¹⁶.

A “district nurse” é considerada o mais exigente ramo da profissão, pois desempenha a rotina e os deveres da profissão, quando não se tem os meios adequados para exercê-la (iluminação, ventilação, calor, limpeza). E realizá-la da melhor forma diante a essas situações adversas, requer conhecimento aprofundado não da rotina, mas sim dos princípios (THE ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1911, p. 917b).

Frente aos grandes desafios que são impostos a profissão e seguindo essa linha de pensamento, afirma, que é impossível que o enfermeiro seja completamente educado no sentido mais amplo da palavra, mas é possível que sejam educados de forma inadequada. O que pode levar a enfermagem ao ponto de que seja inevitável

¹¹⁵ Os livros referenciados são: Sir Henry C. Burdett, Hospitals and Asylums of the World; The Nursing Profession (annual); Hampton, Nursing; Percy G. Lewis, Nursing, its Theory and Practice; Eva C. E. Luckes,

Hospital Sisters and their Duties; Morten, How to become a Nurse; Florence Nightingale, Notes on Nursing; Nightingale Boyd, "Nursing," in Quain's Dictionary of Medicine.

¹¹⁶ Este é especialmente o caso com a district nursing, que é o maior e mais exigente ramo da profissão, porque impõe a maior responsabilidade com o menor número de recursos e exige as mais variadas qualificações, enquanto proporcionando nenhuma das atrações incidentais para trabalho ou hospital ou enfermagem particular entre os ricos.

um aperfeiçoamento através da especialização em diversos ramos da arte (THE ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1911, p. 917b). Essas informações podem ser vistas no fragmento abaixo.

routine, but of principles. It is impossible, therefore, for nurses to be over-educated in the fullest sense of the word; but it is possible for them to be inappropriately educated, and perhaps that is sometimes the case now. Probably nursing has been elaborated to the inevitable point of specialization, and a somewhat different preparation is needed for different branches of the art.

Imagem 74 - Verbetes "nursing" na "The Encyclopaedia Britannica" 11ªed. Vol. XIX, 1911, p. 917¹¹⁷.

Sobre o exercício da enfermagem por homens, afirma que ela dificilmente chegará a ter lugar no sistema civil britânico e chegou a ser condenada na Alemanha pelo prof. Virchow. Sendo sugerido que enfermeiras fossem enviadas para substituir enfermeiros na frente de batalha na Guerra da África do Sul de 1899-1902. Sendo a única razão para explicar a preferência de mulheres para atender de homens, ao invés de pessoas do mesmo sexo, a dificuldade de obter enfermeiros igualmente qualificados (THE ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1911, p. 917b).

Finaliza seu texto defendendo que essa dificuldade não deveria durar para sempre, e que homens devem ser cuidados por homens, como pode ser visto no fragmento a seguir.

well qualified and satisfactory male nurses. But this difficulty need not be permanent, and the assumption is much to be deprecated. It is, indeed, most desirable that men should be nursed by men. The advantages are many and real. For one thing women do not possess the physical strength which is often required. They cannot lift a heavy man, and ought not to be asked to do it. Then it is excessively irksome to a sensitive man to be attended by women for various necessary offices. In order to avoid it he will endeavour to do without assistance, and seriously prejudice his chances of recovery.

Imagem 75 - Verbetes "nursing" na "The Encyclopaedia Britannica" 11ªed. Vol. XIX, 1911, p. 917¹¹⁸.

¹¹⁷ É impossível, portanto, para os enfermeiros de ser excessivamente educado no sentido mais amplo da palavra; mas, é possível para que eles sejam educados de forma inadequada, e talvez esse seja o caso agora. Provavelmente de enfermagem foi elaborado para o inevitável ponto de especialização, e alguma preparação diferente é necessária para diferentes ramos da arte.

¹¹⁸ Mas esta dificuldade não precisa ser permanente, e o pressuposto está para ser substituído. É, com efeito, mais desejável que os homens devem ser nutridos por homens. As vantagens são muitas e reais. Por um lado, as mulheres não possuem a força física, que muitas vezes é necessária. Elas não podem elevar um homem pesado e não devem ser solicitadas a fazê-lo. Em seguida é excessivamente cansativo para um homem ser atendido por mulheres para vários fins necessários. Para evitar, ele procurará fazer sem assistência e pode seriamente prejudicar suas chances de recuperação.

Após análise do fragmento fica claro a posição do autor sobre a inserção dos homens na enfermagem, indo contra ao que era proposto por Florence e realizado na Inglaterra, de maneira que eles também pudessem ser treinados para que alcançassem as qualidades necessária. Porém, esses enfermeiros deveriam prestar assistência apenas às pessoas do mesmo sexo, diferentemente da mulher que apesar, do constrangimento citado pelo autor, poderia cuidar de homens e mulheres.

A décima segunda edição da “The Encyclopaedia Britannica” publicada em 1922, que é composta pela décima primeira edição mais três novos volumes, traz em um desses novos volumes, mais precisamente no volume XXXI, o verbete nursing. Elisabeth Sanderson Haldane¹¹⁹, autora do verbete, escreve sobre a enfermagem na Inglaterra e nos Estados Unidos da América.

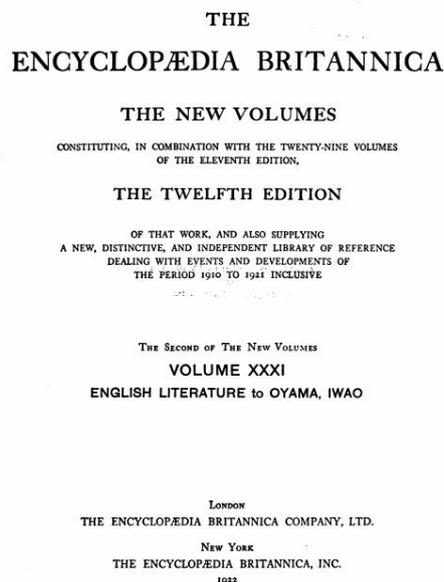


Imagem 76 - Capa do volume XXXI da “The Encyclopaedia Britannica”, 1922, p. 1163.

Ela inicia falando que o movimento de enfermagem moderna se desenvolveu a partir de uma nova mulher. Nessa organização proposta por Florence Nightingale, a Matron de um hospital teria total autoridade no que se refere a formação e gestão de enfermeiras, não sob a direção da equipe masculina do hospital.

¹¹⁹ Fez cursos de enfermagem na década de 1880 e, posteriormente, tornou-se envolvido na criação do Voluntary Aid Detachment, foi gerente do Edinburgh Royal Infirmary por volta de 1901. Atuou em vários conselhos consultivos e de regulamentação para a enfermagem. Além disso, ela foi a primeira mulher a ser juiz de paz na Escócia, nomeada em 1920 (<http://www.britannica.com/biography>).

NURSING (*see* 19.914)—UNITED KINGDOM.—The modern nursing movement has developed from the introduction of a new type of woman. One of the principal points of Florence Nightingale's organization (*see* 19.684) was that the hospital matron should have complete authority in regard to her own sphere and not be under the direction of the male hospital staff in regard to the training and management of the nurses, and this is now the recognized English system under whose influence the movement for educated nurses has during the last 50 years proceeded apace.

Imagem 77- Fragmento ampliado do verbete nursing da “The Encyclopaedia Britannica”, 1922, p. 1163¹²⁰.

A autora afirma que com o reconhecimento do sistema inglês para a educação de enfermeiras e seu avanço acelerado nos últimos cinquenta anos, a enfermagem, gradualmente tornou-se uma profissão organizada. Sendo o trabalho no hospital, naquele momento, dividido em várias seções e em um grande número de escolas de formação, de forma que as enfermeiras não realizam os trabalhos administrativos sozinhas, mas fazem parte da equipe enfermeiras tutores e instrutores. Existindo também enfermeiros pós-graduados, em áreas que exigem treinamentos especiais, como doenças infecciosas, porém por outro lado, ainda haviam jovens enfermeiras que atuavam em hospitais infantis e hospitais de reabilitação, que ainda não atingiram a idade para realizar o treinamento regular (HALDANE, 1922, p. 1163).

O quadro abaixo apresenta algumas informações sobre o treinamento nas escolas de formação mais reconhecidas, aquelas em que o hospital tem mais de 100 leitos e conta com um oficial médico residente.

Quadro 7- Características das principais escolas de formação de enfermeiras	
Idade	25 anos, mas em muitos hospitais essa idade foi reduzida para 21 anos devido a dificuldade de obtenção de aprendizes mais velhos
Tempo de formação	3 a 4 anos
Moradia	Geralmente ocupam casas no âmbito do hospital, mas há um movimento para que ela viva fora do hospital
Remuneração	De £50 a £55 para suster ou enfermeira-chefe
Pós-graduação	Existe ensino de pós-graduação nas melhores escolas.

Fonte: Verbetes nursing da “The Encyclopaedia Britannica”, 1922, Vol XXXI, p. 1163.

¹²⁰ Enfermagem – Reino Unido - O movimento de enfermagem moderna se desenvolveu a partir da introdução de um novo tipo de mulher. Um dos pontos principais da organização Florence Nightingale's foi que a matron do hospital deve ter completa autoridade em relação à sua própria esfera e não estar sob a direção do hospital masculino no que se refere à formação e gestão das enfermeiras, e agora o sistema inglês é reconhecido sob a influência cuja movimento para enfermeiros educados durante os últimos 50 anos prosseguiu em ritmo acelerado.

Segundo a autora a enfermagem na Inglaterra, no período, se dividia em seis áreas especializadas de atuação, além da hospitalar. O Quadro 8 apresenta todas elas.

Quadro 8 - Áreas especializadas de atuação da enfermagem e suas características na Inglaterra, 1922	
District Nurse	Se uma enfermeira na Inglaterra decide atuar nessa área, ela tem que ter concluído sua formação e ter treinamento em distritos e assim ter registro no Queen's Nurses ¹²¹ . Essas enfermeiras têm suporte e controle local, mas supervisionados pelo "quartel-general" ¹²² onde são treinadas. É aconselhável que as "district nurses" tenham um certificado do Conselho Central de Parteiras, pois frequentemente são empregados para trabalhar com crianças.
Enfermeiras de Saúde Pública	O ramo tem se desenvolvido desde 1910. Na Grã-Bretanha um grande número de enfermeiras estão empregadas para atuar no bem-estar das crianças e visitar tuberculosos. Também atuam em áreas como trabalho de bem-estar industrial e em hospitais de isolamento e febre ¹²³ , porém para trabalhar nesse último é necessário realizar um treinamento antes. O curso inteiro para treinamento em Febre tinha duração de 3 anos e era oferecido em muitas "Poor Laws infirmaries" reconhecidas como escolas de formação.
Enfermeiras Particulares	Essa área de atuação tem crescido muito ao longo dos anos na Inglaterra. Geralmente essas enfermeiras são ligadas à um hospital ou instituição, sendo poucas as que trabalham de maneira independente, mas muitas pertencem a uma "cooperation" que possui uma base para qual enfermeira retorna quando completa o caso e para qual elas contribuem com uma porcentagem de seus ganhos
Enfermeiras Psiquiátricas	O treinamento é realizado, geralmente, em instituições para tratamento de desordens mentais, onde as candidatas servem por 3 anos. Ao final do curso recebem um certificado da "Medico-Psychological Association". Nesse ramo os enfermeiros e atendentes são de ambos os sexos, apesar de pacientes do sexo masculino serem geralmente cuidados por homens, as mulheres cada vez mais têm sido utilizadas mesmo para o cuidado de homens. Alega-se que o resultado do emprego dessas mulheres tem sido satisfatório. Quando ela já tem seu certificado por um hospital geral fazem 2 anos de curso ao invés de 3 anos. O treinamento é muito completo e é feito um cuidadoso registro de qualificação, sendo o nome apagado dele em caso de delito.
Massagistas	Há uma "Chartered Society of Massage and Medical Gymnastics" que concede um diploma para as que fizeram seu curso preparatório em uma escola ou hospital reconhecido.
Parteiras e enfermeiras de maternidades	As parteiras são controladas pelo "Central Midwifery Board", em Londres, que tem jurisdição na Inglaterra e no País de Gales. No período haviam 48.600 parteiras registradas. O conselho regula a questão dos certificados, condição para admissão para o registro de parteiras como também regular o curso de formação e realização dos exames. Além de dar direções ao trabalho da parteira. Em 1910, apesar da lei existir desde 1905, entrou em operação a lei que proíbe a enfermeira que não seja certificada de atender mulheres no parto para ganho, sem a direção de um médico qualificado. A parteira atua sob uma autoridade de supervisão local.

Fonte: Verbete nursing da "The Encyclopaedia Britannica", 1922, vol. XXXI, p, 1163.

¹²¹ Atua na melhoria da a condição do doente pobre no Reino Unido

¹²² headquarters

¹²³ Fever Hospital hospitais para tratamento de doenças infecciosas

Quanto à organização das enfermeiras, foi criado em 1888 a “British Nurse’s Association” sob a presidência da Princesa Christian, com objetivo de estabelecer o mínimo de formação e evitar que mulheres inexperientes reivindicassem a posição de treinadas. Em 1916, foi criado o “College of Nursing”, projetado para dar forma à um centro para todas as atividades de enfermagem e para direcionar o ensino de enfermagem na linha adequada, tendo ele filial em todo o Reino Unido, possuindo 20.000 membros em 1921. Em 1919, foi estabelecido o “General Nursing Council” para a Inglaterra e País de Gales e outro para a Escócia, que prevê três registros suplementares, para enfermeiros do sexo masculino, mental e crianças doentes, assim com registro geral. Ele regula também as admissões e remoção dos nomes no registro, bem como a formação de enfermeiros (HALDANE, 1922, p. 1164).

Sobre a conexão das escolas de enfermagem com universidades na Grã-Bretanha, a autora afirma que:

it never had before. So far there has not been much connexion between the nurses' training schools and the universities in Great Britain, though this is being discussed, and in 1921 the university of Leeds decided to grant a university diploma in nursing.

Imagem 78 - Fragmento ampliado do verbete “nursing” da “The Encyclopaedia Britannica”, Vol XXXI, 1922, p.1164¹²⁴.

Após falar sobre a organização da enfermagem no Reino Unido, trouxe algumas observações sobre o status da enfermagem nos Estados Unidos da América, onde a profissão teve um rápido desenvolvimento entre 1910-1921. Como podemos ver no fragmento abaixo, ela atribui esse fato o aumento no interesse pela prevenção de doenças e promoção da saúde, a guerra, a epidemia de gripe e os esforços organizados das próprias enfermeiras. O que fez com que o número de enfermeiras treinadas aumentasse.

¹²⁴ Até agora não tem havido muita conexão entre as escolas de formação de enfermeiros e as universidades na Grã-Bretanha, embora isto venha sendo discutido, e em 1921, a Universidade de Leeds decidiu conceder um diploma universitário em enfermagem.

UNITED STATES

Increased interest in preventing disease and promoting health; the war; the influenza epidemics; the organized efforts of the nurses themselves; all contributed to the rapid development of nursing in the United States in the years 1910-21. The number of trained nurses has greatly increased; they have done good service in positions of many new kinds; standards of training have been raised and opportunities multiplied.

Imagem 79 - fragmento ampliado do verbete "nursing" da "The Encyclopaedia Britannica", Vol XXXI, 1922, p.1164¹²⁵.

Os padrões na formação das enfermeiras foram elevados e por volta de 1920 cerca de 1.600 escolas de formação de enfermeiras credenciadas foram anexadas à hospitais, tendo pelo menos 120.000 enfermeiras, que segundo as leis dos seus respectivos estados, tinham direito em utilizar a denominação "R.N.", que significa Registered Nurse (HALDANE, 1922, p.1165).

A exigência usual para admissão para as escolas de treinamento em enfermagem era ter completado um ano do ensino médio ou equivalente. Para incentivar a preparação de garotas mais maduras e melhor educadas, muitas universidades, iniciando em 1909 com a universidade de Minnesota, estabeleceram escolas de enfermagem como parte do currículo. E, em 1920, dez instituições ofereciam para as graduadas das escolas secundárias um curso de cinco anos, combinando o Bacharelado com o treinamento específico da enfermagem (HALDANE, 1922, p. 1165).

As enfermeiras treinadas eram classificadas em 1920, de acordo com o tipo de trabalho, em três grupos. Primeiro, os que assistiam pacientes particulares; segundo, aquelas ligadas a hospitais ou outras instituições, para serviço à pacientes na instituição; e, terceiro Enfermeiras de saúde pública. Abaixo foi montado um quadro com as informações de cada área.

¹²⁵ Aumentou o interesse na prevenção de doenças e promoção da saúde; a guerra; as epidemias de gripe; os esforços organizados de enfermeiros; tudo contribuiu para o rápido desenvolvimento de enfermagem nos Estados Unidos nos anos 1910-21. Aumentou muito o número de enfermeiras treinadas; Eles fizeram um bom serviço em relação a novas áreas; padrões de treinamento foram elevados e oportunidades multiplicaram.

Quadro 9- Três grandes áreas de atuação da enfermagem nos EUA	
Enfermagem particular	Seus serviços já não eram mais vistos como um luxo, sendo reconhecido cada vez mais como uma necessidade em caso de doença grave em famílias de classe média
Enfermagem hospitalar	O aumento do número da previsão de doentes nos hospitais fez com que aumentasse o número de vagas para enfermeiros. E com os avanços nos métodos de tratamento, fez com que fossem criadas novas especializações, entre elas: eletroterapia, hidroterapia, massagem, terapia ocupacional, doenças mentais, cuidados a criança, tuberculose entre outras
Enfermagem de saúde pública	O termo enfermagem de saúde pública, abrange todas as formas de enfermagem pela qual a ação social se empenha por promover a saúde. Ela compreende o atual cuidado ao doente, mas é geralmente um serviço educacional e preventivo, estendendo para os membros da família do paciente e projetada para melhorar sua saúde geral.

Fonte: Verbetes nursing da “The Encyclopaedia Britannica”, 1922, vol. XXXI, p, 1165.

A enfermagem de saúde pública inclui subdivisões. As principais são, a enfermagem distrital ou visitadora, a enfermagem industrial, o serviço de enfermagem para segurados e a enfermagem em escolas públicas. Entre as outras especialidades em enfermagem de saúde pública estão: os cuidados domiciliares à pacientes com tuberculose, pré-natal e maternidade, bem-estar da criança e infantil, doenças mentais, venéreas e contagiosas (HALDANE, 1922, p.1165).

Sobre a enfermeira especial para tuberculose, que seria um ramo especializado das enfermeiras visitadoras, afirma que:

contagious disease in departments of health. The special nurse for tuberculosis, appearing with the anti-tuberculosis movement early in the present century, is coming to be the general guardian of the health of all members of the household into which she goes, and this is more or less true of other specialized visiting nurses. The develop-

Imagem 80 - fragmento ampliado do verbete “nursing” na “The Encyclopaedia Britannica”, Vol XXXI, 1922, p.1164¹²⁶.

O reconhecimento da importância do papel da enfermeira de saúde pública para a população, fez com que aumentasse numericamente os profissionais

¹²⁶ A enfermeira especial para tuberculose, aparecendo com o movimento anti-tuberculose no início do século presente, vem para ser a guardiã geral da saúde de todos os membros da família que ela for, e isso é mais ou menos a realidade de outras enfermeiras visitadoras especializadas.

especializados nessa área. Eram 130 em 1890, passando para 1.413 em 1909, 6.019 em 1916 e chegando a 11.000 em 1921 (HALDANE, 1922, p. 1165).

A análise das edições da “The Encyclopaedia Britannica”, auxiliou tanto na compreensão do contexto relacionado ao campo da enfermagem, quanto à mudança relacionada às atribuições e obrigações do enfermeiro ao longo dos anos. Mostrando que as demandas vindas da sociedade e da ciência ditavam os caminhos a serem seguidos pela profissão. Conseqüentemente, o cuidado de enfermagem, junto aos movimentos da profissão, se altera/ajusta englobando novos atributos exigidos pelos novos cenários de prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi durante o século XIX, sobretudo na Inglaterra, no bojo do processo de modernização impulsionado pela industrialização, das transformações profundas que influenciavam diretamente os modos de vida e trabalho da sociedade e do rápido desenvolvimento da ciência, que ocorreram mudanças que alteraram os rumos da mulher, da enfermagem, e em especial, do conceito que futuramente denominou-se cuidado de enfermagem.

A reconstrução histórica do conceito de cuidado de enfermagem mediante análise do livro “Notes on Nursing: What it is, and what it is not”, dos dicionários, tanto de língua inglesa “An American Dictionary of the English Language” quanto o de medicina “A Dictionary of Medicine”, e da “The Encyclopaedia Britannica”, permitiu a clarificação das circunstâncias intencionais contemporânea ao conceito e nos proporcionou um entendimento preciso dos seus variados significados, conteúdos, importância, das transformações sofridas e da disputa envolvida.

Com a análise do termo “nurse” em diferentes edições do “An American Dictionary of the English Language” ficou evidenciado a existência de diversas camadas temporais, mostrando que o conceito tem uma estrutura temporal complexa. Na qual as propriedades do cuidado atribuído à palavra enfermeiro(a) se alteram de acordo com o momento de sua utilização, o que deixa claro o caráter dinâmico do conceito.

Ao longo do período estudado observou-se que o cuidado descrito no interior do termo “nurse”, mediante tensão realizada pelo contexto, o levou a um processo de ajuste, fazendo com que o conceito recebesse novos significados.

Constatou-se através tanto da análise do “An American Dictionary of the English Language” quanto da “Encyclopaedia Britannica” que, inicialmente, na década de 1840 a palavra “nurse” era designada, principalmente, para assistência e cuidado à criança através de ações, que poderiam ser realizadas pela própria mãe ou outra mulher contratada para tal. Entre as ações estavam, amamentar, alimentar/nutrir e educar, evidenciando um cuidado de caráter materno. Porém, a palavra também agregava outro significado, o de pessoa, homem ou mulher, que cuida de doentes.

Anos depois, a influência e repercussão da experiência de Florence, que deram novos rumos para enfermagem, acaba exercendo novamente uma tensão sobre o conceito. Acarretando, em 1865, em sua modificação no que diz respeito ao gênero da pessoa cuidava de doentes. Trazendo nesse momento a mulher como pessoa mais adequada para a realização dessa atividade.

Esse conceito só vem sofrer outra alteração significativa, no que tange à enfermagem, em 1934, quando sobre influência das adaptações sofridas pelo modelo nightingaleano nos Estados Unidos da América, fazem com que fosse agregado ao seu significado a questão profissional. Definindo enfermeiro como sendo pessoa, independente de sexo, treinada para cuidar de doentes feridos ou enfermos.

Durante o período Vitoriano a sociedade era extremamente machista e a mulher via-se, sobretudo, limitada ao papel de funcionária do lar e com poucas oportunidades no mercado de trabalho. Foi nesse cenário que Florence Nightingale ganhou destaque. Mulher detentora de grande capital cultural e científico, propôs um novo conceito de enfermagem, pois acreditava que seu espaço de experiência já não lhe oferecia informações suficientes para conceituar o que ela acreditava ser verdadeiramente a enfermagem, indicando então uma nova articulação entre o passado e o presente.

Para isso, alicerçou a prática da enfermagem nos princípios básicos (ventilação, silêncio, alimentação, iluminação, limpeza do ambiente, pessoal e do paciente e a observação), especialmente, nas leis sanitárias, e escolheu a mulher, para ser o pilar do seu modelo e desempenhar a função de enfermeira, mediante formação em escolas próprias.

A partir da análise dos documentos utilizados na presente investigação, contatou-se que Florence trouxe uma nova concepção do que seria necessário para que uma mulher fosse enfermeira. Entre outras coisas, ela deveria conhecer as leis sanitárias, ter organização, liderança e saber observar. Essas características só poderiam ser alcançadas através de uma formação teórica e prática em escolas próprias, dando um passo importante no sentido da profissionalização da enfermagem.

Sobre a formação em enfermagem, observou-se na análise do “The Dictionary of Medicine”, que ela serviria para ensinar a enfermeira não apenas o que deveria ser feito, mas como deve ser feito e porque fazê-lo. Permitindo à enfermeira,

executar de maneira correta e com plena consciência as ordens do médico. Destacando-se nessa formação a observação crítica do paciente e um rígido treinamento moral e disciplinar das enfermeiras, características que contribuiriam para obediência aos médicos. Esta que após análise dos discursos de Florence, no presente estudo, entendo ser irrestrita.

Outro ponto a ser destacado, é a quem o livro “Notes on Nursing” era destinado. Conforme observado durante a análise, ele não era destinado à instrução de enfermeiras, do modo como entendemos a palavra atualmente, mas sim toda e qualquer mulher que tem a seu cargo a saúde de alguém. De maneira que, os cuidados descritos no livro não podem ser entendidos como específicos, ou exclusivos, da disciplina Enfermagem, mas de todas as pessoas que tenham sob sua responsabilidade a saúde de outrem.

Isso porque, como evidenciado na análise do livro, à época, enfermeira era qualquer pessoa responsável pela saúde de alguém, podendo ser essa pessoa, amadora ou profissional. Porém, cabe destacar que, Florence designa em seu livro como sendo profissional a pessoa contratada para exercer tal função e não uma pessoa com formação profissional, o que deixa mais claro a lacuna existente nessa prática.

Apesar desse fato, não podemos descartar que alguns atributos do cuidado ou deveres da enfermagem descritos por Florence nos documentos analisados, subsistiram ao longo do tempo e até hoje, são necessários para que um enfermeiro possa desempenhar sua função de maneira adequada. Entre eles, podemos citar a observação, a continuidade da assistência e a lavagem das mãos.

Porém, por outro lado alguns cuidados, ao longo dos anos, acabaram sendo delegados a outros agentes ou foram suprimidos por conta do avanço científico, tecnológico e de novas técnicas, evidenciando mais uma vez a dinâmica histórica do conceito, confirmando que ele não é estático. Entre os cuidados de enfermagem que se perderam estão, a realização direta de serviços de limpeza de ambiente, como lavagem de paredes e pisos, seleção do tipo da dieta e seu eventual preparo e, especialmente, prescrição de medidas de conforto e alívio ao paciente, como por exemplo aquecer o paciente, que também estavam sob a judice do médico.

A enfermagem é definida por Florence não como o cuidado à indivíduos de todas as idades, como atualmente, mas sim uma arte, que envolve ajudar o paciente a viver, mediante o favorecimento do processo reparativo instituído pela natureza.

Para executar a arte da enfermagem, da mesma maneira que toda a arte, se faz necessário habilidade e destreza, ou seja, organização prática. Entretanto, não é apenas um ofício puramente manual, que utiliza apenas as mãos, mas emprega também a mente. Sendo necessário para exercer a profissão de forma crítica e reflexiva, o que demanda uma formação científica.

A palavra cuidado empregada por Florence em seus escritos, não denotava a função principal do enfermeiro ou seu objeto de trabalho e estudo, como atualmente é entendida e utilizada por pesquisadores da área, mas sim um adjetivo de distinção entre o que era ser uma boa ou má enfermeira – enfermeira cuidadosa e enfermeira descuidada.

Além do mais, o termo cuidado de enfermagem (nursing care) não foi encontrado em nenhuma das obras analisadas no presente estudo, que compreendeu o período de 1860 – 1922, apesar de serem identificados nesse período atributos que atualmente estão presentes no conceito e assim entendidos como cuidados de enfermagem.

Constatamos que apesar do cuidado proposto por Florence não ter conotação religiosa e que os serviços de enfermagem não deveriam ficar nas mãos de ordens de religiosas, o seu discurso é permeado de atributos religiosos. Entre eles podemos citar o aspecto vocacional da enfermeira, devendo ela ter o “chamado” da profissão, a utilização do título de “sister” para designar a enfermeira, perpetuado uma antiga associação conforme evidenciado na edição de 1911 da “The Encyclopaedia Britannica”, e, sobretudo, pelas características que ela afirma serem necessárias para ser uma enfermeira, que no “The Dictionary of Medicine”, fazendo alusão ao sermão da montanha.

Esses vestígios dos aspectos religiosos evidencia o paradoxo no discurso de Florence, que apesar de criar uma escola e de dar cientificidade à enfermagem, ainda tem implícito nele, o aspecto vocacional ou chamado divino para exercer a profissão.

Frente ao exposto, acredito que apesar de Florence ser consagrada como a fundadora da enfermagem moderna, o profissionalismo da enfermagem surge após o modelo nightingaleano cruzar o oceano e sofrer adaptações nos Estados Unidos da América, onde seu ensino vai rumo às universidades e afasta toda a ideia vocacional e submissão.

Dessa forma, as evidências nos conduzem para a confirmação da hipótese de que alguns dos significados e atributos, que posteriormente dariam origem conceito de cuidado de enfermagem, tem suas bases alicerçadas nos escritos de Florence Nightingale. Porém, o “cuidado de enfermagem” como objeto de estudo da profissão, bem como a forma com que o termo vem sendo utilizado e reproduzido na atualidade, surge em um período posterior à experiência de Florence Nightingale.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo. Martins Fontes, 2007.

ALVES I.M. Polissemia e homonímia em uma perspectiva terminológica. **Alfa**, São Paulo, 44: 261-272, 2000.

ANGELIN, P. E. Profissionalismo e profissão: teorias sociológicas e o processo de profissionalização no Brasil. **REDD – Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, v. 3, n. 1, jul./dez. 2010.

ARAUJO, V. História dos conceitos: problemas e desafios para uma releitura da modernidade ibérica. **Almanack brasiliense**, 2008.

BARROS, J. A. Koselleck, a História dos conceitos, e as Temporalidades. **Revista Litteris**, Março, n. 7, 2011.

BARZUN, J. **Da alvorada a decadência: A história da cultura Ocidental de 1500 aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2002.

BIDERMAN, M. A ciência da lexicografia. **Alfa**, São Paulo, 28 (supl.), p.1-26,1984.

BOAG, J. **The imperial lexicon of the English language: exhibiting the pronunciation, etymology, and explanation of every word usually employed in science, literature, and art**. Edinburgh: A. Fullarton & Company. v. II, 1953.

BOFF, L. O cuidado essencial: princípio de um novo ethos. **Inclusão Social**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 28-35, out./mar., 2005.

BOUSSO, R; POLES,K; CRUZ, D. Conceitos e teorias na enfermagem. **Rev Esc Enferm USP**. 2014; 48(1): 144-148.

BRAGA, C.; CRUZ, D. M. Sentimento de impotência: diferenciação de outros diagnósticos e conceitos. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 39, n. 3, set. 2005.

BRESCIANI, M.. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BRILOWSKI, G; WENDLER. Na evolutionary concept analysis of caring. **Journal of Advanced Nursing**. 2005; 50(6);641-650.

CARR, E. H. **Vinte Anos de Crise: 1919-1939: uma introdução ao estudo das relações internacionais**. Trad. Luiz Alberto Figueiredo Machado. Brasília: Editora UnB, 2001.

CARVALHO, T. R. **A Era Vitoriana**. 11 julho de 2014. Disponível em: <http://cafe-musain.blogspot.com.br/2014/07/o-progresso-tecnologico-revolucao.html>. Acesso em 6 julho de 2015.

CARVALHO, V. Por uma epistemologia do cuidado de enfermagem e a formação dos sujeitos do conhecimento na área de enfermagem – do ângulo de uma visão filosófica. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm**. 2009 abr-jun; 13 (2): 406-14.

CARVALHO, V. Cuidando, pesquisando e ensinando: acerca de significados e implicações da prática da enfermagem. **Rev. Latino-Am. Enfermagem** [online]. 2004, vol.12, n.5, pp. 806-815. ISSN 0104-1169.

CHAUMONT. F. Hospital. In: **The Encyclopaedia Britannica: a dictionary of arts, sciences and general literature**. 9th ed. New York: Charles Scribner's Sons, 1881. v. XII, p. 305.

CHIGNOLA, S. História dos Conceitos e História da Filosofia Política. In: JASMIN, Marcelo; FERES Jr., João (orgs.). **História dos Conceitos: diálogos transatlânticos**. Rio de Janeiro: PUC, 2007, p.45-57.

CUNHA, A. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro; Lexicon,2010.

DE OLIVEIRA V.L., SCHUBERT BACKES V.M., COELHO M.I., DE CEZAR M.R. Evolução do conhecimento científico na enfermagem: do cuidado popular à construção de teorias. **Invest Educ Enferm**. 2007; 25(2): 108-115.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: 1992.

DUARTE, J. de A. Tempo e crise na teoria da modernidade de Reinhart Koselleck. **História da Historiografia**, n. 8; abr. 2012: 70-90.

DUCATTI I. A formação da saúde pública e o mundo do trabalho: conjugação necessária ao capital. **Verinotio Revista Online**, n. 12, v. VI, p. 120-129, out. 2010.

ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Global, 1985.

FARIA, D. **Noção de Conceito**. Out. 2009. Acesso em 20 de abril de 2015. Disponível em: <http://blog.domingosfaria.net/2009/08/nocao-de-conceito.html>

FARIAS, E. M. P. Uma breve história do fazer lexicográfico. **Revista Trama** - Volume 3 - Número 5 - 1º Semestre de 2007 - p. 89-98.

FAWCETT J. **The relationship of theory and research**. Philadelphia: F. Davis; 1999.

FREIDSON, E. Para uma análise comparativa das profissões: a institucionalização do discurso e do conhecimento formais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, n.31, ano 11, p.141-154, jun. 1996.

FREITAS, M.C.; MENDES, M. Condição crônica: análise do conceito no contexto da saúde do adulto. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, [S.l.], v. 15, n. 4, p. 590-597, ago. 2007. ISSN 1518-8345.

GAY, P. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud. A educação dos sentidos**. São Paulo: Companhia das Letras; 1989.

GOMES, V. Visões de história: Begriffsgeschichte e contextualismo lingüístico. **Rev. Dir. UniFOA - Volta Redonda** - v.3 n.3 - p11-22 - nov. 2008.

HALDANE, E. Nursing. In: **The Encyclopædia Britannica: a dictionary of arts, sciences and general literature**. 12th ed.; London, The Encyclopædia Britannica Company, Ltd., 1922. v. XXXI, p.1163-1165.

HEIDEGGER M. **Ser e tempo**. 11ª ed. Petrópolis:vozes, 2001.

HENDERSON V. **Princípios básicos sobre cuidados de enfermagem**. Brasília (DF): Cortez; 1988.

HUGHES, K. **The Victorian Governess**. Hambledon Press: London, 1993.

JASMIN, M. G. & FERES JUNIOR, J. História dos conceitos: dois momentos de um encontro intelectual. In: **História dos conceitos: Debates e Perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio: Edições Loyola: IUPERJ, 2006.

JASMIN, M. G. História dos Conceitos e Teoria Política e Social: Referências Preliminares. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, fevereiro, ano/vol. 20, nº 057, p.27-38.

JOANN E. T., **non-traditional nursing students' perceived ability to form caring relationships** Tese de doutorado. Indiana University of Pennsylvania August 2011 disponível em: <https://dspace.iup.edu/bitstream/handle/2069/415/JoAnn%20Evanko%20Thislethwaite.pdf?sequence=1>

KANT, I. **Crítica da razão pura**. Trad. Valério Rohden e Udo B. Moosburger. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção os pensadores)

KOSELLECK, R. **Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto (PUC-Rio), 2006b.

KOSELLECK, R. Uma História dos Conceitos: problemas teóricos e práticos. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p.134-146.

KOSELLECK, R. Uma resposta aos comentários sobre o *Geschichtliche Grundbegriffe*. In: **História dos conceitos: Debates e Perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio: Edições Loyola: IUPERJ, 2006 a.

KRIEGER, M da G.; MÜLLER, A. F.; GARCIA, A.R.; BATISTA, R.P. o século XX, cenário dos dicionários fundadores da lexicografia brasileira: relações com a identidade do português do Brasil. **Alfa**, São Paulo, 50 (2): 173-187, 2006.

LANDAU, S. I. **Dictionaries: the art and craft of lexicography** – 2ª edição Cambridge University Press, 2001.

LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LEOPARDI, M.T.; GLEBCKE, F. L.; RAMOS, F. R. S. Cuidado: objeto de trabalho ou objeto epistemológico da Enfermagem?. **Texto & Contexto Enferm.**, Florianópolis, v.10, n.1, p.32-49, jan./abr. 2001.

LOPES M.S.V., SARAIVA K.R.O., FERNANDES A.F.C., XIMENES L.B. Análise do conceito de promoção da saúde. **Texto & contexto enferm.** [Internet]. 2010;19(3):461-8.

MARTINS, G. de A. Sobre conceitos, definições e constructos nas ciências administrativas. Gestão e regionalidade. **Universidade Municipal de são Caetano do Sul**, v. 21, n. 65, 2005.

MENDONÇA N. **O uso dos conceitos: uma questão de interdisciplinaridade**. Petrópolis: Vozes; 1994.

MONTEIRO, C. et al. Fenomenologia heideggeriana e sua possibilidade na construção de estudos de Enfermagem. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro , v. 10, n. 2, p. 297-301, Aug. 2006 .

MONTEIRO, M. "Figuras Errantes na Época Vitoriana: A Preceptora, a Prostituta e a Louca". **Revista Fragmentos**, V. 8, No I, Jul.-Dez., 1998.

MORAIS, F.D.C. **A Evolução da modernidade na filosofia e na literatura Vitoriana como tradução moralizante no ensino de uma época**. Campinas, 1999. 145 p. Dissertação de mestrado (Filosofia e História da Educação) – UNICAMP– Universidade Estadual de Campinas.

MORAIS, F. C. **Literatura Vitoriana e Educação Moralizante**. São Paulo: Alínea, 2004.

NIGHTINGALE, F. **Notes on Nursing: What it is, And What it is Not**. New York: D. Appleton and Company, 346 & 348 Broadway, 1860.

_____. Nurses: Training of. In QUAIN, R. **A Dictionary of Medicine**. 8ª ed. New York: D. Appleton, 1884: 1038-1043 a.

_____. Nursing the Sick. In QUAIN, R. **A Dictionary of Medicine**. 8^a ed. New York: D. Appleton, 1884: 1043-1049 b.

_____. Nursing the Sick. In H. Montague Murray, John Harold & W. Cecil Bosanquet (eds) **Quain's Dictionary of Medicine By Various Writers**, 3rd ed. London: Longmans, Green, & Co., 1902: 1097-1102.

NURSE. In: WEBSTER, N. **An American Dictionary of the English Language**. New York, White & Sheffield 1841, p.563.

NURSE. In: _____. **An American Dictionary of the English Language**. Rev. ed.; New York: Harper & Brothers, 1845.

NURSE. In: _____. **An American Dictionary of the English Language**. Rev. ed.; New York: Harper, 1846.

NURSE. In: _____. **An American Dictionary of the English Language**. Rev. ed. / Revised and enlarged by Chauncey A. Goodrich. New York: Harper & Brothers, 1848.

NURSE. In: _____. **An American Dictionary of the English Language**. New York: Harper & brothers, 1852.

NURSE. In: _____. **An American Dictionary of the English Language**. New York: Harper & brothers, 1854.

NURSE. In: _____. **An American Dictionary of the English Language**. Springfield: George and Charles Merriam, 1861.

NURSE. In: _____. **An American Dictionary of the English Language**. Springfield: George and Charles Merriam, 1865.

NURSE. In: _____. **An American Dictionary of the English Language**. Springfield: G & C Merriam, 1879.

NURSE. In: **Webster's International Dictionary of the English Language**. Springfield: G & C Merriam Company, 1895. v. II

NURSE. In: **Webster's New International Dictionary of the English Language**. 2nd ed., unabridged. Springfield, Mass.: G. & C. Merriam, 1958. v.II.

THE ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Nurse. In: **The Encyclopædia Britannica: a dictionary of arts, sciences and general literature**. 11th ed.; Cambridge, Cambridge University Press, 1911. v. XIX, p. 914a.

THE ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Nursing. In: **The Encyclopædia Britannica: a dictionary of arts, sciences and general literature**. 11th ed.; Cambridge, Cambridge University Press, 1911. v. XIX, p. 914 – 917b.

THE ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Nursing of children. In: **The Encyclopaedia britannica: or, Dictionary of arts, sciences, and general literature**. 7th ed. Edinburgh: A. and C. Black. 1842. v. XVI, p. 310-311.

OGUISSO, T. Florence Nightingale In: OGUISSO, T. (Org.). **Trajetória Histórica da Enfermagem**. 1^aed. São Paulo: Editora Manole Ltda, 2014.

OLIVEIRA, M.; CARRARO, T. Cuidado em Heidegger: uma possibilidade ontológica para a enfermagem. **Rev. bras. enferm.**, Brasília , v. 64, n. 2, p. 376-380, Apr. 2011 .

OGILVIE, J. **The imperial dictionary: English, technological, and scientific**. London: Blackie and Son, 1861. v. II.

PALEY J. How not to clarify concepts in nursing. **J Adv Nurs**. 1996;24(3):572-8.

PEREIRA, L. R. **A História e “o Diálogo que Somos”. A Historiografia de Reinhart Koselleck e a Hermenêutica de Hans-Georg Gadamer**. Rio de Janeiro, 2004. 93p. Dissertação – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

PEREIRA, M. D. O. Revistas inglesas como possibilidade de divulgação da literatura com ênfase nos romances de Sherlock Holmes de Arthur Conan Doyle no fim do século XIX e começo do século XX. **Rev. História Helikon**, Curitiba, v.1, n.1, p.02-17, 1^o semestre/2014

PINTO, M. A Industrialização e as Tecnologias Domésticas Do Século XIX. **Revista Belas Artes** [online]. n. 15, mai/ago, 2014.

RIBEIRO, H. Saúde Pública e meio ambiente: evolução do conhecimento e da prática, alguns aspectos éticos. **Saude soc.**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 70-80, Apr. 2004 .

ROCHA, J. Acerca do saber e da prática de enfermagem. **Cadernos de Saúde pública**, R.J., 2 (3): 297- 303, jul/set, 1986.

RODGERS B.L. Philosophical foundations of concept development. In: Rodgers BL, Knafl KA. **Concept development in nursing – foundations, techniques, and applications**. 2nd ed. Philadelphia: Saunders; 2000, p. 7-37.

SEBASTIÁN, J. “Intellectual History, Liberty and Republicanism: An Interview with Quentin Skinner”. **Contributions to the History of Concepts**, 3 (2007) 103-123.

SILVA, A. L. R. A nova ordem europeia no século XIX: os efeitos da dupla revolução na história contemporânea. **Ciências & Letras**, Porto Alegre, n. 47, p. 11-24, jan/jun. 2010.

SILVA, C.R; CARVALHO, V. FIGUEIREDO N. Aspectos epistemológicos do cuidado e conforto como objetos de conhecimento em enfermagem. **Cogitare Enferm** 2009 Out/Dez; 14(4):769-72.

SOARES, F. **As classes subalternas de Londres no século XIX: Miseráveis, operários, criminosos e prostitutas**. Disponível em: http://www.historia.uff.br/nec/sites/default/files/As_classes_subalternas_de_londres.pdf. Acesso em 14 de julho de 2015.

SOUZA, M.de L. et al. O Cuidado em Enfermagem: uma aproximação teórica. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis , v. 14, n. 2, p. 266-270, June 2005 .

SPECK, W. A. **História Concisa da Grã-Bretanha: 1707-1975**. 1ª ed. São Paulo: EDIPRO, 2013.

STEVENS, C. M.T. A operária no romance inglês e estadunidense do século XIX. Cerrados: **revista do programa de pós-graduação em literatura**, Brasília, ano 11, n. 12, p. 9-24. 2002.

TOFTHAGEN, R. AND FAGERSTRØM, L. M. (2010), Rodgers' evolutionary concept analysis – a valid method for developing knowledge in nursing science.

Scandinavian Journal of Caring Sciences, 24: 21–31. doi: 10.1111/j.1471-6712,2010.

VAN HOOFF, H. Histoire des dictionnaires techniques. In: SCHAETZEN , C. de. **Terminologie diachronique**. Paris: Conseil International de la Langue Française, Bruxelles: Service de la Langue Française, 1989. p.23-37.

WALKER L., AVANT K.. Concept analysis. In: Walker LO, Avant KC, editors. **Strategies for theory construction in nursing**. 3rd ed. Connecticut: Appleton and Lange; 1995. p. 37-54.

WATSON J. **Nursing: the philosophy and science of caring**. Boston: Little Brown; 1979.

WATSON, J. Caring as the essence and Science of Nursing and Health care. **O Mundo da saúde São Paulo**. 2009; 33(2): 143-149.

WILSON J. **Thinking with Concept**. 1963, Cambridge University press, Cambridge.

ZILES, U. Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl. **Rev. abordagem gestalt**.2007, vol.13, n., pp. 216-221.

ANEXO A - Definição de "Art" no An American Dictionary of the English Language 1861.

ARR

4. To hinder or restrain; as, to arrest the course of justice.
AR-REST', n. The taking or apprehending of a person by virtue of a warrant from authority.
2. Any seizure, or taking by power, physical or moral.
3. A stop, hindrance, or restraint.
4. In law, an arrest of judgment is the staying or stopping of a judgment after verdict, for causes assigned.
AR-REST'ION, n. The act of arresting; an arrest, or seizure.
AR-REST'ED, pp. Seized; apprehended; stopped; hindered; restrained.
AR-REST'ER, n. One who arrests. In Scots law, AR-REST'OR, the person at whose suit an arrestment is made.
AR-REST'ING, ppr. Seizing; staying; hindering; restraining.
AR-REST'MENT, n. A term, in Scots law, applied to persons or things.
AR-RET', v. t. To assign; to allot.
AR-RIDE', v. t. To laugh at; to please well.
AR-RIÈRE', (ar-reeer') n.
AR-RIS, n.
AR-RIS'ION, (ar-rizh'un) n.
AR-RIV'AL, n.
AR-RIV'ANCE, n.
AR-RIVE', v. i.

ARR

rive, the shore or sloping bank of a river; Sp. ribera; L. ripa; Sans. ariva.
AR-RIVE', v. t. To reach.
AR-RIV'ING, ppr. Coming to or reaching; by water or land; gaining by research, effort, or study.
AR-RO-GANCE, n.
AR-RO-GANT, a.
AR-RO-GANT-LY, adv.
AR-RO-GANT-NESS, n.
AR-RO-GATE, v. t.
AR-RO-GATE-TED, pp.
AR-RO-GATING, ppr.
AR-RO-GATION, n.
AR-RO-GATIVE, a.
AR-ROUN'D-DISSE-MENT, (-mānt) n.
AR-RÖ'SION, (ar-rö'zhun) n.
AR-RÖW, n.
AR-RÖW-GRASS, n.
AR-RÖW-HEAD, (-hed) n.
AR-RÖW-HEAD'ED, (-hed'ed) a.
AR-RÖW-ROOT, n.

ART

AR-RÖW-SHAP'ED, (-shāpt) a.
AR-RÖW-Y, a.
AR-SE, n.
AR-SE-NAL, n.
AR-SE-NI-ATE, n.
AR-SEN-IC, n.
AR-SEN-IC AC'ID, n.
AR-SEN-IC-AL, a.
AR-SEN-IC-ATE, v. t.
AR-SEN-IC-ATED, pp.
AR-SEN-ITE, n.
AR-SE-NI-OUS, a.
AR-SE-NI-OUS AC'ID, n.
AR-SINE, n.
AR-SIS, n.
ART, n.
ART, n.
ART, n.
ART, n.

TONE, BULL, UNITE. — AN'GER, VI'CI-IOUS. — C as K; G as J; S as Z; OH as SH; TH as in THIS.

* See Pictorial Illustrations. † See Table of Synonyms. 71

ANEXO A (continuação)

ART

arts are those in which the mind or imagination is chiefly concerned, as poetry, music, and painting.

In America, literature and the elegant arts must grow up side by side with the coarser plants of daily necessity. Irving.

3. Business or employment; as, the various arts of life. Swift.

4. Skill, dexterity, or the power of performing certain actions, acquired by experience, study, or observation; as, a man has the art of managing his business to advantage.

5. Cunning; artifice; as, "Animals practice art when opposed to their superiors in strength." Crabbe. 6. Formerly, in an academical sense, the arts, or the liberal arts, denoted the sciences and philosophy, or the circle of academical education; hence, degrees in the arts; master and bachelor of arts.

Art and part; in Scots law, a term denoting the charge of contriving a criminal design as well as of participating in the perpetration of the criminal act; said to be an abbreviation of the Latin artifex et particeps.

AR-TE-MIS/IA, n. A genus of plants of numerous species, including the plants called mugwort, southernwood, and wormwood. Of these the A. Absinthium, or common wormwood, is well known.

AR-TE-RI-AL, a. [See ARTERY.] Pertaining to an artery or the arteries; as, arterial action.

2. Contained in an artery; as, arterial blood.

Arterial blood differs from venous blood particularly by its lighter florid red color, and its greater warmth and coagulability — changes produced by the process of respiration.

AR-TE-RI-AL-I-Z-A-TION, n. The process of making arterial. Watts.

AR-TE-RI-AL-IZE, v. t. To communicate, as to venous blood, the qualities of arterial blood; to make arterial. Prout.

AR-TE-RI-AL-IZ-ED, pp. or a. Made arterial.

AR-TE-RI-AL-IZ-ING, ppr. Rendering arterial.

AR-TE-RI-OL/O-GY, n. [Gr. αρτηρια, artery, and λογος, discourse.]

A treatise or discourse on the arteries. Morin.

AR-TE-RI-OT/O-MY, n. [Gr. αρτηρια, an artery, and τομη, a cutting.]

1. The opening of an artery by a lancet, or other instrument for the purpose of letting blood.

2. That part of anatomy which treats of the dissection of the arteries.

AR-TE-RY, n. [Gr. αρτηρια, from ανα, air, and ρησια, to preserve or contain; so called, from the opinion of the ancients, that the arteries contain only air. The term was also applied to the trachea or windpipe, arteria aspera. In Ger. Luft-ader, air-vein, is the name for artery; in Dutch, slag-ader, stroke-vein; in Swed. puls-ader, pulse-vein; Dan. puls-aere, pulse-vein; that is, the beating vein.]

A term applied to the vessels or tubes which convey the blood from the heart to all parts of the body. There are two principal arteries; the aorta, which rises from the left ventricle, and ramifies through the whole body; and the pulmonary artery, which conveys the blood from the right ventricle to the lungs, to undergo respiration. An artery is composed of three coats; the outer consists of condensed cellular membrane, and is supplied with numerous blood-vessels and nerves; the middle coat consists of circular fibers, formerly supposed by some to be muscular, but now regarded as a peculiar fibrous tissue; the inner coat, thin, smooth, and dense, confines the blood within its canal, and facilitates its motion. Parr. Cyc.

AR-TE-SIAN, a. [from Artois, in France.]

Artesian wells are those which are made by boring into the earth, till the instrument reaches water, which, from internal pressure, flows spontaneously like a fountain.

ARTFUL, a. f. [See ART.]

1. Performed with art or skill. Dryden.

2. Artful, as opposed to natural. Johnson.

3. Cunning; practicing art, or stratagem; crafty; as, an artful boy. [This is the most usual sense.]

4. Proceeding from art or craft; as, an artful scheme.

ARTFUL-LY, adv. With art, or cunning; skillfully; dextrously.

ARTFUL-NESS, n. Art; craft; cunning; address.

AR-THRI/TIC, } a.

AR-THRI/TIC-AL, } a.

1. Pertaining to the joints; affecting the joints.

2. Pertaining to the gout; gouty.

AR-THRI/TIS, n. [Gr. αρθριτις, from αρθρον, a joint.]

In a general sense, any inflammation of the joints; but more particularly, the gout, an hereditary, intermitting disease, usually affecting the small joints; sometimes the stomach. Coxe. Quincy.

AR-THRO/DI-A, n. [from αρθρον, to frame or articulate.]

1. In anatomy, a species of articulation, in which the head of one bone is received into the shallow socket of another; as that of the humerus into the glenoid cavity of the scapula. Encyc.

2. In natural history, a genus of imperfect crystals,

ART

found in complex masses, and forming long single pyramids, with very short and slender columns. Encyc.

AR-THROD/IC, a. Relating to arthrodia, which see.

AR/TIC. This word is erroneously used by some authors for arctic.

AR/TI-CHOKE, n. [Qu. the first syllable of Gr. αρτικια. Fr. artichaut; Arm. artichauden; Sp. alcachofa; Port. alcachofra; It. carciofo, carciofano, or carciofalo. The first syllable is probably the L. carduus, chard, thistle, corrupted. D. artiskok; G. artischoke; Dan. artiskok.]

The Cynara Scolymus, a plant somewhat resembling a thistle, with a dilated, imbricated and prickly calyx. The head is large, rough, and scaly, on an upright stalk. It is composed of numerous oval scales, inclosing the florets, sitting on a broad receptacle, which, with the fleshy base of the scales, is the edible part of the plant. Encyc. Miller.

The Jerusalem artichoke is a species of sunflower, (Helianthus tuberosus.) This is the plant commonly called artichoke. In America. The term Jerusalem is here a corruption of the Ital. girasole, sunflower.

AR/TI-CLE, n. [L. articulus, a joint, from artus; Gr. αρτηριον.]

1. A single clause in a contract, account, system of regulations, treaty, or other writing; a particular separate charge or item in an account; a term, condition, or stipulation in a contract. In short, a distinct part of a writing, instrument, or discourse, consisting of two or more particulars; as, articles of agreement; an account consisting of many articles.

2. A point of faith; a doctrinal point or proposition in theology; as, the thirty-nine articles.

3. Comprehension; as, a soul of great article. Shak.

4. A distinct part.

Upon each article of human duty. Paley.

5. A particular commodity, or substance; as, an article of merchandise; salt is a necessary article.

In common usage, this word is applied to almost every separate substance or material.

The articles which compose the blood. Darwin.

6. A point of time. [Not in use.] Clarendon.

7. In grammar, an adjective used before nouns, to limit or define their application; as, hic, ille, ipse, in Latin; ο, ος, ος, in Greek; the, this, that, in English; le, la, les, in French; il, la, lo, in Italian. The primary use of these adjectives was to convert an indeterminate name into a determinate one; or to limit the application of a common name to a specific, known, or certain individual. But article being an improper term to express the true significance, I make use of definite, which see.

In the article of death, [L. in articulo mortis;] literally, in the moment of death; in the last struggle or agony.

Articles of war; the code or regulations for the government of the army in Great Britain, and of the army and navy in the United States.

Articles of the navy; the code or regulations for the government of the navy in Great Britain.

Lords of articles; in Scottish history, a committee of the parliament, whose business was to prepare and digest all matters that were to be laid before it, including the preparation of all bills for laws; called also lords articulators. Robertson.

AR/TI-CLE, n. t.

1. To draw up in distinct particulars; as, to articulate the errors or follies of man. Taylor.

2. To accuse or charge by an exhibition of articles. "He shall be articulated against in the High Court of Admiralty." Stat. 33 Geo. III.

3. To bind by articles of covenant or stipulation; as, to articulate an apprentice to a mechanic.

AR/TI-CLE, v. i. [Supra.] To agree by articles; to stipulate. Donne.

AR/TI-CLED, pp. Drawn up in particulars; accused or bound by articles.

AR-TIC/U-LAR, a. [L. articularis.]

Belonging to the joints; as, the gout is an articular disease.

AR-TIC/U-LAR-LY, adv. So as to sound every letter.

AR-TIC/U-LA/TA, n. pl. [L.] The name of a division of the animal kingdom, characterized by a jointed or articulated covering, consisting of a series of annulations or rings, corresponding to the internal skeleton of the vertebrated animals. This division includes the Annelida, or worms; the Crustacea, or crab-like animals; the Arachnida, or spider-like animals; and the Insecta, or proper insects.

AR-TIC/U-LATE, a. [L. articulus, jointed, distinct.]

1. Formed by jointing or articulation of the organs of speech; applied to sound. An articulate sound is made by closing and opening the organs of speech.

The junction or closing of the organs forms a joint or articulation, as in the syllables ab, ad, ap; in passing from one articulation to another, the organs are, or may be, opened, and a vowel is uttered, as in attune; and the different articulations, with the intervening vocal sounds, form what is called articulate sounds; sounds distinct, separate, and modified by articulation or jointing. This articulation con-

ART

stitutes the prominent difference between the human voice and that of brutes. Brutes open the mouth and make vocal sounds, but have either not at all, or very imperfectly, the power of articulation.

2. Clear; distinct; as, articulate pronunciation.

3. Expressed in articles, or in separate particulars. [Not used.] Bacon.

4. In natural history, jointed; formed with joints.

AR-TIC/U-LATE, v. t. To utter articulate sounds; to utter distinct syllables or words; as, to articulate distinctly.

AR-TIC/U-LATE, v. t.

1. To form into elementary sounds; to form into distinct syllables, or words; as, to articulate letters or language.

2. To draw up or write in separate particulars. [Not used.] Shak.

3. To treat, stipulate, or make terms. [Not used.] Shak. Smith.

4. To joint.

AR-TIC/U-LA-TED, pp. or a.

1. Uttered distinctly in syllables or words

2. Jointed; having joints; as a plant or animal.

AR-TIC/U-LATE-LY, adv.

1. With distinct utterance of syllables or words.

2. Article by article; in detail. Paley.

AR-TIC/U-LATE-NESS, n. The quality of being articulate.

AR-TIC/U-LA-TING, ppr. Uttering in distinct syllables or words.

AR-TIC/U-LA/TION, n.

1. In anatomy, the joining or juncture of the bones. This is of three kinds: 1st, diarthrosis, or a movable connection, including enarthrosis, or the ball and socket joint; arthrodia, which is the same, but more superficial; ginglymus, or hinge-like joint; and trochoid, or the wheel and axle: 2d, synarthrosis, immovable connection, as by suture, or junction by serrated margins; harmony, or union by straight margins; and gomphosis, like a nail driven in a board, as the teeth in their sockets: 3d, synphysis, or union by means of another substance; as synchondrosis, union by cartilage; syssarcosis, union by muscular fibers; synneurosis, union by tendons; syndesmosis, union by ligaments; and syostosis, union by a bony substance. Quincy. Coxe.

2. In botany, a term applied to the connection of the parts of a plant by joints, as in pods; also, to the nodes or joints, as in cane and maize; and to the parts intercepted between the joints. Encyc.

3. The forming of words; a distinct utterance of syllables and words by the human voice, by means of closing and opening the organs.

4. A consonant; a letter noting a jointing or closing of the organs.

AR-TI-FICE, n. [L. artificium, from ars, art, and facio, to make.]

1. Artful contrivance; an artful or ingenious device, in a good or bad sense. In a bad sense, it corresponds with trick, or fraud.

2. Art; trade; skill acquired by science or practice. [Not used.]

AR-TI-FI-CER, n. f. [L. artifex, from ars and facio.]

1. An artist; a mechanic or manufacturer; one whose occupation requires skill or knowledge of a particular kind, as a silversmith or saddler.

2. One who makes or contrives; an inventor; as, an artificer of fraud or lies. Milton.

3. A cunning or artful fellow. [Not used.] Ben Jonson.

AR-TI-FI/CIAL, (art-e-fish'al), a. Made or contrived by art, or by human skill and labor, in opposition to natural; as, artificial heat or light; an artificial magnet.

2. Feigned; fictitious; not genuine or natural; as, artificial tears.

3. Contrived with skill or art.

4. Cultivated; not indigenous; not being of spontaneous growth; as, artificial grasses. Gibbon.

Artificial arguments, in rhetoric, are arguments invented by the speaker, in distinction from laws, authorities, and the like, which are called inartificial arguments or proofs. Johnson.

Artificial lines, on a sector or scale, are lines so contrived as to represent the logarithmic sines and tangents, which, by the help of the line of numbers, solve, with tolerable exactness, questions in trigonometry, navigation, &c.

Artificial numbers; the same with logarithms. Chambers. Encyc.

AR-TI-FI/CIAL-I-TY, n. The quality of being artificial; appearance of art. Ben Jonson.

AR-TI-FI/CIAL-LY, adv. By art, or human skill and contrivance; hence, with good contrivance; with art or ingenuity.

AR-TI-FI/CIAL-NESS, n. The quality of being artificial.

AR-TIL-LE-RIST, n. A person skilled in gunnery.

AR-TIL-LE-RY, n. This word has no plural. [Fr. artillerie; It. artiglieria; Sp. artilleria. In Fr. artiller, artillery, is a matrix; Sp. artillar, to mount cannon. In Armoric, artillery is artillierie, and an artist is artillier. In Norm. Fr. artillierie is written artillarie. The Armoric unites this word with art,

Anexo B - Definição de "phsycian" no An American Dictionary of the English Language, 1861.

PHY	PIC	PIC
<p><i>moral power or influence. We suppose perpetual motion to be physically impossible.</i></p>	<p>1. The science of describing plants in a systematic manner.</p>	<p>PIC-A-ROON', n. [Fr. <i>picoreur</i>, from <i>picorer</i>, to plunder; Scot. <i>pikary</i>, rapine; from the root of <i>pick</i>, <i>peck</i>, Sp. <i>picar</i>.]</p>
<p>I am not now treating <i>physically</i> of light or colors. <i>Locke.</i></p>	<p>2. A description of plants.</p>	<p>A plunderer; a pirate. This word is not applied to highway robbery, but to pirates and plunderers of wrecks.</p>
<p>2. According to the art or rules of medicine. [Obs.] He that lives <i>physically</i>, must live miserably. <i>Cheyne.</i></p>	<p>PHYS'TO-LITE, n. [Gr. <i>φύσιον</i>, a plant, and <i>λίθος</i>, a stone.] A plant petrified, or fossil vegetable.</p>	<p>In all wars, Corsica and Majorca have been nests of <i>picaroons</i>. <i>Temple.</i></p>
<p>PHYS-I/CIAN, (fe-zish'an,) n. A person skilled in the art of healing; one whose profession is to prescribe remedies for diseases.</p>	<p>PHYS'TO-LOG/IC-AL, a. Pertaining to <i>physiology</i>; botanical.</p>	<p>PIC-A-YCONE', n. A small coin of the value of 6½ cents.</p>
<p>2. In a <i>spiritual sense</i>, one that heals moral diseases; as, a <i>physician</i> of the soul.</p>	<p>PHYS'TOL/O-GIST, n. [See <i>PHYSIOLOGY</i>.] One versed in plants, or skilled in <i>physiology</i>; a botanist.</p>	<p>PIC/CA-DIL, } n. [Probably from the root of <i>pika</i>, PIC/CA-DIL-LY, } <i>peak</i>.] A high collar, or a kind PICK'AR-DIL, } of ruff. <i>Wilson.</i></p>
<p>PHYS'I-CO-LOG/IC, n. Logic illustrated by natural philosophy.</p>	<p>PHYS'TOL/O-GY, n. [Gr. <i>φύσιον</i>, a plant, and <i>λόγος</i>, discourse.] A discourse or treatise on plants, or the doctrine of plants; description of the kinds and properties of plants; botany.</p>	<p>PIC'AGE, n. [Norm. <i>pecker</i>, to break open; from the root of <i>pick</i>, <i>peck</i>.] Money paid at fairs for breaking ground for booths.</p>
<p>PHYS'I-CO-LOG/IC-AL, a. Pertaining to <i>physiology</i>. [Little used.]</p>	<p>PHYS'TON/O-MY, n. [Gr. <i>φύσιον</i> and <i>νομός</i>.] The science of the origin and growth of plants.</p>	<p>PICK, v. t. [Sax. <i>piccan</i>; D. <i>picken</i>; G. <i>picken</i>; Dan. <i>picke</i>; Sw. <i>picca</i>; W. <i>picaw</i>, to pick or peck; Sp. <i>picar</i>; Fr. <i>picquer</i>; Gr. <i>πιεω</i> or <i>πιεωω</i>; L. <i>picco</i>. The verb may be radical, (see Class Bg. No. 61, 62, 65.) or derived from the use of the beak or any pointed instrument. It belongs to a numerous family of words, at least if connected with <i>beak</i>, <i>pika</i>, &c.]</p>
<p>PHYS'I-CO-THE-OL/O-GY, n. [<i>physic</i>, or <i>physical</i>, and <i>theology</i>.] Theology or divinity illustrated or enforced by physics or natural philosophy.</p>	<p>PHYS'TOPH'A-GOUS, a. [Gr. <i>φύσιον</i>, a plant, and <i>φαγωω</i>, to eat.] Eating, or subsisting on, plants.</p>	<p>1. To pull off or pluck with the fingers something that grows or adheres to another thing; to separate by the hand, as fruit from trees; as, to pick apples or oranges; to pick strawberries.</p>
<p>PHYS'ICS, n. In its most extensive sense, the science of nature or of natural objects, comprehending the study or knowledge of whatever exists.</p>	<p>PHYS'TO-ZO'ON, n. } [Gr. <i>φύσιον</i>, a plant, and PHYS'TO-ZO'ON, n. pl. } <i>ζωον</i>, an animal.]</p>	<p>2. To pull off or separate with the teeth, beak, or claws; as, to pick flesh from a bone; hence,</p>
<p>2. In the usual and more limited sense, the science of the material system, including natural history and philosophy; expressing the temper, disposition, or other qualities of the mind, by signs in the countenance; or drawing a knowledge of the state of the mind from the features of the face.</p>	<p>Terms applied to zoophytes; also to certain marine animalcules living in the tissues of plants. <i>Dana.</i></p>	<p>3. To clean by the teeth, fingers, or claws, or by a small instrument, by separating something that adheres; as, to pick a bone, to pick the ears.</p>
<p>PHYS-I-OG-NO-MER, See <i>PHYSIOGNOMIST</i>.</p>	<p>Pi, n. A term applied to printers' types, when confusedly mixed or unsorted.</p>	<p>4. To take up; to cause or seek industriously; as, to pick a quarrel.</p>
<p>PHYS-I-OG-NO-MIC, } a. [See <i>PHYSIOGNOMY</i>.] PHYS-I-OG-NO-MIC-AL, } Pertaining to physiognomy; expressing the temper, disposition, or other qualities of the mind, by signs in the countenance; or drawing a knowledge of the state of the mind from the features of the face.</p>	<p>PI'A-MATER, [L.] In anatomy, a thin membrane immediately investing the brain. <i>Cocce.</i></p>	<p>5. To separate or pull asunder; to pull into small parcels by the fingers; to separate locks for loosening and cleaning; as, to pick wool.</p>
<p>PHYS-I-OG-NO-MICS, n. Among <i>physicians</i>, signs in the countenance, which indicate the state, temperament, or constitution of the body and mind. <i>Encyc.</i></p>	<p>PI-A'BA, n. A small, fresh-water fish of Brazil, about the size of the minnow, much esteemed for food. <i>Encyc.</i></p>	<p>6. To pierce; to strike with a pointed instrument; as, to pick an apple with a pin. <i>Bacon.</i></p>
<p>PHYS-I-OG-NO-MIST, n. One that is skilled in physiognomy; one that is able to judge of the particular temper or other qualities of the mind, by signs in the countenance. <i>Dryden.</i></p>	<p>PI'A-ELE, (pi'a-kl,) n. [L. <i>piculum</i>.] An enormous crime. [Not used.] <i>Howell.</i></p>	<p>7. To strike with the bill or beak; to puncture. In this sense, we generally use <i>peck</i>.</p>
<p>PHYS-I-OG-NO-MY, n. [Gr. <i>φυσιογνωμονια</i>; <i>φύσις</i>, nature, and <i>γνωμονικος</i>, knowing; <i>γνωσκω</i>, to know.] The art or science of discerning the character of the mind from the features of the face; or the art of discovering the predominant temper, or other characteristic qualities of the mind, by the form of the body, but especially by the external signs of the countenance, or the combination of the features. <i>Bacon. Lavater.</i></p>	<p>PI-AC'U-LAR, } a. [L. <i>picularis</i>, from <i>pio</i>, to expi- PI-AC'U-LOUS, } ate.]</p>	<p>8. To stey by taking out with the fingers or hands; as, to pick the pocket. <i>South.</i></p>
<p>2. The face or countenance, with respect to the temper of the mind; particular configuration, cast, or expression of countenance. <i>Dryden.</i></p>	<p>1. Expiatory; having power to atone.</p>	<p>9. To open by a pointed instrument; as, to pick a lock.</p>
<p>[This word formerly comprehended the art of foretelling the future fortunes of persons by indications of the countenance.]</p>	<p>2. Requiring expiation.</p>	<p>10. To select; to cull; to separate particular things from others; as, to pick the best men from a company. In this sense, the word is often followed by <i>out</i>.</p>
<p>PHYS-I-OG-NO-MY, n. [Gr. <i>φυσιογνωμονια</i>; <i>φύσις</i>, nature, and <i>γνωμονικος</i>, knowing; <i>γνωσκω</i>, to know.] The art or science of discerning the character of the mind from the features of the face; or the art of discovering the predominant temper, or other characteristic qualities of the mind, by the form of the body, but especially by the external signs of the countenance, or the combination of the features. <i>Bacon. Lavater.</i></p>	<p>3. Criminal; atrociously bad. [These words are little used.]</p>	<p>11. To pitch or cast. [Obs.] <i>Shak.</i></p>
<p>2. The face or countenance, with respect to the temper of the mind; particular configuration, cast, or expression of countenance. <i>Dryden.</i></p>	<p>PI'A-NET, n. [L. <i>pica</i> or <i>picus</i>.] The magpie.</p>	<p>To pick off; to separate by the fingers or by a small pointed instrument.</p>
<p>[This word formerly comprehended the art of foretelling the future fortunes of persons by indications of the countenance.]</p>	<p>PI-A-NIS'SI-MO, n. In music, very soft.</p>	<p>To pick up; to take up with the fingers or beak; also, to take particular things here and there; to gather; to glean.</p>
<p>PHYS-I-O-GRAPH/IC-AL, a. Pertaining to physiography.</p>	<p>PI-A'NIST, n. A performer on the forte-piano, or one well skilled in it. <i>Busby.</i></p>	<p>To pick a hole in one's coat; to find fault.</p>
<p>PHYS'I-OG-RAP-HY, n. [Gr. <i>φύσις</i>, nature, and <i>γραφωω</i>, to describe.] A description of nature, or the science of natural objects. <i>Journal of Science.</i></p>	<p>PI-A'NO, n. In music, soft.</p>	<p>PICK, v. i. To eat slowly or by morsels; to nibble. <i>Dryden.</i></p>
<p>PHYS'I-OL/O-GER, n. A physiologist.</p>	<p>PI-A'NO-FOR'TE, n. [It. <i>piano</i>, from L. <i>planus</i>, plain, smooth, and <i>forte</i>, L. <i>fortis</i>, strong.] A keyed musical instrument, of German origin, and of the harpsichord kind; so called from its softer notes or expressions. Its tones are produced by hammers instead of quills, and of all the keyed instruments it seems to deserve the preference on account of the superior tone, sweetness, and variety, of which it is susceptible. <i>P. Cyc. Hebert.</i></p>	<p>1. A sharp-pointed tool for digging or removing in small quantities. What the miners call chert and whet — is so hard that the <i>pick</i> will not touch it. <i>Woodward.</i></p>
<p>PHYS'I-OL/O-GY, n. [Gr. <i>φύσις</i>, nature, and <i>λογία</i>, to discourse.] A wild, irregular species of music, peculiar to the Highlands of Scotland. It is performed on a bag-pipe, and adapted to excite or assuage passion, and particularly to rouse a martial spirit among troops going to battle. <i>Encyc. Jaquieson.</i></p>	<p>PI-AS'TER, n. [It. <i>piastra</i>, a thin plate of metal, or a dollar. See <i>PLATE</i>.] An Italian coin of about 80 cents value, or 3s. 7d. sterling. But the value is different in different states or countries. It is called, also, a <i>PIECE OF EIGHT</i>. The Spanish piaster is the same as the Spanish or American dollar. The Turkish piaster, formerly worth 25 cents, is now worth only about 8 cents.</p>	<p>2. Choice; right of selection. You may have your pick.</p>
<p>PHYS'I-OL/O-GY, n. [Gr. <i>φύσις</i>, nature, and <i>λογία</i>, to discourse.] A wild, irregular species of music, peculiar to the Highlands of Scotland. It is performed on a bag-pipe, and adapted to excite or assuage passion, and particularly to rouse a martial spirit among troops going to battle. <i>Encyc. Jaquieson.</i></p>	<p>PI-A'TION, n. [L. <i>piatio</i>.] [McCulloch.] The act of making atonement.</p>	<p>3. Among printers, foul matter which collects on printing types from the balls, bad ink, or from the paper impressed. <i>L'Estrange.</i></p>
<p>PHYS'I-OL/O-GY, n. [Gr. <i>φύσις</i>, nature, and <i>λογία</i>, to discourse.] A wild, irregular species of music, peculiar to the Highlands of Scotland. It is performed on a bag-pipe, and adapted to excite or assuage passion, and particularly to rouse a martial spirit among troops going to battle. <i>Encyc. Jaquieson.</i></p>	<p>PI-AZ'ZA, n. [It. for <i>plazza</i>; Sp. <i>plaza</i>; Port. <i>praça</i>, for <i>plaza</i>; Fr. <i>placé</i>; Eng. <i>id.</i>; D. <i>plaats</i>; G. <i>platz</i>; Dan. <i>plads</i>; Sw. <i>plats</i>.] 1. In building, a portico or covered walk supported by arches or columns. <i>P. Cyc.</i></p>	<p>PICK'AX, n. [<i>pick</i> and <i>ax</i>.] An ax with a sharp point at one end and a broad blade at the other. <i>Milton.</i></p>
<p>PHYS'I-OL/O-GY, n. [Gr. <i>φύσις</i>, nature, and <i>λογία</i>, to discourse.] A wild, irregular species of music, peculiar to the Highlands of Scotland. It is performed on a bag-pipe, and adapted to excite or assuage passion, and particularly to rouse a martial spirit among troops going to battle. <i>Encyc. Jaquieson.</i></p>	<p>PIB'-CORN, n. [W., pipe-horn.] Among the Welsh, a wind instrument or pipe with a horn at each end.</p>	<p>PICK'BACK, a. On the back. <i>Hudibras.</i></p>
<p>PHYS'I-OL/O-GY, n. [Gr. <i>φύσις</i>, nature, and <i>λογία</i>, to discourse.] A wild, irregular species of music, peculiar to the Highlands of Scotland. It is performed on a bag-pipe, and adapted to excite or assuage passion, and particularly to rouse a martial spirit among troops going to battle. <i>Encyc. Jaquieson.</i></p>	<p>Pi'BROCH, n. [Gael. <i>piobaireachd</i>, pipe-music; Celtic, <i>piob</i>, <i>piob</i>, a pipe.] A wild, irregular species of music, peculiar to the Highlands of Scotland. It is performed on a bag-pipe, and adapted to excite or assuage passion, and particularly to rouse a martial spirit among troops going to battle. <i>Encyc. Jaquieson.</i></p>	<p>PICK'ED, (pikt,) pp. or a. Plucked off by the fingers, teeth, or claws; cleaned by picking; opened by an instrument; selected.</p>
<p>PHYS'I-OL/O-GY, n. [Gr. <i>φύσις</i>, nature, and <i>λογία</i>, to discourse.] A wild, irregular species of music, peculiar to the Highlands of Scotland. It is performed on a bag-pipe, and adapted to excite or assuage passion, and particularly to rouse a martial spirit among troops going to battle. <i>Encyc. Jaquieson.</i></p>	<p>PI'CA, n. In ornithology, the pie or magpie.</p>	<p>PICK'ED, } a. Pointed; sharp.</p>
<p>PHYS'I-OL/O-GY, n. [Gr. <i>φύσις</i>, nature, and <i>λογία</i>, to discourse.] A wild, irregular species of music, peculiar to the Highlands of Scotland. It is performed on a bag-pipe, and adapted to excite or assuage passion, and particularly to rouse a martial spirit among troops going to battle. <i>Encyc. Jaquieson.</i></p>	<p>PI-CO, n. In medicine, a vitiated appetite which makes the patient crave what is unfit for food, as chaik, ashes, coal, &c.</p>	<p>Let the stake be made <i>picked</i> at the top. <i>Mortimer.</i></p>
<p>PHYS'I-OL/O-GY, n. [Gr. <i>φύσις</i>, nature, and <i>λογία</i>, to discourse.] A wild, irregular species of music, peculiar to the Highlands of Scotland. It is performed on a bag-pipe, and adapted to excite or assuage passion, and particularly to rouse a martial spirit among troops going to battle. <i>Encyc. Jaquieson.</i></p>	<p>3. A printing type, of two sizes, <i>small pica</i> and <i>pica</i>, the former of which is next in size above long primer; probably named from <i>litens picata</i>, a great black letter at the beginning of some new order in the liturgy; hence,</p>	<p>2. In old authors, sprucely or foppishly dressed. [Obs.]</p>
<p>PHYS'I-OL/O-GY, n. [Gr. <i>φύσις</i>, nature, and <i>λογία</i>, to discourse.] A wild, irregular species of music, peculiar to the Highlands of Scotland. It is performed on a bag-pipe, and adapted to excite or assuage passion, and particularly to rouse a martial spirit among troops going to battle. <i>Encyc. Jaquieson.</i></p>	<p>4. <i>Pica</i>, <i>pye</i>, or <i>pie</i>; formerly, an ordinary, a table, or directory for devotional services; also, an alphabetical catalogue of names and things in rolls and records. <i>Encyc.</i></p>	<p>PICK'ED-NESS, n. State of being pointed at the end; sharpness.</p>
<p>PHYS'I-OL/O-GY, n. [Gr. <i>φύσις</i>, nature, and <i>λογία</i>, to discourse.] A wild, irregular species of music, peculiar to the Highlands of Scotland. It is performed on a bag-pipe, and adapted to excite or assuage passion, and particularly to rouse a martial spirit among troops going to battle. <i>Encyc. Jaquieson.</i></p>	<p>PI'CA-MAR-YNA, n. The sea-pye or oyster-catcher; a gallatry aquatic fowl, the <i>fleamatus ostralegus</i>. This fowl feeds on oysters, limpets, and marine insects.</p>	<p>2. Foppery; spruceness. <i>Johnson.</i></p>
<p>PHYS'I-OL/O-GY, n. [Gr. <i>φύσις</i>, nature, and <i>λογία</i>, to discourse.] A wild, irregular species of music, peculiar to the Highlands of Scotland. It is performed on a bag-pipe, and adapted to excite or assuage passion, and particularly to rouse a martial spirit among troops going to battle. <i>Encyc. Jaquieson.</i></p>	<p>PIC'A-MAR, n. [L. <i>piz</i> and <i>amarum</i>.] The bitter principle of pitch, an oil-like, transparent fluid.</p>	<p>PICK'ER, n. [Fr. <i>picorer</i>; from <i>pick</i>.] <i>Hudibras.</i></p>
<p>PHYS'I-OL/O-GY, n. [Gr. <i>φύσις</i>, nature, and <i>λογία</i>, to discourse.] A wild, irregular species of music, peculiar to the Highlands of Scotland. It is performed on a bag-pipe, and adapted to excite or assuage passion, and particularly to rouse a martial spirit among troops going to battle. <i>Encyc. Jaquieson.</i></p>	<p>FATE, FAR, FALL, WHAT.—MÈTE, PREY.—PINE, MARINE, BIRD.—NÔTE, DOVE, MOVE, WOLF, BQOK.—</p>	<p>1. To pillage; to pirate.</p>
<p>PHYS'I-OL/O-GY, n. [Gr. <i>φύσις</i>, nature, and <i>λογία</i>, to discourse.] A wild, irregular species of music, peculiar to the Highlands of Scotland. It is performed on a bag-pipe, and adapted to excite or assuage passion, and particularly to rouse a martial spirit among troops going to battle. <i>Encyc. Jaquieson.</i></p>	<p>2. To skirmish, as soldiers on the outpost of an army, or in pillaging parties.</p>	<p>PICK'ER, n. One that picks or culls. <i>Mortimer.</i></p>
<p>PHYS'I-OL/O-GY, n. [Gr. <i>φύσις</i>, nature, and <i>λογία</i>, to discourse.] A wild, irregular species of music, peculiar to the Highlands of Scotland. It is performed on a bag-pipe, and adapted to excite or assuage passion, and particularly to rouse a martial spirit among troops going to battle. <i>Encyc. Jaquieson.</i></p>	<p>3. One that excites a quarrel between himself and another.</p>	<p>2. A pickax or instrument for picking or separating. <i>Mortimer.</i></p>
<p>PHYS'I-OL/O-GY, n. [Gr. <i>φύσις</i>, nature, and <i>λογία</i>, to discourse.] A wild, irregular species of music, peculiar to the Highlands of Scotland. It is performed on a bag-pipe, and adapted to excite or assuage passion, and particularly to rouse a martial spirit among troops going to battle. <i>Encyc. Jaquieson.</i></p>	<p>PICK'ER-EL, n. [from <i>pika</i>.] A name somewhat loosely applied to several species of fresh-water fish belonging to the pike family.</p>	<p>3. One that excites a quarrel between himself and another.</p>
<p>PHYS'I-OL/O-GY, n. [Gr. <i>φύσις</i>, nature, and <i>λογία</i>, to discourse.] A wild, irregular species of music, peculiar to the Highlands of Scotland. It is performed on a bag-pipe, and adapted to excite or assuage passion, and particularly to rouse a martial spirit among troops going to battle. <i>Encyc. Jaquieson.</i></p>	<p>PICK'ER-EL-WEED, n. A water plant, so called because it was supposed to breed pickerels. <i>Walton.</i></p>	<p>PICK'ER-EL, n. [from <i>pika</i>.] A name somewhat loosely applied to several species of fresh-water fish belonging to the pike family.</p>